

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CHRISTIANE ROCHA NOVAS

**A POTÊNCIA DIDÁTICA DAS ESCRIVÊNCIAS NO TRABALHO COM OS
MIGRANTES DE CRISE**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

São Paulo

2024

CHRISTIANE ROCHA NOVAS

**A POTÊNCIA DIDÁTICA DAS ESCRIVIVÊNCIAS NO TRABALHO COM OS
MIGRANTES DE CRISE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem sob a orientação da Profa. Dra. Fernanda Coelho Liberali.

São Paulo

2024

NOVAS, Christiane Rocha. 2024.

A potência didática das escrevivências no trabalho com migrantes de crise.

Christiane Rocha Novas, 2024. 189f. 30cm.

Orientadora: Fernanda Coelho Liberali.

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2024.

1. Escrevivências. 2. Patrimônio Vivencial. 3. Migrantes. 4. Multiletramento Engajado 5. Decolonialidade 6. Interculturalidade. I. LIBERALI, Fernanda Coelho. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. III. Formação Decolonial de Educadores: o Multiletramento Engajado em um projeto de extensão.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta dissertação por processos fotocopadores ou eletrônicos.

CHRISTIANE ROCHA NOVAS

**A POTÊNCIA DIDÁTICA DAS ESCRIVÊNCIAS NO TRABALHO COM OS
MIGRANTES DE CRISE**

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Coelho Liberali.

Aprovada em ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fernanda Coelho Liberali -
Orientadora
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –
PUC-SP

Profa. Dra. Angela Brambilla Cavenaghi
Themudo Lessa
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –
PUC-SP

Profa. Dra. Marisol Patricia Saucedo Revollo
Lage
Colégio Miguel de Cervantes

*Dedico este trabalho aos **migrantes, estudantes, professoras e professores** que contribuíram para esta pesquisa. Agradeço profundamente pela oportunidade de aprendizagem que juntos construímos, e por abrirem novas possibilidades para a transformação social. A cada um de vocês, expresso a minha mais sincera gratidão por compartilharem seu tempo, a sua energia e as suas histórias. Espero que este trabalho contribua para o nosso contínuo desenvolvimento como seres humanos mais conscientes e atentos.*

*Ao **Pedro**, meu filho, que me acompanhou durante toda a realização desta pesquisa, primeiro, no ventre e, desde que saiu dali, transborda em todos os meus espaços. Transborda amor, transborda transformação. Você, filho, assim como esta pesquisa, transformou-me. Espero que este trabalho possa contribuir, mesmo que modestamente, para uma educação mais livre das injustiças – da qual desejo que você faça parte. Dedico também a **todas as mães migrantes** vulnerabilizadas, cuja resistência e força transcendem as adversidades enfrentadas. A maior prova de amor que um filho pode ter recebido na vida, certamente, veio dessas mulheres. A vocês, todo o meu carinho.*

*Por último, dedico este trabalho a uma amiga muito especial, **Diana Angelo Martins**, e ao seu amado filho, **Joaquim Ângelo Martins Braga Escaleira**. Diana, você, mãe e educadora, é uma fonte inesgotável de inspiração para mim. Sempre foi, você sabe. Joaquim, embora ausente fisicamente, permanece uma presença luminosa em nossos corações, e seu nome continuará a ecoar entre nós, repleto de vida e significado. A educação, campo em que você se destaca com tamanha dedicação e paixão, precisa profundamente de pessoas como você, que são capazes de ensinar não apenas com palavras, mas com a força da própria vida. Celebro e honro a memória do Joaquim e o legado que vocês dois constroem juntos, uma chama eterna que ilumina nossos caminhos e lembra-nos da beleza do amor que perdura além das fronteiras da vida terrena.*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Financing Code 001

Número do processo: 88887.630908/2021-00.

Agradecimento à PUC-SP pelo apoio financeiro.

AGRADECIMENTOS

Reconheço o privilégio de estar cercada por pessoas incríveis, das quais aprendo muito e que admiro imensamente. Tentarei nomear aqueles a quem sou grata, mas sei que falharei e que, a cada vez que eu ler essas páginas, certamente, sentirei a falta de ter mencionado alguém especialmente importante.

A começar pela gratidão imensurável que tenho pelos meus alicerces, o amor incondicional, o apoio incansável e a dedicação profunda de minha família formam a base de quem sou e de onde estou. Por isso, é com um coração cheio de gratidão que dirijo um especial agradecimento aos meus pais, **Rosana Rocha Novas e Mauro Sergio Novas**. Vocês não apenas me deram a vida, mas também a liberdade de sonhar e a segurança de uma rede de apoio que nunca falha. Juntos celebramos cada conquista minha e de meu irmão com uma alegria que transcende palavras. A vocês, minha eterna gratidão e amor.

Expresso também minha gratidão ao meu irmão, **Elthon David Rocha Novas**, por me incentivar em todos os momentos no meu percurso na educação. Seu olhar sempre se destacou como o mais carinhoso em cada uma das minhas conquistas nessa área, e isso constantemente me motivou a ir além.

Ao amor da minha vida, meu marido, minha melhor companhia, pai dedicado e a pessoa mais fascinante que já conheci, **Alexandre Gregianin**: você é a razão do meu sorriso diário, seu apoio incondicional me fortalece. É indiscutível que a sua parceria foi essencial para que eu conseguisse seguir com meus estudos acadêmicos. Você me emociona em cada detalhe, impressiona com sua responsabilidade e cuidado amoroso comigo e com nosso filho, e ensina-me a importância de sonhar de um modo genuinamente puro e inspirador. Te amo!

Parte de mim também são minhas grandes amigas, amigos e amigues, que comigo celebram, mas também são confidentes e colo em meio às tempestades da vida. Obrigada a todos e todas, especialmente **Laercio Franciulli, Fabiana Chagas, Camilla Brito, Camila Rodrigues, Isadora Gregianin, Patricia Shizue, Tabata Baratella, Rodolfo Bonfim, Jose Moraes, Tatiane Nascimento, Brunna Novo e Juliana Pinheiro**. Agradeço cada risada compartilhada, cada abraço reconfortante, cada vez que me motivaram e encorajaram durante este desafiador percurso do mestrado, seja por meio de um gesto de cuidado, durante encontros casuais, cafés da manhã que por vezes viravam pensão completa ou em nossos encontros

temáticos. Mesmo à distância, através de mensagens rápidas ou trocas virtuais, vocês estiveram ao meu lado, apoiando-me e incentivando-me com palavras de encorajamento. Não foi fácil, mas, com o apoio de vocês, tornou-se mais possível. Vocês são mais do que amigos, são família.

Aos meus tão amados meninos, **Martin Rodrigues Novas, Pedro Gregianin Novas, Guilherme Rodrigues Chagas de Moraes e Lucas Katsuura Marangoni**: cada um de vocês trouxe uma luz única para minha vida, ensinando-me sobre o amor mais puro e genuíno. Desde o momento em que cada um de vocês vieram ao mundo, tornaram-se minha maior fonte de inspiração e motivação para lutar por um mundo com mais oportunidades e possibilidades. Obrigada por darem mais vida e significado para os meus sonhos!

Também sou imensamente grata às queridas **Stephanie Silva Feliciano e Marcia Leopoldina de Sousa**. Foi graças ao trabalho de vocês que eu pude encontrar tempo para realizar grande parte desse trabalho.

Agradeço **imensamente a todos os pesquisadores, colegas e amigos do Projeto Brincadas e do Grupo Lace**, que com seus olhares atentos e corações dispostos, questionam, buscam sempre mais conhecimento, não se acomodam e inspiram mudanças significativas através da educação. Agradeço também pelas leituras, críticas e sugestões em meu processo de escrita da dissertação. Com profunda gratidão, celebro a luz de cada um de vocês e sinto um orgulho imenso de caminhar ao lado de vocês: **Bianca Sgai Franco Medeiros, Luciana Kool Modesto-Sarra, Viviane Carrijo, Rafael Pejão, Thiago Lázaro, Cris Meaney, José Carlos, Joyce Dias, Daniela Pellossi, Francisco Estefogo, Larissa Mazuchelli, Marisol Revollo, Sarah Bento, Sandra Borges, Vanessa Caires, Alex Garrido, Claudia Paes e Levi Corrêa**.

Às professoras inestimáveis, mulheres extraordinárias que tanto me inspiram e com quem tive o privilégio de cursar disciplinas ao longo do percurso do mestrado: **Fernanda Liberali, Angela Lessa, Mara Sophia Zanotto, Maria Cecília Camargo Magalhães, Maria Cecília P. Souza-e-Silva e Sumiko Nishitani Ikeda**. Sempre lembrarei com carinho das nossas trocas em sala de aula e do valioso conhecimento que trouxeram para minha dissertação, manifesto toda a minha gratidão. Durante a maior parte das disciplinas que cursei, estava grávida do meu amado filho, Pedro. Guardarei para sempre em meu coração o olhar cuidadoso que direcionaram a mim e a ele.

Agradeço à minha querida amiga e professora, **Edna Carmo**. Sua bondade genuína transborda do coração. Foi você quem me incentivou a iniciar essa jornada. Seu apoio foi fundamental para que eu desse os primeiros passos nesse caminho.

Às queridas Professoras Doutoras **Angela Lessa** e **Marisol Lage**, gostaria de expressar um agradecimento especial a vocês, que estiveram presentes, juntamente com a Fê, na minha banca de qualificação e contribuíram de maneira absolutamente significativa para o meu trabalho. Agradeço imensamente por toda dedicação e apoio!

À **Maria Cecília Camargo Magalhães**, a **Ciça**, e ao **José Carlo Barbosa Lopes**, agradeço por terem aceitado, tão prontamente, o convite para estarem, como avaliadores suplentes, na minha banca de defesa.

Às queridas **Sandra Madureira** e **Maria Lucia dos Reis**, pelo atendimento sempre solícito e pelo auxílio disposto e atencioso em todas as demandas da secretaria acadêmica.

À minha querida orientadora, **Fernanda Liberali**, muito obrigada! É verdadeiramente um privilégio poder compartilhar momentos ao seu lado e, ainda mais, ter a oportunidade de ser sua orientanda. Além de ser uma professora incomparável, você é uma pessoa alegre que contagia a todos com a sua alegria, com uma escuta ativa, leve e com uma visão extremamente atenta às questões sociais, além de possuir uma inteligência admirável. Sempre guardarei com carinho todas as experiências que compartilhamos ao longo desse caminho, especialmente a forma como você sempre foi tão atenciosa comigo. Mesmo durante uma semana tão corrida para você, enquanto se dedicava à sua livre-docência, encontrava tempo para me ajudar, sempre buscando a melhor versão possível da minha dissertação. Obrigada, de todo coração, por estar ao meu lado nesta jornada. Seguimos juntas!

À **PUC** e à **CAPES**, expresso minha eterna gratidão por tornarem possível a realização deste sonho. Muito obrigada!

*“Dei José, dei Antônio, Maria, dei. Daria.
Dou. Quantos vierem. É só abrir o olho. Nem bem
chorou, xô. Não posso criar.
É feito gato, não tem mistério. É feito cachorro na
rua, rato no esgoto. Moço, quem cria? É fácil
pimenta no cu dos outros.”*

Darluz

(FREIRE, M., 2021, p. 20)

RESUMO

Esta pesquisa objetivou investigar e analisar atividades mobilizadoras do Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020) com um grupo de estudantes do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Perus I, fundamentadas em escrevivências (Evaristo, 2003) – baseadas em memórias de migrantes – por meio do trabalho com o Multiletramento Engajado (Liberali, 2022). Ao longo do primeiro semestre de 2022, um grupo de pesquisadores da PUC-SP visitou locais onde migrantes trabalhavam e estudavam e estabeleceu conversas com esses sujeitos. Entrar em contato com essa realidade foi fundamental para que os pesquisadores, em parceria com o CIEJA Perus I, elaborassem um encontro do Projeto de Extensão e Pesquisa Brincadas – organizado pelo grupo de pesquisa Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (LACE) da PUC-SP – desenvolvido para e com alunos dessa escola, com atividades mobilizadoras que se pautaram nas narrativas desses migrantes. A metodologia deste estudo apoiou-se na Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) (Magalhães, 2009), cujo *corpus* foi analisado a partir do enfoque qualitativo-interpretativista, em propostas com intencionalidade de transformar os envolvidos. A fundamentação teórica deste trabalho ancorou-se nos seguintes pilares: Escrevivências, Decolonialidade, Interculturalidade, Migrações de crise, Multiletramento Engajado e Patrimônio vivencial. Para a coleta e seleção de dados, foi realizada a transcrição dos diálogos do evento, obtidos a partir dos dados coletados pela análise de gravações, que compuseram 180 minutos de conteúdo; além dos registros de planejamento. A análise de dados foi realizada a partir das ações da reflexão crítica (Liberali, 2018; Smyth, 1992): descrever, informar, confrontar e reconstruir e da interpretação multimodal (Kress, 2010). Os resultados evidenciaram que o trabalho com escrevivências, ao dar visibilidade às memórias dos migrantes, teve um grande potencial para a expansão de Patrimônio Vivencial. Esse processo destacou-se quando os participantes compartilharam suas experiências pessoais, o que criou um ambiente de trocas profundas que transcenderam barreiras linguísticas. A expansão de patrimônio, como visto, fortalece a consciência crítica em situações de injustiça com migrantes e outros grupos minoritários, pois promove mudanças positivas na sociedade.

Palavras-chave: Escrevivências; Patrimônio Vivencial; Migrantes; Multiletramento Engajado; Interculturalidade; Decolonialidade.

ABSTRACT

This research aimed to investigate and analyze activities that mobilize experiential heritage (Megale; Liberali, 2020) with a group of students from the Integrated Center for Youth and Adult Education (CIEJA) Perus I, based on writing-living (Evaristo, 2003), based on memories of migrants, through work with Engaged Multiliteracy (Liberali, 2022). Throughout the first half of 2022, a group of researchers from PUC-SP visited places where migrants worked and studied and established conversations with these subjects. Getting in touch with this reality was fundamental for the researchers, in partnership with CIEJA Perus I, to prepare a meeting of the Extension and Research Project Brincadas – organized by the research group Language in Activities in the School Context (LACE) of PUC-SP – developed for and with students from this school, with mobilizing activities that were based on the narratives of these migrants. The method of this study was based on the Critical Research of Collaboration (PCCol) (Magalhães, 2009), whose corpus was analyzed from the qualitative-interpretative approach, in proposals to transform those involved. The theoretical foundation of this work was anchored in the following pillars: Writing-living, Decoloniality, Interculturality, Crisis Migrations, Engaged Multiliteracy, and Experiential Heritage. For data collection and selection, the transcription of the dialogues of the event was carried out, obtained from the data collected by the analysis of recordings, which composed 180 minutes of content in addition to planning records. Data analysis was carried out based on the actions of critical reflection (Liberali, 2018; Smyth, 1992): describe, inform, confront, and reconstruct and multimodal interpretation (Kress, 2010). The results demonstrated that working with writing-living, by giving visibility to migrants' memories, has significant potential for expanding experiential heritage. This process stood out when participants shared their personal experiences, creating an environment of profound exchanges that transcend linguistic barriers. This expansion of heritage strengthens critical awareness in situations of injustice involving migrants and other minority groups, promoting positive changes in society.

Keywords: Writing-living; Experiential Heritage; Migrant; Engaged Multiliteracy; Interculturality; Decoloniality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de parte do grupo de pesquisadores na Praça da Kantuta	35
Figura 2 – Foto do grupo de pesquisadores e alunos em um registro ao final do encontro	37
Figura 3 – Foto do momento de saudação de um dos participantes	72
Figura 4 – Foto do momento de resposta da saudação de todos os participantes ...	72
Figura 5 – Foto do abraço na colega durante a atividade, no momento da transição de lugares.....	73
Figura 6 – Foto da atividade “Espelho”.....	74
Figura 7 – Fotos das “Reações a situações”, momento de chegada em um país que não se sabe falar o idioma.	75
Figura 8 – Fotos do momento que a participante conta do falecimento do marido. ...	80
Figura 9 – Fotos em que a participante abraça o colega.....	80
Figura 10 – Fotos em que participantes abraçam a colega.....	80
Figura 11 – Fotos do momento que os participantes estão vendo a fotografia da filha do Participante 3.	82
Figura 12 – Fotos do momento que o Participante 5 inicia o seu depoimento.	85
Figura 13 – Foto do Participante 5 dando sequência ao seu depoimento.....	85
Figura 14 – Foto do Participante 5 recebendo apoio por meio de gesto de carinho do Participante 2.	85
Figura 15 – Foto dos estudantes do CIEJA Perus I, participantes do Grupo 2, durante a discussão em grupo.....	90
Figura 16 – Foto do momento em que as estudantes compartilham com o Marcelo, intérprete, as suas histórias.....	90
Figura 17 – Foto do momento em que o estudante e a pesquisadora-participante riram juntos, motivados pelo diálogo descontraído.....	94
Figura 18 – Fotos do momento de construção da cena para a apresentação da produção de mudança social.....	96
Figura 19 – Fotos do momento em que a Participante 1 está compartilhando a sua história.....	100
Figura 20 – Foto da linguagem corporal da Participante 2 durante o depoimento da Participante 1:	101

Figura 21 – Foto da linguagem corporal da Participante 2 após compartilhar o seu depoimento:	103
Figura 22 – Fotos de finalização da cena descrita acima.....	107
Figura 23 – Foto da <i>performance</i> Grupo 4	112
Figura 24 – Foto de encerramento com todos os participantes	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisas correlatas	25
Quadro 2 - Organização cronológica dos estudos correlatos.....	26
Quadro 3 - Informação dos participantes presentes	38
Quadro 4 - Credibilidade da pesquisa	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIEJA	Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COLINA	Coletivo de Investigação e Ação
COVID-19	<i>Coronavirus Disease</i> 2019 (Doença do Coronavírus 2019)
ECA-USP	Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
LACE	Grupo de Pesquisa Linguagem em Atividade no Contexto Escolar
LAEL	Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
ME	Multiletramento Engajado
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCCol	Pesquisa Crítica de Colaboração
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TASHC	Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	O PERCURSO DA PESQUISADORA E O NASCIMENTO DESTE PROJETO	18
1.2	ESTUDOS CORRELATOS	24
2	OS SABERES E PROJETOS QUE CONTEXTUALIZAM ESTA PESQUISA	30
2.1	PROJETO BRINCADAS, SEU CONTEXTO E SUA RELAÇÃO COM ESTA PESQUISA	31
2.2	PARTICIPANTES DA PESQUISA	37
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	40
3.1	MIGRAÇÕES - PESSOAS EM MOVIMENTO	40
3.2	DECOLONIALIDADE	42
3.3	INTERCULTURALIDADE	44
3.4	PATRIMÔNIO VIVENCIAL.....	47
3.4.1	Patrimônio do conhecimento	47
3.4.2	Perejivánie.....	49
3.4.3	Repertório e translinguagem	50
3.4.4	Patrimônio Vivencial	53
3.5	ESCREVIVÊNCIAS (MEMÓRIAS)	55
3.6	MULTILETRAMENTO ENGAJADO.....	57
4	METODOLOGIA DE PESQUISA	61
4.1	PESQUISA CRÍTICA DE COLABORAÇÃO - PCCOL.....	61
4.2	PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO, COLETA E SELEÇÃO DE DADOS .	63
4.3	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	64
4.4	CREDIBILIDADE E ÉTICA.....	65
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	69

5.1	BRINCADAS NO CIEJA PERUS I.....	70
5.1.1	Imersão na realidade.....	71
5.2	CONSTRUÇÃO CRÍTICA DE GENERALIZAÇÕES	76
5.2.1	Grupo 1	77
5.2.2	Grupo 2	86
5.2.3	Grupo 3	91
5.2.4	Grupo 4	97
5.3	PRODUÇÃO DE MUDANÇA SOCIAL.....	105
5.3.1	Grupo 1	105
5.3.2	Grupo 2	108
5.3.3	Grupo 3	110
5.3.4	Grupo 4	111
5.4	FINALIZAÇÃO DO ENCONTRO	112
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
	REFERÊNCIAS.....	122
	APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO	128
	ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA RETIRADO DO PORTAL - PLATAFORMA BRASIL.....	178

1 INTRODUÇÃO

Para dar início a este trabalho, descreve-se o percurso da pesquisadora e o nascimento deste projeto, ou seja, as motivações para sua realização, seguido dos objetivos e perguntas de pesquisa. São também apresentadas as pesquisas correlatas ao tema que contribuíram direta ou indiretamente para sua realização.

Na sequência, identifica-se o contexto em que a pesquisa foi realizada, bem como os projetos que contribuíram para que ela fosse gerada. Portanto, a segunda seção desta dissertação é dedicada para esse fim.

Nos capítulos que se seguem, é abordada a fundamentação teórica, a metodologia da pesquisa, a análise e discussão dos dados e, por fim, as considerações finais – a síntese dos pontos mais relevantes deste trabalho.

1.1 O PERCURSO DA PESQUISADORA E O NASCIMENTO DESTE PROJETO

Nasci dia 1º de dezembro de 1988, um mês antes do planejado. Desde cedo, minha mãe sempre falou que “eu sou muito adiantada” – a começar pelo nascimento, visto que não aguentei esperar até o nono mês para vir ao mundo. E, “como toda mãe”, a minha também estava coberta de razão. Praticamente, não usei chupeta (não gostava), aprendi a ler cedo e, com 6 anos de idade, já estava na primeira série (em uma época que as crianças iniciavam essa fase com 7 anos).

Embora fôssemos uma família de classe média baixa, nunca me faltou nada. Tive uma infância muito feliz, repleta de amor e com bastante tempo para brincar. Morávamos eu, meus pais, meu irmão, minha avó, meu avô e minha bisavó no mesmo espaço. Todas as noites, quando os meus pais chegavam do trabalho, a minha mãe fazia a nossa janta e o meu pai contava uma história da Turma da Mônica para que eu pudesse dormir – segundo os meus pais, começou aí o meu interesse precoce pela leitura e, conseqüentemente, pela escrita.

A leitura e a escrita sempre fizeram parte da minha vida. Quando pequena, brincava muito de “professora” e adorava escrever histórias e poemas. Uma vez, inclusive, fiz uma poesia despretensiosa para o meu irmão, que mais tarde viria a ser a poesia vencedora de um concurso infantil na cidade em que eu morava (Guarulhos).

Os anos passaram e muitas coisas aconteceram para estar aqui, hoje, cursando o meu tão sonhado mestrado acadêmico.

No Ensino Médio fui incentivada pelos meus pais a fazer, conjuntamente, o Ensino Técnico e o Médio, o que me abria portas no mercado de trabalho. Na época, optei pelo técnico em nutrição e, como não abriu a turma, a minha segunda opção era o curso técnico em publicidade e propaganda. Nada mal! Gostei do curso, formei-me no Ensino Médio e Técnico e segui para a faculdade. Como já conhecia um pouco sobre Comunicação por conta do curso técnico, resolvi permanecer naquele território seguro. Li bastante sobre os cursos de comunicação oferecidos na graduação e, entre eles, optei por Comunicação Social com ênfase em Relações Públicas.

No terceiro mês de aula da faculdade estava estagiando e, um ano e meio depois, já tinha o meu primeiro emprego formal. Graduei-me em 2009, quando acabara de fazer 21 anos. Três anos passaram-se e já estava com o meu segundo diploma do Ensino Superior referente ao meu mestrado profissional em *marketing*.

Acredito que é a partir daqui que as minhas inquietações mais profundas começam. Com 24 anos, assumi meu primeiro cargo de liderança formal. Eu era Coordenadora de Comunicação Institucional de uma entidade não governamental, sem fins lucrativos, que tinha como objetivo colaborar para o desenvolvimento das Ciências Criminais no Brasil. Bem diferente dos meus empregos anteriores, em que a busca da empresa era sempre por lucro; via-me, então, trabalhando por uma causa social; e isso me fazia sentir contribuindo para um bem maior, para o Bem Viver (Krenak, 2020).

No entanto, quanto mais eu estudava para compor o arcabouço necessário para o meu trabalho na ONG, mais eu tinha acesso a informações relacionadas às questões sociais que assolavam o Brasil e mais eu começava a perceber que a "MINHA" causa não era exatamente a mesma da ONG em que eu trabalhava – embora, eu reconheça o grande valor do trabalho deles.

Cada dia que passava, tinha [e ainda tenho] para mim que uma das grandes questões que contribuem para o bom desenvolvimento da sociedade era [é] uma boa educação. E fui percebendo que era com esse tema que eu queria atuar.

A primeira ação nessa direção foi começar a trabalhar como professora voluntária de interpretação de texto em uma ONG que tem como missão promover a inclusão da população negra e pobre nas universidades. Foi um trabalho que durou um ano e que foi muito importante para mim, pois, ao perceber que estava ajudando outras pessoas, comecei a entender o que era um trabalho com propósito. Desde então, entendi que queria trilhar o meu caminho no sentido de lecionar.

Então, com 26 anos, comecei a frequentar as aulas do mestrado da ECA-USP, como aluna especial. Fiz isso durante um ano e meio. Adorava todo o conteúdo estudado e era muito dedicada. Porém, infelizmente, naquele momento era inviável dedicar-me a esse curso nos horários em que as aulas eram ofertadas. Portanto, planejei-me financeiramente e, em outubro de 2016, com 27 anos, pedi o meu desligamento com o objetivo de rumar a caminho da minha “nova carreira”. Entre os meses de outubro e dezembro de 2016, acionei toda a rede de contatos que trabalhava com educação com o objetivo de me informar sobre a área, comecei a enviar currículo, participar de processos seletivos e de cursos que me conectavam ao meu propósito. Aqui, um parêntese: não podia imaginar, mas minha história com a minha futura orientadora começava nesse momento. Em um desses cursos livres que me propus a fazer, conheci a Fernanda Liberali, a minha orientadora de mestrado. Com ela, participei de um curso de “Clown”, muito divertido, cheio de significados e que viria a fazer ainda mais sentido ao conhecer, lá no futuro, em 2021, o Projeto Brincadas. Na ocasião, lembro-me de conversar com ela e de ela me contar que era professora e que lecionava na PUC. Eu, que estava começando a trilhar um caminho rumo à educação, fiquei admirada por conhecer uma mulher que exalava potência e que trabalhava na área da educação. Imaginem se eu não me senti MUITO inspirada?! Pois bem, adicionei ela no Instagram e foi por essa rede social que ficamos conectadas por longos anos.

Bem, já que não caberia na minha rotina um mestrado acadêmico por hora, então decidi fazer uma nova faculdade que estivesse conectada com a área da educação – foi aqui que surgiu o interesse pela pedagogia. Motivada por uma amiga que me falou muito bem do Instituto Singularidades, conheci a faculdade, gostei muito da grade e da proposta e matriculei-me. No entanto confesso que continuava com bastante receio de “abandonar” a minha carreira que havia construído por dez anos.

Minha paixão por comunicação tornou-me uma relações públicas dentro da educação, o que, na prática, leva-me a ser uma ativista de conexões, relações e a empenhar-me em proporcionar, por meio das minhas iniciativas, o direito mais básico do ser humano: acesso ao conhecimento em sua forma mais livre possível.

Então, em janeiro de 2017, em uma mesma semana, duas coisas um pouco distintas, mas, ao mesmo tempo correlatas, aconteceram. Enviara meu currículo para algumas escolas de educação infantil e estava participando de processos seletivos para lecionar em algumas faculdades na área de Comunicação e Marketing (minha

primeira formação). Com apenas dois dias de diferença, recebi o retorno de que eu fora aprovada em um estágio para trabalhar, no período vespertino, como auxiliar de sala, com crianças de 5 anos de idade, e como professora titular em uma universidade, no período noturno, para lecionar com a turma de Comunicação Social com ênfase em Relações Públicas, minha primeira formação. Aceitei os dois desafios e assim permaneci por um ano. Foi um ano feliz, contudo bem intenso, com dois empregos, a organização do meu casamento em vista e a do que seria o meu novo lar. Não era difícil prever que, em algum momento, a estafa viria. Então, tive de tomar uma decisão e acabei desligando-me da faculdade e segui estagiando em escolas – dessa vez, em 2018, para crianças de 4º. Ano do Fundamental.

Já em 2019, outra oportunidade surgiu: trabalhar com Assessoria Pedagógica na Somos Educação. O mote principal desse trabalho era trabalhar em projetos de formação de educadores e na construção de materiais pedagógicos que beneficiariam a forma de levar a educação a muitos estudantes de todo o Brasil. "Brasil", está aí a "palavra-chave" desse momento profissional. Eu viajava para diversos locais do Brasil, muitos em situação de pobreza – e bastante diferentes da bolha em que eu vivo – para visitar as escolas; e, mais do que formação profissional, trabalhar como assessora pedagógica escancarou-me, de uma forma muito profunda, as desigualdades e injustiças sociais do país.

Quanto mais eu viajava a trabalho, maior era a angústia, maior era a vontade de fazer, de alguma forma, parte de uma grande mudança na área da educação.

O ano aqui era 2021. Após dois anos nesse trabalho e em meio à pandemia do Coronavírus¹ – depois de muito conversar com diversas pessoas da área de educação que eu admirava, conheci o mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC. E, mais do que conhecer o mestrado em Linguística Aplicada, falaram-me de uma professora e orientadora da PUC que, certamente, tinha um trabalho pelo qual iria me apaixonar: o nome dela era Fernanda Liberali. Na hora, pensei "opa, conheço esse nome! Li diversos textos dela durante a minha faculdade. Mas, calma! 'L-I-B-E-R-A-L-I', esse nome não me é estranho. Além dos textos da

¹A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo Coronavírus (Covid-19) constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada, pela OMS, como uma pandemia - OPAS Brasil. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>.

faculdade, tenho ela também no Instagram! Não acredito! É aquela professora admirável que conheci em 2016, em um curso de Clown!". Bem, dados os fatos, eu, que acredito em sinais, tinha a certeza de que isso era um sinal – e dos bons! E aqui começa a minha trajetória com a PUC, com a Fernanda Liberali, com o Projeto Brincadas e, conseqüentemente, com a minha dissertação.

Além de todo o percurso na academia para a realização deste mestrado que, fundamentalmente, é base para este projeto, decerto existem pontos decisivos que contribuíram para o meu interesse por esta pesquisa.

O interesse pelo tema surgiu a partir de um convite da minha orientadora, a professora Dra. Fernanda Liberali, para fazer parte do grupo de pesquisas de um projeto coordenado por ela, intitulado “Memórias de migrantes na pandemia: narrativas de resistência no enfrentamento do racismo”, que é o guarda-chuva do meu projeto e está descrito mais adiante.

Ao aceitar o convite e fazer parte do grupo de pesquisas desse projeto, passei a interessar-me e a estudar mais sobre o público-alvo do projeto (migrantes de crise) e participar de diversas iniciativas relacionadas ao tema. Nesse momento nós, Fernanda e eu, já havíamos definido que a minha pesquisa teria alguma relação com essa temática, porém somente depois de percorrer um longo caminho imersivo na temática que pude entender exatamente qual seria o meu objeto de estudo.

Destaco cinco iniciativas, a seguir, que considero as principais motivações para o meu interesse por essa pesquisa: 1) realização da disciplina "Perspectivas de Freire e de Vygotsky para uma Linguística Aplicada Decolonial", a qual me propiciou realizar discussões e pesquisas focalizadas nos migrantes de crise; 2) leitura do livro "Insubmissas lágrimas de mulheres", de Conceição Evaristo, que contribuiu para que eu compreendesse a potencialidade das escrituras; 3) turismo acadêmico à Praça da Kantuta, local que me proporcionou experimentações deliciosas de comidas da cultura boliviana e conversas com os migrantes que trabalham no local; 4) encontro com alunos migrantes do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Perus I, que me ajudou a entender um pouco sobre como eles elaboraram formas de enfrentamento das adversidades.

Posterior à realização do turismo acadêmico e encontro com alunos migrantes do CIEJA Perus, a partir de todo o conhecimento que o grupo adquiriu sobre as histórias vividas por migrantes, a análise dos dados produzidos culminou, em um

primeiro momento, em produções textuais consideradas escrevivências (Evaristo, 2017).

Em um segundo momento, essas mesmas produções textuais, as escrevivências, foram utilizadas como base para o planejamento de um encontro do Projeto Brincadas², no CIEJA Perus, objeto de estudo desta dissertação. Esse encontro teve como mote principal compartilhar as histórias de vida dos migrantes, com todos os alunos presentes, por meio das escrevivências elaboradas pelo grupo de pesquisadores. O que não imaginávamos, quando planejamos o encontro, é que essas escrevivências seriam multiplicadas em tantas outras histórias que facilmente poderiam também se transformar em escrevivências.

Ainda que eu tenha participado, como pesquisadora, de todo o percurso, foi somente após a realização do evento, a partir da perejivânie³ (Vygotsky, [1934]/1994) que ele me causou e com o apoio da minha orientadora, Professora Dra. Fernanda Liberali, que nasceu a motivação para pesquisar sobre o tema e torná-lo a minha dissertação de mestrado.

Mediante toda essa conjuntura, o objetivo geral deste trabalho foi **investigar e analisar atividades mobilizadoras do Patrimônio Vivencial** (Megale; Liberali, 2020) **com um grupo de estudantes do CIEJA Perus I, fundamentadas em escrevivências (Evaristo, 2017) – baseadas em memórias de migrantes.**

Para esse fim, esta pesquisa foi organizada a partir de uma pergunta de pesquisa, seguida de três subperguntas:

1) Como se realiza uma atividade mobilizadora de construção de Patrimônio Vivencial com um grupo de estudantes, por meio de um trabalho com escrevivências baseadas em memórias de migrantes?

1a) Como se realizou o encontro dos membros do Projeto Brincadas com os estudantes do CIEJA Perus I?

1b) Qual foi o papel das escrevivências durante o encontro?

1c) De que maneira o trabalho com as escrevivências pode ter mobilizado e expandido o Patrimônio Vivencial dos participantes?

² Projeto de extensão e pesquisa, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (LACE) da PUC-SP, que é descrito brevemente no Capítulo 2.

³ *Perejivânie* é um conceito cunhado por Lev Vygotsky, proveniente da psicologia russa e não há uma tradução direta para o português. Ele capta a ideia de experiência vivida e implica que a experiência cause impacto e transforme a pessoa. O termo é abordado de forma mais detalhada no Capítulo 3.

Este trabalho encontra-se circunscrito à Linguística Aplicada Crítica, campo de estudo interdisciplinar que se baseia em princípios da Linguística Aplicada (LA) e da Teoria Crítica, que atua na compreensão da manifestação da linguagem em contextos diversos e, conseqüentemente, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A investigação tomou como *corpus* de estudo o encontro do Projeto Brincadas com alunos do CIEJA Perus realizado em abril de 2022, conforme explicitado *supra*.

Na próxima seção, descreve-se as pesquisas correlatas ao tema que contribuíram, direta e indiretamente, para a realização deste trabalho.

1.2 ESTUDOS CORRELATOS

Esta seção objetiva apresentar as buscas preliminares de pesquisas *stricto sensu*, na seara da Linguística Aplicada e da Educação, concluídas no Brasil, nos últimos cinco anos, cujas temáticas sejam semelhantes às deste trabalho acadêmico. O propósito, com o suporte dessa investigação, é alicerçar e compreender de que modo esta dissertação amplia e/ou contribui para a discussão mais aprofundada a respeito da construção do Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020), por intermédio das escrevivências (Evaristo, 2020), inspiradas nas histórias de migrantes em crise.

As consultas, ilustradas no Quadro 1, foram realizadas individualmente, a partir das seguintes palavras-chave: escrevivências (Evaristo, 2020), migrantes de crise e Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020). Foram três as bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e publicações do repositório da PUC. A saber:

Quadro 1 - Pesquisas correlatas

“Escrevivências” (2019-2024)						
	BDTD		Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES)		Repositório PUC	
	TESE	DISSERTAÇÃO	TESE	DISSERTAÇÃO	TESE	DISSERTAÇÃO
Resultados	-	01	01	03	-	08
Selecionados	-	00	01	00	-	01
“Migrantes de crise” (2019-2024)						
	BDTD		Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES)		Repositório PUC	
	TESES	DISSERTAÇÃO	TESE	DISSERTAÇÃO	TESE	DISSERTAÇÃO
Resultados	01	-	02	-	-	-
Selecionados	01	-	01	-	-	-
“Patrimônio vivencial” (2019-2024)						
	BDTD		Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES)		Repositório PUC	
	TESES	DISSERTAÇÃO	TESE	DISSERTAÇÃO	TESE	DISSERTAÇÃO
Resultados	03	-	-	01	-	07
Selecionados	01	-	-	00	-	00

Fonte: elaboração própria.

Como o quadro ilustra, os resultados sinalizam que, a rigor, não há trabalhos diretamente relacionados à construção do Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020) por meio das escrevivências (Evaristo, 2020), motivadas pelas trajetórias de migrantes envoltos em incertezas e vulnerabilidades. No entanto foi possível identificar três produções acadêmicas *stricto sensu* que se aproximam do escopo desta dissertação, conforme disposto no Quadro 2, apresentado a seguir.

Quadro 2 - Organização cronológica dos estudos correlatos.

Nº	Autora	Título	<i>Stricto Sensu</i>	Ano
1	Helena Regina Esteves de Camargo	Diálogos transversais: narrativas para um protocolo de encaminhamentos às políticas de acolhimento a migrantes de crise	UNICAMP Tese	2019
2	Andrea Gabriela do Prado Amorim	Eventos dramáticos na educação para vida: formação engajada de professores e formadores nas aulas da Pós-graduação	PUC-SP Tese	2023
3	Florisbete de Jesus Silva	Racismo, luta e resistência: sujeitos negros e suas significações em escrituras brasileiras	UNICAMP Tese	2023
4	Marisol Patrícia Saucedo Revollo Lage	Acolhimento a migrantes de crise na escola pública: construção da mobilidade pelo multiletramento engajado	PUC-SP Tese	2023
5	Patrícia Cintra	A escritura de docentes: um processo de reflexão sobre a elaboração de currículo	PUC-SP Dissertação	2023

Fonte: BDTD e CAPES (2023)

Camargo (2019), em sua tese “Diálogos transversais: narrativas para um protocolo de encaminhamentos às políticas de acolhimento a migrantes de crise”, analisou detalhadamente as leis municipais e federais relacionadas à migração, além de ter entrevistado nove indivíduos envolvidos nas políticas públicas de acolhimento, tanto de forma institucionalizada quanto comunitária. O objetivo desse trabalho acadêmico foi entender como esses atores descrevem as políticas de acolhimento destinadas aos migrantes em situação de crise na cidade de São Paulo, incluindo aspectos linguísticos, implementadas tanto pelo Estado quanto pela sociedade civil. Além disso, a identificação de diretrizes para as políticas de acolhimento emergentes das narrativas investigadas foi igualmente o foco da investigação. A análise das histórias destacou direções para três áreas relacionadas às políticas públicas de recepção de migrantes em crise: (1) acesso à educação, (2) ensino e aprendizado da língua portuguesa para adultos e (3) integração linguística na Educação Básica.

O estudo desenvolvido por Amorim (2023), por exemplo, intitulado “Eventos dramáticos na educação para vida: formação engajada de professores e formadores nas aulas da Pós-graduação”, objetivou avaliar as concepções teóricas da Pedagogia dos Multiletramentos (New London Group, 2000) na construção de eventos que oportunizassem formação docente engajada por intermédio de dois aspectos: a) o potencial das multimídias, da multiculturalidade e da multimodalidade na elaboração

de eventos dramáticos, e b) a compreensão dos momentos de imersão, emersão e inserção⁴ (Freire, 1970) para o desenvolvimento do engajamento dos envolvidos. Os resultados revelaram que os eventos dramáticos foram decisivos para constituição docente engajada do curso e, conseqüentemente, das aulas, pois permitiram, com base na Pedagogia dos Multiletramentos (New London Group, 2000), que as múltiplas mídias, a multiculturalidade e a multimodalidade fizessem parte da realidade vivida pelos participantes. Ademais, os eventos dramáticos puderam ser articulados com os patrimônios vivenciais (Megale; Liberali, 2020) e com as experiências vividas no decorrer da realização do projeto.

A tese realizada por Silva (2023), denominada “Racismo, luta e resistência: sujeitos negros e suas significações em escrevivências brasileiras”, teve como objetivo compreender como os sujeitos negros são significados em escrevivências (Evaristo, 2020) brasileiras. O conjunto de dados foi formado por cinco obras literárias reconhecidas como escrevivências. Esse movimento começa com a representação da autoria negra e destaca a subjetividade dos indivíduos negros na escrita. Essas obras apresentam a linguagem, a história, as tradições e as experiências desses sujeitos por uma perspectiva que reconhece seu papel na sociedade brasileira, bem como sua luta e resistência. Os resultados evidenciaram formas de representar os indivíduos negros que evocam e perpetuam interpretações que os discriminam, subestimam, desumanizam e negam seus direitos e inclusão em várias esferas da sociedade brasileira. No entanto, também, revelam interpretações que os reconhecem como participantes em espaços de resistência e confronto, ao afirmar sua identidade como agentes históricos desse universo e, assim, fomentar uma sociedade antirracista.

Outro trabalho em destaque foi desenvolvido por Lage (2023), cujo título é “Acolhimento a migrantes de crise na escola pública: construção da mobilidade pelo Multiletramento Engajado”. Teve como objetivo investigar o processo de desenvolvimento da mobilidade de educadores e da equipe escolar alusiva às práticas de recebimento e permanência dos estudantes migrantes e suas famílias no universo escolar, em uma escola pública da rede municipal da cidade de São Paulo. Os

⁴ A imersão é caracterizada pelo fato de que, uma vez totalmente envolvido pela realidade, a princípio, não se consegue pensá-la, tampouco refletir sobre ela. O momento de emersão refere-se à possibilidade humana de se distanciar da realidade para, assim, admirá-la e, então, objetivá-la. A inserção suscita o retorno à realidade para transformá-la por meio da nossa *práxis* (Freire, 1970).

resultados apontaram que vivenciar a translinguagem⁵ (Garcia, 2021) pode ter sido uma premissa para a transformação na comunicação com os educandos e suas respectivas famílias.

Outrossim, Cintra (2023), na dissertação “A escrevivência de docentes: um processo de reflexão sobre a elaboração de currículo”, examinou como os professores envolvidos na elaboração de um currículo posicionam-se como sujeitos autorais, a partir da intersecção de seus estudos e, principalmente, das vivências e experiências. A produção dos dados foi elaborada por meio das escrevivências (Evaristo, 2020), de modo que os participantes pudessem descrever e refletir sobre o processo vivenciado concernente à produção do componente curricular. Os frutos da pesquisa demonstraram que o processo de escrevivência colaborativa pôde viabilizar a inclusão de conteúdos sensíveis, tais como racismo, homofobia e outras injustiças sociais no currículo.

Esta pesquisa, portanto, tem pontos em comum com os estudos supraindicados ao fundamentar-se em aportes teóricos similares, embora os dois estudos compreendam e defendam a centralidade da produção do Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020) fundamentada da Pedagogia dos Multiletramentos (New London Group, 2000), e a atividade da escrevivência (Evaristo, 2020) como manancial de reflexão para a produção de dados, como aborda Cintra (2023) e Silva (2023). Em larga escala, ainda que Camargo (2019) tenha centralizado sua análise no acolhimento dos migrantes em crise no que diz respeito aos protocolos de educação linguística, é patente afirmar que a presente pesquisa pode colaborar para aprofundar a discussão teórico-metodológica relacionada à construção de Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020), pautada nas escrevivências (Evaristo, 2020), no esteio das dificuldades enfrentadas por migrantes vulnerabilizados.

À vista desse levantamento bibliográfico, a ampliação do conhecimento sobre as contribuições do Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020) mediante as escrevivências (Evaristo, 2020) e vislumbradas no contexto das histórias de migrantes em crise é absolutamente fundamental para esta dissertação. Para tal propósito, práticas didáticas atinentes à consciência social sobre os enfrentamentos e as

⁵ Este conceito diz respeito à comunicação que transcende as fronteiras das línguas e das culturas, pois, como o corpo e a mente fazem parte da comunicação, usa-se a linguagem de maneira criativa e inovadora para expressar identidades e perspectivas, ao minimizar as barreiras linguísticas e culturais que eventualmente se possa enfrentar (Garcia, 2021).

mazelas dos migrantes em crise, com vistas à superação desses flagelos, são algumas das atividades a serem executadas, o que, desta maneira, justificam e legitimam o avanço da presente proposição científica.

2 OS SABERES E PROJETOS QUE CONTEXTUALIZAM ESTA PESQUISA

Nesta seção, examina-se, de forma breve, os saberes e projetos que contextualizam o porquê de existir desta pesquisa. Em outras palavras, esta pesquisa existe porque existe o Projeto de Extensão Memória de Migrantes na Pandemia e o Projeto de Extensão Brincadas, que se entrelaçam para a criação do encontro das Brincadas no CIEJA Perus, objeto de estudo do presente trabalho. Inicialmente, posto isso, contextualiza-se o Projeto de Extensão Memória de Migrantes, em seguida, conceitua-se o Projeto Brincadas e, por fim, coloca-se a compreensão da relação de ambos com a presente pesquisa.

O Projeto de Extensão Memória de Migrantes é parte de um projeto maior, coordenado pela professora Dra. Fernanda Liberali, intitulado “Memórias de migrantes na pandemia: narrativas de resistência no enfrentamento do racismo”, e é considerado um piloto de um projeto internacional chamado “Co-criando Recuperação, Renovação e Resiliência (CoRRE-M): Pesquisa Baseada em Evidências com Migrantes Jovens e jovens adultos em um mundo pós-pandêmico”, o qual foi organizado em colaboração com pesquisadores da África do Sul (Universidade da KwaZulu Natal), Reino Unido (Universidade de Fort Hare e Universidade Metropolitana de Manchester), Finlândia (Instituto de Migração da Finlândia), Estados Unidos (Universidade de São Francisco), França (Universidade de Paris Est Créteil, Paris) e Croácia (Instituto de Pesquisa Etnológica e Folclórica), mas que não foi realizado porque o grupo não recebeu a verba FAPESP pleiteada.

O trabalho teve como foco investigar o impacto da crise Covid-19 na vida de jovens migrantes e criar, colaborativamente, com esses sujeitos alternativas de transformação da realidade, conforme necessidades da comunidade de migrantes. O projeto partiu do cenário pandêmico (Covid-19), que posicionou os migrantes de crise em situação de vulnerabilidade, uma vez que estiveram expostos a riscos e perigos, sem acesso social, econômico e educacional. A discriminação racial, a xenofobia, a falta de acesso social, econômico e educacional também impactaram a vida desses sujeitos.

Essa pesquisa foi comentada por Liberali *et al.* (2023, no prelo), em um livro sobre narrativas de resistência no enfrentamento do racismo e xenofobia, no qual sou uma das autoras, além ainda de ter sido discutida no capítulo “*Women’s in Brazilian*

Pandemic Times – Narrative of Migrants to Reframe Histories” publicado no livro “Woman and Covid-19”, por Liberali et al. (2023).

Como ponto de partida, a proposta do projeto foi investigar, com jovens migrantes de escolas públicas de São Paulo, quais seriam as possibilidades de enfrentamento do racismo e das injustiças sociais que têm vivenciado. E partir desse grande objetivo que ele se entrelaça com o Projeto Brincadas e com a disciplina “Perspectivas de Freire e de Vygotsky para uma Linguística Aplicada Decolonial” – que são contextualizados a seguir –, visto que as três frentes olham para o mesmo horizonte.

2.1 PROJETO BRINCADAS, SEU CONTEXTO E SUA RELAÇÃO COM ESTA PESQUISA

O Projeto Brincadas⁶, coordenado pela professora Dra. Fernanda Liberali, é um projeto de extensão e pesquisa conectado às ideias de uma comunidade de ativistas performáticos – Global Play Brigade⁷– e que foi idealizado pelo grupo de pesquisa Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (LACE), em 2020, em resposta a demandas emergentes, durante a pandemia de Covid-19, com o objetivo inicial de colocar em prática ações sociais que visavam mitigar os efeitos da crise global e do distanciamento social causados pela pandemia.

Ao longo de 2020, para se adaptar ao contexto desafiador da pandemia, foi realizada uma série de ações a partir de quatro frentes principais:

- Brincada de Apoio: apoio do controle da disseminação da Covid-19 e angariamento de recursos financeiros e materiais para hospitais e comunidades em situação de vulnerabilidade.
- Brincada do Ouvir: formada por um coletivo de psicólogos e educadores voluntários com o objetivo de promover sessões de escuta de forma gratuita, via WhatsApp.
- Brincada da Educação: dar suporte, por meio do brincar, para pais e educadores no sentido de promover diálogos para reflexão de temas sociais.

⁶ Para saber mais sobre o Projeto Brincadas e acompanhar as ações e agenda, acesse (Linktree): <https://bit.ly/3ioKafv>

⁷ Para mais informações, acesse: <https://www.globalplaybrigade.org/>.

- Brincada do Brincar: criada para abarcar as demandas que até então eram realizadas de modo presencial pelo "Digit-M-ED", na PUC-SP e que, por meio do "Brincada do Brincar", essas atividades puderam ter continuidade de forma adaptada ao cenário pandêmico. Além disso, o Brincada Jovem, conduzido por jovens e respaldado pelos pesquisadores e educadores do grupo de pesquisa, também foi incorporado por esse subgrupo.

Em 2021, o Projeto Brincadas voltou, cada vez mais, os esforços diretamente para a formação educacional. Como parte desse processo, unificou as diferentes frentes de trabalho no “Projeto Brincadas: construindo o ‘inédito viável’ em tempos de crise”. Nesse formato, as ações que até então eram estratificadas, agora, faziam parte de um mesmo conglomerado e, em separado, dava-se continuidade ao “Brincada do Ouvir”.

As ações foram, então, estruturadas conforme as demandas debatidas durante as reuniões do Grupo LACE, englobando questões importantes nas áreas educacional, cultural e social, com o foco principal no desenvolvimento de cursos de extensão. A exemplo, um desses cursos foi o "Multiletramento Engajado: currículo como (trans)formação", o qual foi até mesmo objeto de estudo de Medeiros (2023), que investigou a possibilidade de um caminho decolonial para a formação contínua de educadores por meio do trabalho com Multiletramento Engajado, entre outros.

Sobre o tema, Modesto-Sarra (2023) realizou uma pesquisa detalhada a respeito das atividades do Projeto Brincadas com o objetivo de analisar como, no início de 2021, essas atividades foram estruturadas com base no conceito de Multiletramento Engajado, com foco na criação de inéditos viáveis através do ato de brincar, sob uma abordagem de práxis decolonial.

Em 2022, com as atividades presenciais retomadas, o Projeto Brincadas iniciou um novo projeto intitulado “Atividades Formativas do Brincadas: caminhos para refletir e transformar brincando”. Em meio aos desafios impostos pelo cenário que caminhava para um período “pós-pandêmico”, o Brincadas, sob um viés intercultural, objetivava promover reflexões coletivas entre pesquisadores, corpo docente e discente sobre as práticas escolares, tendo como ferramentas leituras de textos, experiências lúdicas (brincar) que enfatizavam o amor comunitário e uma pedagogia engajada.

As temáticas do Projeto Brincadas, definidas nas reuniões de planejamento de 2022, baseavam-se nos problemas sociais e econômicos do Brasil, caminhando para um mundo pós-pandemia, e buscavam contemplar a diversidade, a inclusão e a redução das desigualdades. As ações práticas e teóricas do projeto resultaram em novas iniciativas com o mesmo propósito de formar, conscientizar e promover vivências de decolonização, resistência e ampliação do conhecimento, em prol de uma sociedade mais justa.

O encontro do Projeto Brincadas com alunos do CIEJA Perus I, objeto de estudo desta dissertação, é uma das iniciativas do Projeto Brincadas do ano de 2022.

Segundo Liberali (2024, no prelo), “os resultados do Projeto Brincadas em 2022 destacaram a importância de uma abordagem educacional que enfatizasse a dialogicidade, a interculturalidade e o engajamento político-cidadão”.

Em 2023, uma nova fase do projeto iniciou, desta vez com o objetivo macro de conectar diferentes grupos com os quais trabalha, de modo a formar Coletivos de Investigação e Ação (COLINA). A intenção é que esses diferentes grupos cooperem uns com os outros, por meio de Cadeias Criativas (Liberali, 2018). Sobre o tema, Liberali (2024, no prelo), em sua tese de livre-docência, destaca os impactos transformadores e engajados do Projeto Brincadas com o dos COLINA no ano de 2023 e expande com o objetivo de entender quais foram as ferramentas utilizadas para tornar o Projeto Brincadas transformador e engajado.

Para essa investigação, volto-me para o ano de 2022, ano em que ocorreu o encontro do Projeto Brincadas com os alunos do CIEJA Perus I, objeto de estudo desta pesquisa. A seguir, vêm descritos todos os passos que envolveram o planejamento desse encontro.

O tema do encontro foi definido em reuniões de planejamento, e cada ação realizada com os alunos, durante as duas horas de atividades, foram planejadas pelo grupo durante essas mesmas reuniões semanais. Todavia, para que esse encontro acontecesse, foi necessário contextualizar o percurso que antecedeu a realização desta ação. E o primeiro passo em direção à realização do encontro do Projeto Brincadas com os alunos do CIEJA Perus I, ainda sem imaginar que ele existiria, aconteceu durante a disciplina “Perspectivas de Freire e de Vygotsky para uma Linguística Aplicada Decolonial”, idealizada e conduzida pela professora Dra. Fernanda Liberali, que ocorreu no 1º semestre de 2022 e tinha como objetivo debater as contribuições de Vygotsky e Freire para uma Linguística Aplicada Decolonial.

Durante a realização desta disciplina, alinhada ao propósito das aulas, o grupo criou a proposta intitulada de “Turismo Acadêmico”, com o objetivo de visitar lugares que reuniam diferentes comunidades de migrantes e “adentrar” nesses ambientes, sob o olhar de pesquisadores, para entrevistar, coletar dados e analisar a situação dos migrantes. Essa ação foi possível porque previamente o grupo que compunha o Projeto de Extensão Memória de Migrantes – conforme apresentado – voltou seus esforços para contatar pessoas migrantes que estivessem expostas a situações de desigualdades sociais constantes. A partir dos dados coletados pelos membros do Projeto de Extensão, os alunos da disciplina puderam ter essas informações como ponto de partida.

Dessa forma, a Praça da Kantuta e o CIEJA Perus foram escolhidos para se fazer a visita e aprofundar as temáticas relacionadas à migração e ao racismo. Localizada na Zona Norte de São Paulo, a Praça da Kantuta abriga uma feira realizada aos domingos na qual são vendidas comidas e produtos artesanais típicos da Bolívia. O local opera como um centro de resistência da cultura do altiplano, inclusive, com a presença de uma associação formal responsável pela feira de artesanato, culinária e outros produtos de origem boliviana e peruana.

A partir de discussões colaborativas entre os integrantes dos grupos de pesquisadores do Projeto de Extensão Memória de Migrantes, do Grupo LACE⁸ e de diferentes universidades com interesse em se aprofundar no tema, para a realização da visita na Praça da Kantuta foram elaboradas mais de 30 perguntas para guiar as conversas com os migrantes. Tais como:

- Como chegou e o que levou você a mudar para o Brasil?
- Que dificuldades e possibilidades você viveu?
- Como teve/criou acesso à educação?
- Como era a educação em seu país?
- De tudo o que você tinha no seu país de origem, o que você mais sente falta no Brasil?

Então, no dia 27 de fevereiro de 2022, os pesquisadores reuniram-se na Praça da Kantuta para realizar a produção de dados, tendo como base o planejamento

⁸ Grupo de Pesquisa de Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (LACE) tem credenciamento no CNPq e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) desde 2004; e, atualmente, suas produções têm repercussão nacional e internacional.

prévio. Para otimizar o tempo e terem acesso a mais pessoas e histórias, os pesquisadores dividiram-se em duplas e trios e organizaram-se para conversar em diferentes barracas. Sempre um dos pesquisadores ficava responsável por conduzir a conversa e outro para fazer as anotações ; em alguns casos, quando autorizado, as conversas foram gravadas por meio do aplicativo “gravador” do celular. Desse modo, as histórias contadas pelas pessoas que trabalhavam ali na feira tornaram-se base para algumas das escrituras posteriormente produzidas.

Figura 1 – Foto de parte do grupo de pesquisadores na Praça da Kantuta



Fonte: Acervo digital do Projeto Brincadas

Em um segundo momento, mais precisamente no dia 19 de abril de 2022, houve a Coleta de dados no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Perus I, outro local selecionado para realizar a pesquisa. A escolha do CIEJA Perus I para a coleta de dados de uma pesquisa que referencia os imigrantes não foi por acaso. Localizado na região Noroeste de São Paulo, o CIEJA Perus I é a escola da rede pública municipal de ensino de São Paulo que tem o maior número de educandos migrantes internacionais da capital. São 1.500 estudantes dos quais aproximadamente 700 são haitianos (Vieira; Fialho, 2022).

Foi planejado, na sequência, um evento com os alunos migrantes do CIEJA Perus-I e, por se tratar de um espaço escolar, houve a possibilidade de promover um encontro do Projeto Brincadas, elaborado especialmente para esses migrantes, em parceria com os mesmos grupos de pesquisadores, com o objetivo de conhecer a

realidade desses alunos e coletar dados. Todas as ações realizadas durante o evento com os alunos foram planejadas previamente e tinham uma intencionalidade predeterminada.

O encontro contou com algumas brincadeiras iniciais, fundamentadas nos preceitos do “brincar” de Vygotsky (2014), a fim de tornar o ambiente mais confortável e amistoso para as conversas em pequenos grupos, que seria o foco principal da ação. Para esse segundo momento, o grupo de pesquisadores organizou os alunos migrantes em grupos de quatro a cinco pessoas e, então, conduziram esses alunos para participar da atividade, que consistia em puxar um papelete em um copo, como quem “sorteia” um tema, entre vários previamente estabelecidos. Nesses papeletes estavam escritos temas para discussão como comida preferida, sonhos, racismo, locais preferidos em São Paulo, dentre outras. Conforme já mencionado, essa brincadeira foi o ponto central do encontro.

Sobre as atividades propostas com base no brincar, para Vygotsky (2014), tal ação promove a zona proximal de desenvolvimento (ZDP). Ao participar de discussões em grupo com temas sorteados, os participantes são incentivados a colaborar, a compartilhar perspectivas diferentes e a construir significados de forma coletiva. Essa atividade promove não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também potencialidades sociais, emocionais e de pensamento crítico, aspectos importantes para a aprendizagem significativa e para a expansão do Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2021).

Após a realização das conversas em grupo, no fechamento do encontro, os presentes foram convidados a brincar de “telefone sem fio do toque”. Todos ficaram em roda, de mãos dadas, de forma silenciosa, o “mestre” iniciava a brincadeira passando um toque na mão do colega da direita, que deveria fazer o mesmo e, assim, sucessivamente. Uma vez feita a roda toda, então, o mesmo ato deveria ser feito para o outro lado, desta vez, com dois toques.

Alinhado aos preceitos de hooks (2020), o objetivo era que os toques não sumissem e ficassem passando de mão em mão. O escopo, com isso, era trazer a compreensão para o grupo de que todos são importantes na comunidade da qual se está e que cada um porta sempre algo novo e diferente, de modo que, na diversidade, constrói-se um coletivo potente, forte e cooperativo.

Figura 2 – Foto do grupo de pesquisadores e alunos em um registro ao final do encontro



Fonte: pesquisadores PUC/SP

Tanto a visita à Praça da Kantuta quanto o encontro com os alunos migrantes do CIEJA Perus-I, além de terem sido entendidos como momentos de muito aprendizado por parte do grupo de pesquisadores, possibilitou aos integrantes do Projeto Brincadas apropriarem-se de informações e dados riquíssimos que os ajudariam a planejar o encontro que aconteceria no próprio CIEJA Perus I, no dia 07 de maio.

Como já mencionado, as histórias de vida dessas pessoas tornaram-se a base para a escrita das escrevivências que foram utilizadas para o encontro do Projeto Brincadas com alunos migrantes e não migrantes do CIEJA Perus I. A seguir, disserta-se, brevemente, sobre os participantes desta pesquisa.

2.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os encontros realizados pelo Projeto Brincadas são sempre construídos por muitas mãos. É premissa e cultura do Projeto Brincadas que os participantes sejam sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento, pois se espera que todos do grupo assumam responsabilidade pelo processo, de modo que se, eventualmente, algum dos integrantes não possa comparecer em um evento, prontamente, outro integrante poderá exercer a atividade do colega, visto que se trata de um grupo coeso

e alinhado, além de ter um planejamento bem-organizado. Dessa forma, os integrantes do Projeto Brincadas atuam como pesquisadores-formadores.

A seguir estão dispostas algumas informações referentes aos pesquisadores-participantes do encontro com os alunos do CIEJA Perus-I, com 27 participantes. As informações aqui dispostas servem como base para a análise dos dados apresentada mais a frente neste trabalho.

Quadro 3 - Informação dos participantes presentes

Nº	Nome	Sexo	Filiação	Participação
1	Fernanda Liberali	FEM	GP LACE	Coordenadora e pesquisadora-formadora
2	Viviane Carrijo	FEM	GP LACE	Pesquisadora-formadora
3	Rafael Pejão	MAS	GP LACE	Pesquisador-formador
4	Christiane Novas	FEM	GP LACE	Pesquisadora-formadora
5	Daniela Pelossi	FEM	GP LACE	Pesquisadora-formadora
6	Sandra Santella	FEM	GP LACE	Pesquisadora-formadora
7	Larissa Mazuchelli	FEM	GP LACE	Pesquisadora-formadora
8	Vanessa Caires	FEM	GP LACE	Pesquisadora-formadora
9	Luciana Kool Modesto-Sarra	FEM	GP LACE	Pesquisadora-formadora
10	Sarah Bento	FEM	GP LACE	Pesquisadora-formadora
11	Marina Melo	FEM	GP LACE	Doutoranda PUC
12	Monica Lemos	FEM	CIEJA Perus I	Coordenadora Pedagógica
13	Marcelo Fernandes	MAS	PUC	Intérprete
14	Participante 2	MAS	CIEJA Perus I	Aluno
15	Participante 3	MAS	CIEJA Perus I	Aluno
16	Participante 4	MAS	GP LACE	Pesquisador
17	Participante 5	FEM	PUC	Pesquisador
18	Participante 6	FEM	CIEJA Perus I	Aluna
19	Participante 7	FEM	CIEJA Perus I	Aluna
20	Participante 8	FEM	CIEJA Perus I	Aluna
21	Participante 9	FEM	CIEJA Perus I	Aluna
22	Participante 10	FEM	CIEJA Perus I	Aluna
23	Participante 11	MAS	CIEJA Perus I	Aluno
24	Participante 12	MAS	GP LACE	Pesquisador
25	Participante 13	FEM	PUC	Pesquisador
26	Participante 14	FEM	Não informada	Não informada
27	Participante 15	MAS	CIEJA Perus I	Pesquisador

Fonte: elaboração própria.

As informações disponibilizadas neste trabalho foram obtidas a partir da análise das gravações de vídeo, armazenadas nos arquivos do Projeto Brincadas. Mediante essa análise, os participantes foram identificados como “Participante homem/mulher n.º”, quando não identificado o nome. Em relação aos pesquisadores-participantes foram apresentados os nomes reais. No capítulo da “Análise e Discussão de Resultados”, esse encontro é descrito de forma detalhada. Antes, porém, de retomar a continuidade dessa história, expõe-se a base teórica e a metodológica do trabalho em tela.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, disserta-se sobre as bases teóricas deste estudo, para tanto, são apresentados e discutidos os conceitos de migrações, decolonialidade, interculturalidade, Patrimônio Vivencial e escrevivências.

3.1 MIGRAÇÕES - PESSOAS EM MOVIMENTO

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virara menino. [...] Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! [...] Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do Angorô. Depois se apalpava toda. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência, a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina (Evaristo, 2017, p. 13).

O objetivo desta seção é, primordialmente, elucidar os conceitos-chave que permeiam a mudança de uma pessoa de sua terra natal para outro lugar, por motivações relacionadas à busca de uma vida melhor para si e para a sua família ou sobrevivência, dentre eles, destacando-se imigrantes, emigrantes, migração e migração de crise e as suas conexões com outras injustiças sociais.

Conceição Evaristo, no livro “Ponciá Vicêncio”, denuncia o racismo e o sexismo à brasileira por meio da família da Ponciá. No romance, a menina tinha medo de passar por baixo do arco-íris – que para ela era uma cobra colorida –, pois, se a Ponciá atravessasse o arco-íris, a promessa era de que ela se transformaria em um menino. Por sua vez, era somente atravessando o arco-íris que ela chegaria do outro lado do rio. Ponciá tinha ali uma grande decisão a ser tomada, assim, ela tinha de arriscar sem necessariamente saber o que poderia acontecer.

Do mesmo modo que Ponciá, muitos migrantes que migram para o Brasil partem de seu país de origem em busca de melhores condições de vida, com essas mesmas incertezas, com muitas dúvidas, sem ter a menor ideia do que vai acontecer e, muitas vezes, em uma situação de penúria.

É frequente pensar o Brasil como um país que contempla diferentes culturas e, comumente, celebrar essa diversidade. É sabido que o país, assim como tantos outros, é constituído por diversos povos. Dentre essas diversas pessoas que o

formam, estão aquelas que vieram de outros lugares do mundo para morar aqui. A estas, damos o nome de "imigrantes".

Ao definir o termo "imigrante", Ribas Mateos (2004) explica que se trata de uma pessoa que se transfere de seu lugar de origem para morar em outro espaço social. E aduz que, no âmbito jurídico-administrativo, embora um imigrante seja rotulado como "estrangeiro", o tratamento e o reconhecimento que recebem no país de acolhimento são substancialmente distintos daqueles destinados a um "estrangeiro" (Cavalcanti, 2017).

Bourdieu reforça e expande esse olhar ao definir o imigrante como "[...] atópico, sem lugar, deslocado, inclassificável. [...] Nem cidadão, nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o 'imigrante' situa-se nesse lugar 'bastardo' [...], a fronteira entre o ser e o não ser social" (Bourdieu *apud* Sayad, 1998, p. 11).

Para Cavalcanti (2017, p. 599-600) esse imigrante é "[...] constantemente associado a uma pessoa que procede de um país economicamente menos favorecido, que tem um elevado umbral de pobreza, com indicadores sociais limitados e sociedades "atrasadas" no sentido civilizatório [...]" .

Toda movimentação migratória, necessariamente, compreende um lugar de origem e um lugar de destino. As pessoas que deixam um local são consideradas emigrantes e, quando chegam e permanecem no local de destino, são tidas como imigrantes (Campos, 2017).

Em relação a utilização do termo "migração", Campos (2017) ensina que é necessário critérios de espaço e tempo, sendo eles, respectivamente: mudar permanentemente de residência entre locais distantes, de modo que o indivíduo cruze uma fronteira político-administrativa (municípios, estados ou países) e essa mudança tem de ser por um tempo longo, de meses ou anos.

Como mencionado em precedência, uma série de fatores como oportunidade de emprego, de educação, reagrupamento familiar, entre outros motivos podem influenciar a migração de uma pessoa de sua terra natal para uma outra localidade. Contudo existe uma subcategoria de migração que envolve motivações que estão em um patamar relacionado à sobrevivência, que envolvem ameaça generalizada à vida, que afetam, coletivamente, a saúde, o bem-estar, a subsistência básica de determinada população e que, invariavelmente, esteja além da possibilidade de enfrentamento da população residente, seja de forma individual ou coletiva. A estas

Martin *et al.* (2017) dão o nome de "crise migratória". Para Martin, Weerasinghe e Taylor (2017, p. 236), crise migratória "refere-se a todas as formas de mobilidade associadas a crises". Termos como "migração forçada" (Van Hear, 2009), "migração por necessidade" (*distress migration*) (Suhrke, 1997) e "migração de sobrevivência" (Betts, 2013) também são utilizados para descrever tal deslocamento.

As crises migratórias citadas por Martin *et al.* (2017) podem ocorrer em consequência de ações humanas, como guerras e questões políticas, ou a partir de eventos naturais. A exemplo de eventos naturais, seria o caso de terremotos, como, por exemplo, o ocorrido no Haiti, em 2010. Nesse âmbito, os autores citam, ainda, uma subcategoria chamada "crises de início lento", quando se trata, por exemplo, de "seca prolongada e recorrente, fome, desertificação, salinização e elevação do nível do mar" (Martin *et al.*, 2017, p. 237).

Os debates sobre migrantes de crise, forma esta que aqui se utilizou-se como os migrantes provenientes de crises migratórias, trazem à luz as motivações e desafios que essas pessoas enfrentam para sair de seu local de origem e as dificuldades ao chegar e para permanecer no novo território. Por sua vez, esses deslocamentos também trazem consigo novas histórias e múltiplas formas de ver e apreender o mundo; e estas, muitas vezes, incluem sobreviver a condições impróprias que lhes são impostas e às ameaças a sua própria vida. Na continuidade deste texto, ao analisar a migração pela lente da decolonialidade, poder-se-á compreender melhor esse cenário de injustiça social.

3.2 DECOLONIALIDADE

A decolonialidade, além de reconhecer a migração como um processo influenciado pelo colonialismo, utiliza o tema como ferramenta para questionar as estruturas de poder que influenciam os processos migratórios. Ao longo desta análise, buscou-se estabelecer uma diferença entre colonialismo, colonialidade e os movimentos de decolonialidade em contraposição aos anteriores. Com tal perspectiva, compartilham-se reflexões e contribuições do pensamento decolonial para os estudos sobre migrantes de crise.

Como ponto de partida é interessante considerar que o conceito de colonialidade se caracteriza a partir de um padrão estrutural de poder específico: o da

modernidade. Ele tem o seu início a partir da travessia marítima de Cristóvão Colombo e o processo de expansão colonial da Europa a partir de 1492 (Novion, 2017).

A colonialidade foi um conceito desenvolvido, originalmente, em princípios da década de 1990, por diversos autores latino-americanos. Um dos primeiros a elaborar sobre o tema foi o sociólogo peruano Quijano. Para ele,

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal (Quijano, 2010, p. 73).

Segundo o autor, a colonialidade fundamenta-se em dois eixos que são responsáveis por um sistema de dominação: raça e sistema de exploração articulado de retirada de trabalhadores de suas terras a fim de obrigá-los a vender a sua força de trabalho (Quijano, 1992). Ainda que a noção de colonialidade esteja engendrada dentro do colonialismo, é importante diferenciar os conceitos. O colonialismo é mais antigo e

[...] refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder (Quijano, 2010, p. 73).

Para o autor, devido à natureza estrutural e abrangente do colonialismo que a colonialidade pode ser imposta na intersubjetividade, de modo tão enraizado e prolongado. Em outras palavras, o colonialismo diz respeito a uma estrutura político-administrativa de dominação e exploração de um território e de seu povo por outro, ocorrida com a expansão colonial a partir do século XVI até meados do século XX.

Já a colonialidade é um resultado do colonialismo. Trata-se de um processo que permanece, de modo que as estruturas de poder e ideias impostas durante o colonialismo continuam a influenciar as sociedades contemporâneas, dessa forma, perpetuando as desigualdades e discriminações criadas pelo colonialismo.

Para Quijano (2010), a colonialidade enraíza-se e prolonga-se na intersubjetividade devido à natureza estrutural e abrangente do colonialismo, ela se

configura como um sistema de poder que molda as relações sociais, políticas, econômicas e culturais em diferentes níveis.

Combater a colonialidade envolve compreender os efeitos do colonialismo na sociedade contemporânea. Como assevera Walsh (2009), o pensamento decolonial propõe uma postura ativa a favor da identificação e visibilização das realidades e saberes marginalizados pelas estruturas coloniais ainda presentes na sociedade (as “colonialidades”) e, também, preocupa-se em contestar, transgredir e reconstruir alternativas a partir de novas formas de ser, pensar e agir baseadas em princípios de justiça social, interculturalidade e sustentabilidade.

A decolonialidade interconecta diferentes formas de opressão, como, por exemplo, o racismo e a xenofobia, e revela que os migrantes de crise são frequentemente alvos de múltiplas discriminações. Essa abordagem interseccional permite uma análise mais profunda e abrangente das experiências desses sujeitos.

Para Quijano (1992), a decolonialidade não se trata apenas de um processo político, mas também de um processo cultural e intersubjetivo. É necessário descolonizar a mente e o coração para construir uma sociedade mais justa e igualitária. Em síntese, o pensamento decolonial é um convite à ação para dismantelar as estruturas coloniais e construir um mundo mais justo, equitativo e diverso.

Posto isso, de mãos dadas com a decolonialidade, é imprescindível refletir também sobre a interculturalidade, pois ela enriquece o projeto decolonial ao oferecer instrumentos para o diálogo a partir de uma comunicação baseada na igualdade e na reciprocidade.

3.3 INTERCULTURALIDADE

A história da sociedade moderna é marcada pela eliminação ou escravização daqueles que eram tidos como povos diferentes. Outras formas de “eliminar” o outro também se dão no plano da representatividade e, conseqüentemente, no imaginário social (Candau, 2013). Candau traz esse pensamento ao discorrer acerca do multiculturalismo no Brasil.

O multiculturalismo nasce das lutas dos grupos sociais discriminados e vitimados pela exclusão. Somente posteriormente – e ainda assim de forma frágil – o tema fez- presente nas universidades (Candau, 2013). E a partir dessa perspectiva,

Candau (2013) aponta para a polissemia, ou seja, os vários sentidos, do termo multiculturalismo. Essa variedade de sentidos fica ainda mais evidente quando o termo, muitas vezes, aparece acompanhado de adjetivos, como, por exemplo, multiculturalismo conservador, liberal, celebratório, crítico e outros.

Nessa vertente, Candau (2013) revela concepções que, enquanto autora, privilegia como abordagens fundamentais para pensar o multiculturalismo. Uma delas é descritiva e a outra, propositiva. A descritiva preocupa-se em caracterizar o multiculturalismo como um dado da realidade, levando em consideração o contexto histórico, político e sociocultural.

Concomitante, a concepção propositiva compreende o multiculturalismo como uma maneira de atuar, de intervir e de transformar os movimentos da sociedade. Segundo a autora, essa perspectiva trata de "um projeto político-cultural, de um modo de se trabalhar as relações culturais numa determinada sociedade, de conceber políticas públicas na perspectiva da radicalização da democracia [...]" (Candau, 2013, p. 20). Dessa forma, a abordagem propositiva possibilitaria construir estratégias pedagógicas que evidenciem essa perspectiva de atuação.

A partir da concepção propositiva, a autora destaca três abordagens: multiculturalismo assimilacionista, multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural e o multiculturalismo interativo, também denominado, por ela, como interculturalidade. Neste trabalho, atém-se à perspectiva denominada "multiculturalismo interativo ou interculturalidade", considerada esta, pela autora, "mais adequada para a construção de sociedades democráticas, pluralistas e inclusivas" (Candau, 2013, p. 22).

A perspectiva intercultural tem como objetivo promover a inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em determinada comunidade, além de valorizar a explicitação da riqueza das diferenças culturais (Candau, 2013). Sob tal perspectiva, a interculturalidade é um processo contínuo de construção de pontes entre diferentes mundos. Assim, por meio do intercâmbio de ideias, da escuta ativa e do respeito mútuo é possível construir uma sociedade equitativa e justa.

A autora também destaca a importância de se levar em consideração a junção de diferentes culturas, na dinâmica dos diversos grupos socioculturais, visto que esses processos de mistura de culturas – de hibridização cultural – são profundos, são construídos na história e, portanto, atravessam diversas questões de poder, por

relações fortemente hierarquizadas e, muitas vezes, marcadas pelo preconceito e discriminação de grupos minoritários (Candau, 2013).

Candau (2013, p. 23), portanto, defende uma perspectiva intercultural que

[...] quer promover uma educação para o reconhecimento do "outro", para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas.

Sob esse prisma, a interculturalidade pressupõe interação de culturas de maneira horizontal. Na mesma direção, para Walsh (2005), a interculturalidade significa "entre culturas", indo para além de um contato de uma cultura com a outra, ela representa a troca que se estabelece em termos equitativos, ou seja, em condições de igualdade.

Walsh (2005, p. 4) afirma que é importante entender a interculturalidade como uma meta a ser alcançada e como um processo contínuo de

[...] relação, comunicação e aprendizado entre pessoas, grupos, conhecimentos, valores e tradições distintas, orientada a gerar, construir e propiciar um respeito mútuo, e ao pleno desenvolvimento das capacidades dos indivíduos, acima de suas diferenças culturais e sociais.

Ela ressalta que a interculturalidade se trata de relações complexas, de constantes acordos, troca de conhecimentos, costumes e informações, com o escopo de desenvolver relações interpessoais, conhecimentos e diferentes práticas culturais. Ainda, Walsh (2005) ressalta que não ignora as desigualdades existentes na sociedade e reconhece na interculturalidade a busca da superação dessas desigualdades e a promoção da igualdade.

Por fim, apoiada em Guerrero (1999), Walsh (2005, p. 7) refere que "[...] a interculturalidade ainda não existe, é um processo a ser alcançado por meio de práticas e ações sociais concretas e conscientes". A interculturalidade não é um estado de coisas, porém um processo que está em constante construção.

Nessa direção, as migrações, fenômeno mundial, constituem um enorme desafio no que diz respeito à reconfiguração social decorrente da inclusão de povos e culturas diferentes. Encontrar formas de inclusão escolar e social de migrantes é um dever da sociedade. À vista disso, conforme Candau (2013, p. 13), "não é possível

conceber uma experiência pedagógica ‘desculturizada’, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade”.

São múltiplos os obstáculos a serem superados. Na história de uma cultura dominante e outras subordinadas, a interculturalidade tem o desafio de romper esse paradigma e ser, então, o plano de ação transformador da sociedade hodierna para muito além da área da educação, de modo a transcender para as esferas social, política e cultural. Na próxima seção, discute-se esse conceito fundamental para a articulação teórico-metodológica proposta nesta pesquisa.

3.4 PATRIMÔNIO VIVENCIAL

A educação escolar e a forma de ensinar e de aprender não é finita, muito menos inerte. O processo de ensino e aprendizagem é extremamente dinâmico – ou, ao menos, deveria ser. Como parte desse processo, considerar as vivências humanas faz-se fundamental (Megale; Liberali, 2020). Nessa perspectiva, evidenciar o papel de “Patrimônio Vivencial” é justamente refletir sobre o potencial de possibilidades de mudança das pessoas a partir da coletividade, colaboração e dinamismo (Megale; Liberali, 2020).

Patrimônio Vivencial é um conceito abrangente que deriva da articulação de conceitos que são de áreas diferentes. São eles: patrimônio de conhecimento, patrimônio de identidades, *perejivanie*/vivência, repertório e translinguagem. Juntos, esses conceitos, que são de diferentes áreas – mas que estão relacionados às experiências dos sujeitos ao longo de sua existência – congregam o conceito de Patrimônio Vivencial, cunhado por Megale e Liberali (2020). Cada um dos conceitos que incorpora o Patrimônio Vivencial é examinado a seguir e, por fim, no último subcapítulo desta seção, tem-se como objetivo entrelaçar esses conteúdos que, ao interligarem-se, nasce o Patrimônio Vivencial.

3.4.1 Patrimônio do conhecimento

O termo *funds of knowledge*, patrimônio do conhecimento, surgiu na antropologia e foi originalmente cunhado por Wolf (1966 *apud* Hogg, 2011), para descrever os recursos e conhecimentos que as famílias camponesas usavam para

sobreviver. Trata-se dos saberes adquiridos pelos sujeitos, ao longo de sua vida, de origem familiar e cultural.

Esse conceito abrange conhecimentos, aptidões, valores e crenças compartilhados por uma comunidade e é construído mediante experiências compartilhadas, como a participação em atividades culturais, a resolução de problemas e a interação com os outros (Hogg, 2011). Wolf (1966 *apud* Hogg, 2011) argumenta que o patrimônio de conhecimento era essencial para a sobrevivência das famílias camponesas, pois permitia que as famílias se adaptassem a mudanças ambientais e econômicas.

Posteriormente, o conceito foi adotado e potencializado por outros pesquisadores de antropologia e educação, que reconheceram a relevância do conceito para ambientes escolares. Destacam-se, nesse contexto, estudiosos como Luis Moll, Norma Gonzalez, James Greenberg e Carlos Velez-Ibane, dentre outros (Hogg, 2011).

Moll *et al.* (1992, p. 134) definem patrimônio de conhecimento como “acumulação histórica e corpos de conhecimento e habilidades culturalmente desenvolvidos, essenciais para o funcionamento e bem-estar doméstico ou individual”. Ou seja, é por meio do Patrimônio Vivencial que os indivíduos têm as ferramentas e os recursos necessários para se desenvolverem e prosperarem.

Ao transportar o conceito para a educação, o patrimônio do conhecimento reconhece os estudantes como agentes ativos em sua aprendizagem, visto que portam seus próprios conhecimentos e experiências para o processo de aprendizagem (Hogg, 2011).

A internalização dos patrimônios de conhecimento ocorre quando os indivíduos incorporam esses conhecimentos, aptidões e práticas em sua forma de pensar, sentir e agir. Os patrimônios de conhecimento, portanto, não são apenas uma fonte de conhecimento e aptidão, mas também uma fonte de identidade (*funds of identity*). Eles ajudam os indivíduos a compreenderem-se e a situarem-se no mundo (Esteban-Guitart; Moll, 2014).

É certo que a educação está centrada na formação de aprendizes para a criação de conhecimentos. Essa abordagem é importante, mas ela não é suficiente para atender às demandas atuais. Poole e Huang (2018), ao estudar sobre patrimônio de conhecimento e a sua relação com a identidade do indivíduo, argumentam que educação na atualidade deve também considerar a constituição de identidades e a

criação de experiências de vida relevantes a partir da noção de *pereživánie*, da qual se trata na continuidade.

3.4.2 *Pereživánie*

“A arte é o social em nós” (Vygotsky, [1925]/2001, p. XI).

Esta seção inicia com uma citação de Vygotsky que sustenta as bases do conceito de *pereživánie* (Vygotsky, [1934]/2005). Vygotsky ([1925]/2001), em sua obra "Psicologia da Arte", afirma que a arte tem um papel importante na vida humana, pois ajuda a lidar com as emoções, a compreender o mundo ao redor e a conectar uns com os outros.

Prestes, estudiosa e tradutora da obra de Vygotsky do russo para o português, afirma que, para Vygotsky, "a arte tem a função de superação do sentimento individual e o aspecto criativo da arte está no fato de ela possibilitar a transferência de uma vivência comum" (Prestes, 2010, p. 117). A arte, para Vygotsky, é uma forma de promover vivências em sociedade. E Prestes (2010) complementa inferindo que o termo vivência (em russo, *pereživánie*⁹), é um conceito central na obra daquele autor.

De acordo com Vygotsky ([1934]/1994), a vivência é uma experiência subjetiva que é carregada de significado pessoal, influenciada por fatores como valores, crenças, experiências e emoções, de modo que indivíduos diferentes podem experimentar uma mesma situação de formas completamente distintas. Por exemplo, duas pessoas podem assistir ao mesmo filme, porém uma pode sentir-se emocionada e inspirada, enquanto a outra pode sentir-se indiferente ou até mesmo desconfortável. Isso ocorre porque as duas pessoas interpretaram o filme de formas diferentes, de acordo com suas próprias experiências e valores.

Deste modo, a vivência pode ajudar a compreender aspectos como a personalidade, motivações, afetos e como as pessoas se relacionam com o mundo ao seu redor (Souza; Andrada, 2013). Para Vygotsky (Vinha; Welcman, 2010), fatores externos não interferem no desenvolvimento futuro do sujeito por si só. Esses fatores precisam ser interpretados e, de forma interdependente, passam a influenciar as futuras formas de ser, agir e sentir de cada um.

⁹ O termo *perezhivanie* ou *pereživánie* pode ser encontrado nestas duas formas de escrita, esta dissertação optou por escrevê-lo como os autores citados o descrevem em suas obras.

Outros dois elementos importantes na construção do Patrimônio Vivencial, segundo Megale e Liberali (2020), são o repertório e a translinguagem, como se examina na sequência.

3.4.3 Repertório e translinguagem

Repertório pode ser entendido, segundo Busch (2012), como parte essencial da bagagem de experiências, conhecimentos e aptidões que uma pessoa acumula ao longo da vida. Nessa vertente, a translinguagem, quando vista a partir da noção de repertório, atua como um catalisador para além da expansão do repertório linguístico de um sujeito. Ela pode ser entendida como uma forma de expressão cultural, identitária e de construção de significados mais profundos, por conseguinte, contribuindo para a forma como se percebe e interpreta-se o mundo ao redor.

Assim, esses conjuntos de conhecimento parecem possibilitar que se registrem os caminhos seguidos pelas pessoas: as chances, as restrições, as disparidades que enfrentaram, os locais de ensino aos quais tiveram (ou não) acesso, seus deslocamentos pelo ambiente físico e social, e sua viabilidade de agir em situações de conflito social particulares (Megale; Liberali, 2020). Portanto, em um contexto no qual há pessoas de diferentes origens, com diferentes línguas maternas, o repertório e a translinguagem desempenham papéis significativos na comunicação intercultural e na interação desses sujeitos. Ademais, Blommaert e Backus (2013) explicam que o repertório e a translinguagem podem ser fatores fundamentais na mobilidade desses sujeitos. Ou seja, no desenvolvimento da possibilidade de se movimentar, adaptar-se e interagir em diferentes contextos e situações. Ainda segundo os autores, "um conceito relevante de repertórios precisa levar em consideração esses padrões de mobilidade, pois são esses padrões que constroem e constituem os sujeitos contemporâneos da modernidade" (Blommaert; Backus, 2012, p. 28)¹⁰.

Sobre o tema, Megale e Liberali (2020, p. 66) transcendem a proposta dos autores e acreditam que "os repertórios podem delinear e definir o potencial de mobilidade (futura) do sujeito". Logo, a mobilidade pode ser entendida de diferentes maneiras. Pode incluir a movimentação física de pessoas, o acesso a diferentes espaços sociais, o uso de tecnologias de aprendizagem (Blommaert; Backus, 2012) e

¹⁰ Tradução livre do original: "A relevant concept of repertoires needs to account for these patterns of mobility, for these patterns construct and constitute contemporary late-modern subjects".

até o movimento de recursos linguísticos (como o aprendizado de novos idiomas), posto que estudos recentes demonstram que saberes construídos por meio de uma língua podem ser transferidos para outra língua. Essa transferência de saberes e experiências entre diferentes contextos linguísticos e culturais reflete o conceito de Patrimônio Vivencial, que enfatiza a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de experiências como parte integrante do processo de aprendizagem.

Anteriormente, os sujeitos bilíngues e multilíngues eram frequentemente vistos como dois monolíngues que alternavam entre duas ou mais línguas, dependendo do contexto. Essa visão compartimentalizada do bilinguismo e do multilinguismo era baseada na ideia de que as línguas são sistemas separados, com suas próprias regras e estruturas. No entanto pesquisas de especialistas como Busch (2012, 2015), Blommaert (2006), Blommaert e Backus (2012), Blommaert e De Fina (2015), Rymes (2014) e Otsuji e Pennycook (2010), conforme citado por Megale e Liberali (2020), têm demonstrado que os sujeitos bilíngues e multilíngues não são dois monolíngues; eles possuem um único sistema linguístico que integra elementos de todas as línguas que compõem seu repertório.

Essa mudança na forma como os sujeitos bilíngues e multilíngues são entendidos tem implicações importantes para a pesquisa e a prática na área de multilinguismo. Nesse sentido, Busch (2012) reconhece que a noção de repertório linguístico oferece mais benefícios do que as divisões clássicas de primeira e segunda língua, que são baseadas na ideia de que as línguas são sistemas separados, com suas próprias regras e estruturas. Para as divisões clássicas, a primeira língua é a língua que o sujeito aprende primeiro, ainda na infância, de acordo com a sua localidade de nascimento. A segunda língua é uma língua que o sujeito aprende depois da primeira língua.

Busch (2012) argumenta que essas divisões são limitadas e não representam a realidade do uso da linguagem no mundo real. E aduz que as pessoas usam uma variedade de línguas em diferentes contextos, e que essas línguas interagem umas com as outras. Portanto, Busch (2012) defende que a noção de repertório linguístico é mais flexível e inclusiva e reconhece que as pessoas podem ter um conhecimento de várias línguas e essas línguas podem ser usadas de forma interseccional.

O conceito de repertório linguístico tem sido adotado por diversos pesquisadores da linguagem, pois fornece uma visão mais holística e inclusiva do uso da linguagem. Blommaert e Backus (2012), a respeito disso, argumentam que, em um

mundo superdiverso, caracterizado por grande variedade cultural e linguística, os repertórios linguísticos são construídos e transformados pela mobilidade.

Rymes (2014), citado por Megale e Liberali (2020), defende que elementos não linguísticos podem ser tão importantes quanto a linguagem falada e fazem parte do repertório, como, por exemplo, o modo de se vestir da pessoa, a cor de sua pele, o corte de seu cabelo, o modo de se comportar em uma reunião ou até mesmo o tipo de mala ou bolsa escolhida para carregar seus pertences. Segundo a autora, a forma como uma pessoa apresenta-se ao mundo pode influenciar em como os encontros com a diversidade revelam-se e, portanto, fazem parte do repertório comunicativo do sujeito (Rymes, 2014, *apud* Megale; Liberali, 2020).

Por isso é importante considerar os elementos não linguísticos ao compreender o repertório comunicativo de um sujeito. Esses elementos podem fornecer informações valiosas sobre a forma como essa pessoa comunica-se e sobre as suas experiências de vida. A esse respeito, o conceito de repertório linguístico, segundo Busch (2012), deve ser expandido para incluir, pelo menos, duas outras dimensões: as ideologias linguísticas e a experiência vivida da língua.

O repertório linguístico de um indivíduo não se limita ao conhecimento e domínio de línguas, mas também inclui práticas como a translinguagem (García, 2009, *apud* Megale; Liberali, 2020). A translinguagem, que tem as suas raízes no campo da educação bilíngue, é uma prática importante para compreender o repertório linguístico de indivíduos multilíngues. García e Wei (2014), conforme citado por Rocha e Megale (2023) e Lage (2023), informam que o termo "translinguagem" foi cunhado na década de 1990, em galês (*trawsieileithu*), por Cen Williams, educador que desenvolveu uma abordagem diferenciada para compreender melhor o uso da língua por falantes bilíngues. Além disso, existem evidências que a translinguagem foi praticada na era pré-colonial, em comunidades e em contextos rurais (Canagarajah, 2011).

Segundo Rocha e Megale (2023), Cen Williams caracterizou a translinguagem como um processo de integração entre atividades produtivas e receptivas em diferentes línguas nomeadas. Isso significa que, de modo geral, os falantes multilíngues podem usar recursos de diferentes línguas para construir significados, sem se limitar a uma língua específica.

Para García (2009), conforme citado por Megale e Liberali (2020), a translinguagem considera as práticas linguísticas de sujeitos multilíngues a partir da perspectiva dos usuários, e não apenas descrevendo o uso das línguas ou o contato

linguístico a partir da própria língua. De acordo com a autora (García, 2009 *apud* Megale; Liberali, 2020), sujeitos multilíngues, além de translinguarem para incluir outros indivíduos em suas interações e para viabilizar a comunicação entre eles, também o fazem para construir significados para o seu mundo através da linguagem, para promover entendimento e compreensão de forma mais profunda.

Canagarajah (2011) explica que, para um sujeito multilíngue, as línguas fazem parte de um repertório formado por um sistema integrado, que é acessado com a finalidade de se comunicar. Como resultado, ao invés de ter o foco no domínio total de cada uma das línguas, os conhecimentos de um sujeito multilíngue centram-se na construção de repertório, ou seja, no desenvolvimento em diferentes funções desempenhadas pelas distintas línguas.

Para Megale e Liberali (2020), ao analisar os repertórios dos indivíduos, é possível compreender as trajetórias que eles tiveram ao longo de suas vidas, de modo a identificar as desigualdades vivenciadas, os ambientes de aprendizagem aos quais tiveram acesso ou não, seus movimentos através do espaço físico e social e seu potencial de agência em disputas sociais específicas. Em vista disso, Megale e Liberali (2020, p. 68), concluem que "o sujeito multilíngue funciona em um terceiro lugar e está propenso à permeabilidade das linguagens que o constituem e, com isso, sua identidade como multilíngue está sempre em construção".

Nesse cenário, a mobilidade complementa os conceitos de translinguagem e repertório linguístico ao enfatizar a importância da interação constante entre línguas e culturas na construção de narrativas identitárias dos migrantes diante dos desafios enfrentados em contextos extremos. Essa visão está em consonância com o estudo aqui apresentado com os migrantes, uma vez que, para conhecer as memórias dos sujeitos migrantes e elaborar as escrituras, foi preciso, justamente, ter um olhar para esse terceiro lugar, para a sua identidade.

No contexto complexo das migrações de crise, acredita-se que os conceitos de patrimônio de conhecimento, *perejivânie*, repertório e translinguagem, unidos, podem contribuir na compreensão da dinâmica cultural e linguística vivenciada pelos migrantes. E é justamente ao entrelaçar esses conceitos de diferentes áreas de estudos e de diferentes autores que surge a noção de Patrimônio Vivencial, que é apresentado a seguir.

3.4.4 Patrimônio Vivencial

A proposição do conceito de Patrimônio Vivencial nasce da congregação da noção dos conceitos apresentados ao longo dessa seção, sendo eles: patrimônio de conhecimento, patrimônio de identidades, *perejivanie*/vivência, repertório e translinguagem. E pode ser definido como uma combinação da noção dos conceitos de patrimônio de conhecimento e de identidades, *perejivanie*/vivência, repertório e translinguagem, discutidos ao longo deste capítulo.

O Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020) reconhece que o conhecimento é construído, também, a partir da vivência e da experiência, influenciado pelos conceitos de repertório e translinguagem. Para essas autoras, Patrimônio Vivencial é "o conjunto de recursos pelos quais os sujeitos interagem com o mundo, e compreendem e vivem aspectos linguísticos, culturais, emocionais e sociais" (Megale; Liberali, 2020, p. 68).

O conceito de Patrimônio Vivencial permite compreender que o processo de ensino-aprendizagem não se limita a conhecimentos de conteúdos especificamente escolares. Ele atravessa um encadeamento de fatores que são adquiridos ao longo da vida, ensina que, além da experiência escolar de um indivíduo, um conjunto de fatores, sendo eles experiências de vida, valores, crenças, cultura, modo de viver, entre outros, compõe o Patrimônio Vivencial das pessoas. E esse agrupamento de elementos, que é parte inerente de um indivíduo, é potencializado na relação entre espaço de aprendizagem (escola, por exemplo) e as ações realizadas a favor da mobilidade desse sujeito (Megale; Liberali, 2020).

A noção de Patrimônio Vivencial ajuda a entender a singularidade dos indivíduos, com experiências, valores e culturas que influenciam sua forma de aprender. Em outras palavras, o Patrimônio Vivencial pode ser entendido como um espaço (mental) que reúne esse conjunto de recursos e que são acessados, mobilizados, apreendidos e reaprendidos ao longo da vida. Todo evento dá a chance de mobilizar recursos e expandir o Patrimônio Vivencial e, uma vez que o indivíduo tenha consciência do seu, existem mais chances de utilizá-lo em outros contextos.

bell hooks (2020, p. 161) ensina que "não há lugar melhor para aprender a arte do amor que numa comunidade" e, de fato, para a construção de um mundo mais solidário e generoso, é necessário perceber o entorno e conviver em comunidade de forma amorosa para que, então, os patrimônios vivenciais transcendam. E, ainda, para que esses patrimônios vivenciais permaneçam de fato vivos, lança-se mão de outro

conceito muito importante, chamado de "escrevivências" – sobre o qual se discorre a seguir.

3.5 ESCREVIVÊNCIAS (MEMÓRIAS)

[...] descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia (Evaristo, 2003).

Neste item, o objetivo é de elucidar o conceito de escrevivência (Evaristo, 2003) e busca-se, com isso, compartilhar reflexões e contribuições do conceito e a sua relação com a memória. Para Evaristo, escrever é uma forma de resgate de memória, é por meio da escrita que ela reescreve a história dos negros da perspectiva deles próprios. O texto que inicia esse capítulo é justamente uma amostra disso – é um trecho da obra de *Ponciá Vicêncio*, que é o primeiro romance dessa autora.

O conceito de "escrevivências" mistura-se com a biografia de sua criadora. Conceição Evaristo nasceu em Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946, foi a segunda filha de nove irmãos, tanto a sua infância quanto a sua adolescência foram marcadas por uma vida bastante pobre, na favela.

Em 1973, Evaristo mudou-se para o estado do Rio de Janeiro, local em que consolidou a sua carreira acadêmica. Ela é Mestra em Literatura Brasileira pela PUC-RJ e doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense. A relação de Evaristo e o conceito "escrevivências" começa ainda na infância. Quando pequena, sua mãe contava histórias da tradição africana para ela e para os irmãos (Evaristo, 2017a).

Evaristo (2017a) conta que quando ela usou o termo “escrevivência”, nem ela mesma se havia dado conta de que tinha criado um conceito. Foi o professor Eduardo de Assis, estudioso da literatura afro-brasileira, que elucidou para Evaristo sobre a criação desse conceito. Para Conceição Evaristo,

[...] se [escrevivências] é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e as suas descendências escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo, e quando outras mulheres negras estão escrevendo me vem muito na memória a função que as mulheres africanas nas casas grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar a história para

adormecer os da casa grande. A prole era adormecida com as mães pretas contando histórias, então eram histórias para adormecer. E quando eu digo os nossos textos, eles tentam borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa grande. Pelo contrário. Nós escrevemos para acordá-los dos seus sonos injustos (Evaristo, 2017a).

Quando uma memória se perde, leva junto o repertório cultural da comunidade em questão. Nessa visão, Martín-Baró (2017, p. 242) diz que “revisar sumariamente a história real de alguns grupos é uma boa maneira de começar a refletir sobre os grupos com história”.

A razão de existir desses textos que Evaristo chama de *escrevivências* é justamente a vivência. Essa vivência pode ser tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista de um povo, de um coletivo, como, por exemplo, a *escre[vivência]* dos africanos e seus descendentes no Brasil.

Evaristo é enfática ao dizer o real objetivo de seu conceito nominado “*escrevivências*” – escrever para acordar “os da casa grande” dos seus sonos injustos. Para corroborar o pensamento de Evaristo, Martín-Baró (2017, p. 62) conta sobre um fazer *desideologizador*, por meio da psicologia social, área da psicologia que busca compreender a relação do indivíduo, suas interações sociais, com a sociedade: “Por sua natureza, à Psicologia Social cabe promover um processo de *desideologização*, isto é, desmascarar o “senso comum” que justifica e viabiliza subjetivamente a opressão dos povos” (Martín-Baró, 2017, p. 62), de forma a naturalizar as injustiças sociais, tornando-as “*aceitáveis*” pelo povo. Sobre o senso comum, Martín-Baró (2017, p. 67) coloca que:

O senso comum é o conjunto de pressupostos que tornam possível a vida cotidiana, a interação “normal” entre as pessoas, os elementos que são assumidos como óbvios e, por isso mesmo, nunca ou raramente são questionados e revisados. Tudo o que é considerado “senso comum” em uma sociedade é identificado como “natural”, situando-se, desta maneira, acima das vicissitudes históricas.

A forma de enfrentamento dessas opressões, apresentada por Martín-Baró (2017, p. 62), sugere três pontos essenciais: 1) enxergar pela ótica das maiorias oprimidas; 2) desenvolver pesquisas de forma organizada sobre a realidade desse povo; 3) utilizar esse conhecimento de modo a comprometer-se com o processo de libertação e de cidadania crítica. desse povo. Segundo Martín-Baró (2017, p. 72), “[...] a pesquisa deve nos oferecer não apenas o que os nossos povos são de fato, mas, sobretudo, o que podem e querem chegar a ser”.

Para contribuir, como sociedade, com a lógica dos três pontos essenciais mencionados por Martin-Baró é necessário, primeiramente, ater-se ao primeiro ponto, que é “enxergar pela ótica dos oprimidos”, pois somente é possível desenvolver pesquisas e utilizar o conhecimento para libertar essas pessoas quando se está verdadeiramente conectados com as suas histórias.

Na mesma direção, Freire (1972, p. 20, grifo nosso) defende uma pedagogia que se inicie justamente no oprimido, uma pedagogia que “tem de ser forjada **com ele e não para ele**, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação da sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos”.

Nesse sentido que o conceito de escrevivências assume a centralidade na análise dos dados do presente trabalho, pois elas narram justamente as vivências e experiências, para tanto, evocam falas dos migrantes e viabilizam enxergar a partir da ótica desse povo, partindo dele, e não para ele.

De mãos dadas com o conceito de escrevivências, o Multiletramento Engajado (ME) é uma abordagem que também se preocupa em valorizar a diversidade de vozes e linguagens presentes na sociedade. Na sequência, coloca-se em foco esse conceito fundante do Projeto Brincadas e, conseqüentemente, desta pesquisa.

3.6 MULTILETRAMENTO ENGAJADO

Inspirada nos princípios da pedagogia dos multiletramentos, desenvolvida pelo New London Group, em 1996, na obra de Freire e na teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky (2001), o Multiletramento Engajado (ME), proposto por Fernanda Liberali (2022), amplia a noção de letramento para além da aptidão de ler e escrever, concentra-se em colocar os sujeitos no centro do processo de construção de significados e leva em consideração o contexto social e cultural, nesse, reconhecendo a diversidade de formas de comunicação e expressões existentes.

Segundo Liberali (2022), baseada nos conceitos freirianos de imersão, emersão e inserção, o Multiletramento Engajado, a partir da imersão na realidade, da construção crítica de generalizações e da produção de mudança social, busca ampliar as vivências dos alunos e apoiá-los a fazer escolhas críticas.

Além disso, o entrelace da pedagogia dos multiletramentos e as teorias de Vygotsky e Freire serve como base para uma abordagem educacional – o

Multiletramento Engajado – que valoriza a emancipação, o pensamento crítico, o envolvimento ativo dos estudantes, de modo que se sintam encorajados para enfrentar e superar opressões pelo processo de aprendizagem e da reflexão sobre suas próprias experiências e contextos.

A perspectiva sociocultural de Vygotsky ([1934]/2005), que valoriza o aprendizado como um processo social e culturalmente situado, tendo a prática do brincar como atividade central e a desencapsulação curricular (Liberali, 2019), que busca promover um ambiente de aprendizagem mais amplo, integrando de diferentes áreas do conhecimento, são reconhecidas como ferramentas essenciais para promover uma educação para além do conhecimento acadêmico.

Esses conceitos, alinhados com os princípios do Multiletramento Engajado, enfatizam a importância da participação ativa dos estudantes e consideram as dimensões éticas, sociais e culturais dos aprendizes, o que os tornam fundamentais para a construção de um ambiente educacional inclusivo e voltado para o desenvolvimento integral.

O ME tem como premissa destacar maneiras de abordar a educação com um comprometimento genuíno com a vida e sua evolução a partir de um processo que combina teoria e prática. Esse processo é considerado uma abordagem viável para educar para o Bem Viver (Krenak, 2020).

A explicação dessa prática sugerida pelo líder e escritor indígena, Ailton Krenak, é de que o “Bem Viver” é uma concepção que transcende a qualidade de vida individual, abrangendo a harmonia e equilíbrio entre seres humanos, natureza e universo. Ele enfatiza a importância de reconhecer e respeitar a generosidade da natureza, defendendo um modo de vida que não se baseie na acumulação de bens materiais, mas sim na apreciação e preservação dos recursos naturais e na promoção de relações sustentáveis com o meio ambiente e com outros seres humanos (Krenak, 2020).

Nessa direção, Liberali (2022) destaca a necessidade de promover uma educação que vá além da alfabetização tradicional, engajando-se ativamente na formação de indivíduos críticos, criativos e conscientes de seu papel na construção de um mundo mais justo e inclusivo. Tanto o Bem Viver quanto o Multiletramento Engajado compartilham uma preocupação com a transformação da realidade em direção a uma convivência mais harmoniosa e sustentável entre natureza e sociedade.

Conforme abordado no início da presente seção, o Multiletramento Engajado, como uma proposta pedagógica, destaca três ações que organizam as práticas essenciais para o processo de ensino-aprendizagem em qualquer área ou disciplina escolar:

1. Imersão na realidade: consiste em um momento de aproximação do objeto de estudo com o objetivo de compreensão da realidade (Freire, 1970), que representa o momento que os participantes acessam os seus patrimônios vivenciais e experimentam situações reais da vida, sobre as quais através da perspectiva do brincar de Vygotsky ([1934]/2005)¹¹, acabam por ser resignificadas. A partir do brincar, os sujeitos podem experimentar vicariamente diferentes aspectos da vida, passando por um processo catártico de sentir, pensar e agir ao lidar com situações alegres, tristes, desafiadoras ou revoltantes, o que contribui para a compreensão mais profunda dos significados envolvidos (Liberali, 2022).
2. Construção crítica de generalizações: esse é o momento de refletir e ampliar o que se iniciou na imersão na realidade. Nessa etapa, os participantes distanciam-se do objeto para compreendê-lo adequadamente. Essa etapa está intrinsecamente ligada ao conceito de conscientização e emersão histórica de Freire (2021). Esse processo começa pela conexão entre a realidade imediata experimentada pelos participantes por meio do brincar e questões sociais mais abrangentes. Ao conectar uma situação específica com sua compreensão em um contexto histórico mais amplo, busca-se desenvolver estratégias para debater formas de agir para provocar uma compreensão mais profunda dessa realidade.
3. Produção de mudança social: com o objetivo de “tornar os participantes sujeitos de sua história e transformadores de suas realidades” (Liberali, 2021, p. 135), são propostas iniciativas para promover a mudança social. Nesse momento, munidos de muito mais informações do que no início

¹¹ Vygotsky (2005) entende o brincar como uma atividade intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo e à possibilidade de transformação social e pessoal. Ele considera a brincadeira em grupo um meio fundamental pelo qual os sujeitos participam e engajam-se com a cultura em que vivem.

das ações, utilizando múltiplas linguagens, os participantes são convocados a planejar e executar ações práticas para promover transformações, construindo, assim, o inédito viável (Freire, 2021).

Para Freire (2021), o "inédito" representa algo novo, que ainda não foi experimentado ou realizado, enquanto o "viável" indica que essa novidade deve ser realizável dentro do contexto específico em que se encontra. Assim, o "inédito viável" sugere a busca por alternativas inovadoras que possam ser implementadas, considerando as condições e possibilidades existentes.

Esse conceito enfatiza a importância da criatividade, da reflexão crítica e da ação transformadora no processo educativo, incentivando os sujeitos envolvidos no processo a pensarem de forma inovadora e a buscarem soluções que sejam relevantes e aplicáveis em suas realidades. Em suma, o "inédito viável" de Freire estimula a busca por novas formas de pensar e agir que possam contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária.

É nessa perspectiva que o "inédito viável" insere-se no Multiletramento Engajado, posto que ambos convocam a ação crítica e propositiva dos sujeitos em múltiplos contextos. Nessa direção, ao integrar o Multiletramento Engajado no trabalho com escrituras a partir de histórias de migrantes de crise, sob uma perspectiva decolonial e intercultural, os participantes são incentivados a refletir criticamente sobre suas próprias experiências, memórias e vivências, bem como quanto ao mundo ao seu redor. Esse processo de reflexão crítica pode contribuir para a expansão de Patrimônio Vivencial, consequentemente, viabilizar a ampliação da consciência social e política dos sujeitos participantes sobre temas urgentes e, com isso, possibilitar a transformação dessas realidades.

Uma vez expostas as bases teóricas e epistemológicas desta pesquisa, passa-se para a apresentação da metodologia em que ela foi pautada.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, expõe-se o percurso teórico-metodológico da pesquisa desenvolvida. Para tanto, descreve-se e discute-se a respeito da Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) (Magalhães, 2012); bem como se discorre sobre planejamento, produção, coleta e análise dos dados aplicados e, por fim, apontam-se as garantias de credibilidade da investigação.

4.1 PESQUISA CRÍTICA DE COLABORAÇÃO - PCCOL

A historicidade da Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) teve seu início em 1990, este marcado pela escolha metodológica da tese de doutorado da professora Maria Cecília Camargo Magalhães, intitulada “A study of teacher-researcher collaboration on reading instruction for Chapter one students” que, em essência, discute a colaboração entre pesquisador e professor, que juntos elaboram um programa para promover o desenvolvimento de aptidões e desejos dos alunos, em um ambiente de leitura, para que se tornem leitores interessados em aprender (Magalhães, 1990, 2012).

Magalhães (2012, p. 17) conta que o objetivo era que a metodologia escolhida para a discussão de sua tese “pudesse dar conta da compreensão e transformação das relações colaborativas e de modos de agir para trabalhar com formação de professor”. Posteriormente, quando Magalhães já atuava como professora do PPG em LAEL- PUC-SP, a abordagem metodológica foi retomada e, então, desenvolvida, criticada, confrontada, repensada e ressignificada, fundamentada em contribuições e compreensões, a partir da colaboração de professores, entre eles: Fernanda Liberali, Angela Lessa e Sueli Fidalgo; e com a colaboração do Grupo de Pesquisa de Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (LACE), liderado pelas professoras Dras. Magalhães e Liberali (PUC-SP) (Magalhães, 2012).

De acordo com Magalhães e Ninin (2017), a PCCol é caracterizada como uma pesquisa de intervenção, com foco na desencapsulação e transformação do sujeito. E isso pode significar que, em busca da promoção de mudanças na realidade social e educacional, a PCCol envolve a participação ativa dos sujeitos em todo o processo de pesquisa, desde o momento da desconstrução (desencapsulação) até o de reconstrução do conhecimento e na transformação da realidade.

A PCCol tem as suas bases teóricas apoiadas no materialismo histórico-dialético de Marx e Engels ([1845-46]/2007) e na perspectiva vygotskyana ([1934]/2005), que entende o desenvolvimento humano como um processo social e cultural, mediado pela linguagem e, mais precisamente, na teoria da atividade sócio-histórico-cultural (TASHC) (Leontiev, 2014; Vygotsky, 2005) e ampliada por Liberali (2009, 2018), Magalhães (2011) e Engeström (2009), quanto:

- ao papel político da instituição escolar e dos formadores na produção de transformação nas relações no contexto escolar;
- à base para a construção de um processo ativista e intervencionista, ou seja, de modo que os sujeitos possam interferir e mudar o seu entorno;
- à zona de desenvolvimento proximal (ZDP), como mediadora central do desenvolvimento dos sujeitos, possibilitando aprendizagem significativa, em constante transformação e movimento (Magalhães, 2012).

Trata-se, portanto, de uma abordagem teórico-metodológica de pesquisa social e educacional. Em outras palavras, é uma pesquisa que se baseia em um conjunto de teorias e métodos para investigar um problema específico. A respeito disso, Magalhães (2012, p. 13) aponta "a importância chave das escolhas metodológicas atribuírem à linguagem o papel de mediar e constituir as relações humanas, nos vários contextos sócio-histórico-culturais particulares das experiências diárias".

As pesquisas desenvolvidas com base na PCCol possibilitam aos **pesquisadores construir, conjuntamente, "contextos de negociação (colaborativos), com foco na compreensão e na transformação de sentidos e significados"** (Magalhães; Fidalgo, 2011, p. 15). O contexto colaborativo dá-se por meio de atividades que incentivam o diálogo, a reflexão crítica e a ação transformadora. Em essência, a PCCol é uma metodologia de pesquisa que busca a transformação social por meio da colaboração, da reflexão crítica e da ação conjunta.

Nessa direção, ao considerar a historicidade da PCCol e a relevância do conhecimento acumulado a seu respeito, ao longo de estudos anteriores, para o desenvolvimento deste trabalho, assim como a credibilidade de sua aplicação em pesquisas realizadas por colegas do Grupo LACE, entendeu-se que a PCCol seria a abordagem metodológica mais adequada para este estudo. A PCCol destaca-se por apoiar a organização, implementação e avaliação de projetos que têm como centralidade a discussão, compreensão e transformação dos modos de atuação nos

ambientes escolares, além de questionar esses padrões com base em princípios de justiça, buscando a transformação e promovendo a cidadania crítica (Magalhães, 2012).

Durante todo o percurso que compôs o evento no CIEJA Perus I, objeto de estudo desta pesquisa, destacou-se o foco na colaboração-crítica. Diversas etapas antecederam a realização do evento e em todas elas houve participação ativa dos envolvidos, sendo eles: o coletivo de pessoas que compõem o Projeto Brincadas, profissionais e alunos do CIEJA Perus I, grupos de pesquisadores LACE da PUC-SP e trabalhadores da Praça da Kantuta. Todos tiveram a oportunidade de contribuir com suas perspectivas, conhecimentos e experiências para o processo de pesquisa.

Ademais, todas as etapas da pesquisa foram realizadas sob uma perspectiva colaborativa e crítica: planejamento do evento, abrangendo as discussões das ações em reuniões do Projeto Brincadas, escolha das brincadeiras que seriam propostas e processo de escrita das escrevivências. A destacar, não somente os dados discutidos neste trabalho foram elaborados com a participação ativa e indispensável do Grupo Lace, por meio da oportunidade de participar de uma miniquificação, como também a redação deste estudo foi influenciada por essa relação colaborativa.

Como última observação, o presente estudo caracterizou-se pela busca da transformação da realidade dos envolvidos e pela sua natureza participativa, reflexiva e embasada em uma base teórica sólida, conforme proposto por Magalhães (2009).

A seguir são apresentados os procedimentos de produção e o processo de coleta de dados.

4.2 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO, COLETA E SELEÇÃO DE DADOS

Para explicitar os procedimentos metodológicos, retoma-se os objetivos gerais e específicos da pesquisa. Como já indicado, objetivou-se **investigar e analisar atividades mobilizadoras do Patrimônio Vivencial com um grupo de estudantes do CIEJA Perus I, fundamentadas em escrevivências – baseadas em memórias de migrantes.**

Para esse fim, esta pesquisa foi organizada a partir de uma pergunta de pesquisa, seguida de três subperguntas:

- 1) Como se realiza uma atividade mobilizadora de construção de Patrimônio Vivencial com um grupo de estudantes, por meio de um trabalho com escritivências baseadas em memórias de migrantes?
- 1a) Como se realizou o encontro do Projeto Brincadas com os estudantes do CIEJA Perus I?
- 1b) Qual o papel das escritivências durante o encontro?
- 1c) De que maneira o trabalho com as escritivências pode ter mobilizado e expandido o Patrimônio Vivencial dos participantes?

O objeto de estudo foi um encontro formativo, ocorrido no dia 07 de maio de 2022, das 10-12 horas, no CIEJA Perus I, com a participação de alunos e professores da escola. O convite carregava a seguinte chamada “Participe desta Brincada! Juntos vamos construir um evento repleto de brincadeiras, reflexões e inéditos viáveis!”.

O encontro totalizou duas horas de duração e foi registrado por meio de vídeos e fotografias de celulares e câmeras de filmagem, pelos próprios pesquisadores-formadores do Projeto Brincadas e, posteriormente, armazenados no acervo do projeto, localizado na plataforma *Google Drive*. O total de arquivos de vídeos gravados somam mais de nove horas de gravação, sendo que muitas filmagens se repetem, porém de ângulos e qualidade de som e imagem diferentes. Para selecionar o material que compõe essa pesquisa, assisti a todos os vídeos e, então, selecionei os arquivos conforme os ângulos que favoreciam a melhor qualidade de som e imagem, de modo que fosse possível costurar e garantir a cobertura de diálogos de todo o encontro. Foram selecionados nove arquivos de filmagem, totalizando 180 minutos (3 horas) de material analisado.

É importante mencionar que algumas gravações ficaram comprometidas devido aos ruídos do som ambiente e ao uso das máscaras, pois o encontro aconteceu no período pandêmico (Covid-19), fatores estes que prejudicaram a compreensão de algumas falas.

Diante desse material, foi possível realizar a transcrição dos acontecimentos do evento com o objetivo de permitir a visualização das atividades que foram propostas, interação e reação dos participantes com o intuito de realizar a análise e investigação proposta por essa pesquisa.

4.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

A análise deu-se em uma perspectiva qualitativa, fundamentada nas ações da reflexão crítica (descrever, informar, confrontar e reconstruir) apoiada em Liberali (2018), a partir das reflexões críticas de Smyth (1992) e multimodal (Kress, 2010), uma vez que se pretendeu integrar e expor diferentes aspectos dos sujeitos participantes da pesquisa, contemplando diálogos, linguagem corporal, expressões faciais e contexto espacial.

Kress (2010) sugere que a análise multimodal deve expandir a compreensão para além dos elementos de ordem concreta, com isso, elevando o olhar analítico também para as práticas sociais e culturais que moldam a produção e recepção. Sob a perspectiva da reflexão crítica, Liberali (2014) ressalta a oportunidade de se analisar as próprias ações de maneira crítica e distanciada e, dessa forma, possibilitar a transformação e emancipação tanto de si mesmo quanto dos outros. Portanto, a interseção entre as ações da reflexão crítica e a abordagem multimodal contribuíram para uma análise e interpretação integrativa, na qual se focalizou tanto nos aspectos comunicacionais quanto nas implicações sociais e políticas.

Para uma análise crítica dos discursos e linguagem empregados durante o encontro, fez-se a transcrição da gravação (Apêndice A), o que permitiu uma análise detalhada da linguagem utilizada. Além disso, para uma abordagem multimodal que incluísse gestos, postura corporal e expressões faciais, entre outros aspectos em conjunto, foram examinadas também as imagens oferecidas pela gravação.

É relevante destacar que as falas e os diálogos utilizados neste estudo não foram alterados, dessa forma, permanecendo fiéis às falas originalmente registradas durante o encontro, sem qualquer tipo de correção gramatical, ortográfica, sintática ou de conteúdo. Essa abordagem reflete uma postura de respeito pela autenticidade das vozes dos participantes. Além disso, pôde-se fazer uma análise participativa, visto que esta pesquisadora-participante compôs todo o processo de realização do trabalho analisado, tendo colaborado em todo o percurso da realização do projeto em análise.

Para realizar essa investigação, enquanto pesquisadora-participante, meu olhar atravessou o olhar de "apenas pesquisadora" e entrelaçou-se e envolveu-se com as histórias, dessa forma, alinhando-se à perspectiva multimodal. Todo o trabalho teve como objetivo responder às perguntas elencadas nesta pesquisa.

4.4 CREDIBILIDADE E ÉTICA

Esta pesquisa foi construída sob o olhar atento, competente e cuidadoso da Prof. Dra. Fernanda Liberali e com a colaboração-crítica do GP Lace. Como fontes credíveis relacionadas com a minha pesquisa, apresento as disciplinas cursadas, as orientações e conversas diversas com a minha orientadora Fernanda Liberali, a minha participação como pesquisadora do Projeto Brincadas, as discussões com os colegas em sala de aula, participação em miniquificações¹², participação como discente auxiliar de pesquisa para o desenvolvimento do projeto temático de pesquisa “Memórias de migrantes na pandemia: narrativas de resistência no enfrentamento do racismo” e participação na escrita de artigo e de capítulo de livro (Liberali *et al.*, 2023, no prelo), que discutem as escrevivências a partir das vivências de migrantes e aceite para apresentação de trabalho com enfoque em imigrantes em colóquio. A seguir, detalho as principais contribuições que contemplam o percurso acadêmico percorrido ao longo da realização do mestrado:

¹² Ação do Grupo Lace em que colegas e convidados se dispõem a ler o trabalho em andamento e, a partir de uma agenda acordada com o grupo, discute-se de forma crítico-colaborativa com o objetivo de contribuir para a evolução do estudo.

Quadro 4 - Credibilidade da pesquisa

Atividade acadêmica	Período	Informações detalhadas
Integrante do Projeto Brincadas	1º semestre de 2021 a 2º semestre de 2022	Envolvimento em reuniões semanais com o com o objetivo de planejar as ações, execução de tarefas, participação presencial nos eventos realizados pelo grupo.
Miniquificações	2º semestre de 2021 a 2º semestre de 2023	Pude participar das miniquificações tanto como colaboradora de trabalhos de colegas quanto com o meu trabalho à disposição para receber contribuições. Pude aprender tanto com as contribuições compartilhadas por mim quanto com as recebidas pelo grupo no momento que compartilhei o meu trabalho, em dezembro de 2023.
Discente auxiliar de pesquisa	1º semestre de 2022	Assistente de pesquisa para o desenvolvimento do projeto de pesquisa relativo ao Projeto temático de pesquisa (PTP) “Memórias de Migrantes na Pandemia: Narrativas de Resistência no Enfrentamento ao Racismo.
Disciplina "Perspectivas de Freire e de Vygotsky para uma Linguística Aplicada Decolonial"	1º semestre de 2022	Por meio de ações práticas-metodológicas, ampliou a minha visão sobre decolonialidade, o que contribuiu diretamente para a realização desta pesquisa.
Escrita de artigo e capítulo de livro	Em andamento. No prelo.	Em parceria com colegas do Grupo Lace, escrevi um artigo e um capítulo de livro. Ambos se conectam com o tema da dissertação.
Participação em evento para apresentação de trabalho	O trabalho foi aceito em janeiro de 2024 e será apresentado em julho de 2024.	Apresentação, em parceria com colegas do Grupo Lace, do trabalho “Memórias de migrantes na pandemia: narrativas de resistência no enfrentamento do racismo” no I CINALC e V Colóquio Raça e Interseccionalidades.
Exame de Qualificação	19 de fevereiro de 2024	Banca composta pelas professoras Profa. Dra. Fernanda Coelho Liberali (orientadora), Profa. Dra. Angela Lessa (PUC-SP) e Profa. Dra. Marisol Revollo (Colégio Miguel de Cervantes). Os apontamentos realizados nesse exame contribuíram grandemente para a construção desta pesquisa e para minha formação acadêmica e profissional.

Fonte: elaboração própria.

Toda a trajetória acadêmica, em especial as ações destacadas, foi fundamental para o desenvolvimento deste projeto, ajudando a expandir minha análise crítica. Isso

me levou a refletir sobre todo o percurso teórico deste trabalho e dados, além ainda de ampliar meu arcabouço teórico, de modo que isso possa potencializar a minha prática em sala de aula. Além disso, tal processo está circunscrito no Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética da PUC-SP¹³, sob número 5.092.795, que autoriza a investigação.

A seguir, apresenta-se a análise deste estudo apoiada em Liberali (2018), a partir das reflexões críticas de Smyth e multimodal (Kress, 2010), com base nas interpretações dos dados coletados.

¹³ Protocolo no Anexo A: Parecer Consubstanciado do CEP.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“O mundo é espetáculo, mas sobretudo convocação”
(Freire, [1921]/1997)

Nesta seção, descreve-se a análise realizada, de forma qualitativo-interpretativista – fundamentada nas ações da reflexão crítica e na multimodalidade-, do encontro do Projeto Brincadas, que aconteceu no sábado, 07 de maio de 2022, das 10-12 horas, oferecido gratuitamente para alunos e professores do CIEJA Perus I.

Posto isso, para iniciar essa descrição, faz-se necessário recuperar o objetivo geral, a pergunta e as subperguntas de pesquisa. O objetivo foi **investigar e analisar atividades mobilizadoras do Patrimônio Vivencial com um grupo de estudantes do CIEJA Perus I, fundamentadas em escrituras – baseadas em memórias de migrantes**. Para tanto, esta pesquisa foi organizada a partir de uma pergunta de pesquisa, seguida de três subperguntas:

1) Como se realiza uma atividade mobilizadora de construção de Patrimônio Vivencial com um grupo de estudantes, por meio de um trabalho com escrituras baseadas em memórias de migrantes?

- 1a) Como se realizou o encontro dos membros do Projeto Brincadas com os estudantes do CIEJA Perus I?
- 1b) Qual o papel das escrituras durante o encontro?
- 1c) De que maneira o trabalho com as escrituras pode ter mobilizado e expandido o Patrimônio Vivencial dos participantes?

Com tais objetivos, inicialmente, responde-se à subpergunta “1a” a partir da descrição do encontro, fundamentada nas ações da reflexão crítica “Descrever” e “Informar” (Liberali, 2018), e mediante os fundamentos centrais do Multiletramento Engajado, que são: imersão na realidade, construção crítica de generalizações e produção de mudança social.

Logo após, os dados descritos são confrontados com a segunda subpergunta “1b”, baseada também nas ações da reflexão crítica, mais especificamente no

“Confrontar”, de modo a compreender a relação das escrevivências com a construção do Patrimônio Vivencial.

Em seguida, para responder à pergunta “1c”, o foco da análise deu-se no segundo bloco do encontro, quando ocorreu a construção crítica de generalizações. Este momento foi descrito, detalhadamente, expondo-se dados para exemplificar a descrição. Também se deu atenção a gestos, palavras e falas que sinalizavam possibilidades de mobilização e expansão de Patrimônio Vivencial, a partir do trabalho com as escrevivências, de modo a responder a esta pergunta de pesquisa, a partir do “Reconstruir” – um processo pelo qual o pesquisador coloca-se na história como agente, com um olhar mais bem embasado e seguro, tendo um controle maior sobre suas decisões. Entende-se, aqui, que as práticas acadêmicas podem ser mutáveis e, uma vez que se torna praticante emancipado, passa-se a assumir maior poder de decisão.

A seguir, descreve-se o encontro do Projeto Brincadas, objeto de estudo desta pesquisa.

5.1 BRINCADAS NO CIEJA PERUS I

Após conhecer mais de perto a realidade de diferentes comunidades de migrantes – por meio de visita a locais onde eles trabalham e estudam, com um olhar atento de pesquisador no intuito de entrevistar, coletar dados e estabelecer conversas com esses sujeitos –, um grupo de pesquisadores da PUC-SP, em parceria com os integrantes do Projeto Brincadas e com o apoio da professora do CIEJA Perus I, Daniela Vieira, e da coordenação e direção do CIEJA, realizou o evento com os alunos migrantes, não migrantes e professores da mesma escola com base nos dados coletados.

A partir de jogos teatrais e de práticas embasadas no Teatro do Oprimido (Boal, 2009), o brincar, sob a perspectiva do Multiletramento Engajado, permeou todas as atividades propostas para o encontro. O evento teve como mote principal compartilhar as histórias de vida dos migrantes, com todos os alunos e professores participantes, por meio de escrevivências. O que, talvez, não se imaginava ao planejar essa atividade é que essas escrevivências seriam multiplicadas em tantas outras histórias, as quais também poderiam, facilmente, tornarem-se novas escrevivências.

As Brincadas foram organizadas a partir das práticas pedagógicas do Multiletramento Engajado e ocorreram por meio de três ações: Imersão na Realidade, Construção Crítica de Generalizações e Produção de Mudança Social, conforme fundamentado no capítulo três.

5.1.1 Imersão na realidade

Para iniciar a manhã, todas as pessoas presentes foram convidadas a dançar ao som da música "O que é o que é", de Gonzaguinha. Cada ação realizada durante o encontro teve uma intencionalidade bem demarcada pelo grupo do Projeto Brincadas, que planejou o encontro. A escolha da música do cantor e compositor brasileiro Gonzaguinha, por exemplo, deu-se por ser uma obra rica em simbolismo e metáforas, que explora diversos temas universais como a vida, a morte, o amor, a liberdade, a justiça social e a busca pela felicidade.

Logo depois, o grupo seguiu com duas brincadeiras (descritas na sequência) que apresentavam o intuito de criar um ambiente mais confortável e descontraído. Para Vygotsky (2008, p. 26), a brincadeira conecta as pessoas umas com as outras de modo que elas tenham a oportunidade de compartilhar desejos e experiências, e isso cria um sentimento de pertencimento e de união, "a essência da brincadeira é que ela é a realização de desejos, mas não de desejos isolados e sim de afetos generalizados".

Após ouvirem e divertirem-se ao som de Gonzaguinha, os participantes foram convidados a saudar os colegas com o seu melhor "bom-dia" e, em resposta, todos deveriam imitar a voz e o gesto do locutor do "bom-dia". Durante a realização da brincadeira foi possível perceber diferentes formas de cumprimento. Algumas pessoas gesticularam no momento da saudação, outras, brincaram com a voz, utilizando diferentes vozes, outras restaram mais tímidas, mas todas "entraram na brincadeira".

Figura 3 – Foto do momento de saudação de um dos participantes



Fonte: Acervo digital do Projeto Brincadas

Figura 4 – Foto do momento de resposta da saudação de todos os participantes



Fonte: Acervo digital do Projeto Brincadas

A brincadeira subsequente funcionava desta forma: a "pessoa 1", voluntariamente, escolhia a "pessoa 2" na roda, por meio da conexão pelo olhar, e ia em sua direção. Ao aproximar-se da "pessoa 2", a "pessoa 1" evocava seu próprio nome, como quem se apresenta. Em resposta, a "pessoa 2" dizia o seu nome e, então, seguia em busca de se conectar com outra pessoa, assim, reiniciando o ciclo da brincadeira. Conforme a imagem a seguir, na prática, a brincadeira funcionou de forma mais sinestésica do que na descrição em si, pois, naturalmente, muitos presentes, no momento de mudar de lugar, acabavam abraçando o colega ao se apresentar, tornando a brincadeira ainda mais afetiva. Todos tiveram a oportunidade de participar da brincadeira.

Figura 5 – Foto do abraço na colega durante a atividade, no momento da transição de lugares



Fonte: Acervo digital do Projeto Brincadas

Após a realização das duas brincadeiras descritas, que foram a base para proporcionar integração entre os participantes, de modo que a próxima etapa pudesse acontecer, iniciou-se o momento de “imersão na realidade” que, como aponta Freire (1972), pressupõe uma compreensão da realidade.

A imersão na realidade é uma proposta de ensino e aprendizagem que busca conectar os aprendizes com o mundo real, por meio de experiências imersivas que permitem aos participantes vivenciarem diferentes situações e contextos, de forma autêntica e significativa (Liberali, 2022). A brincadeira seguinte fez parte desse segundo momento. Essa brincadeira que deu início à imersão se chama “Espelho”.

Com o grupo mais entrosado e animado, ainda em roda, os participantes foram convidados a dividirem-se em duplas e, por um período, uma pessoa da dupla era o “espelho”, e a outra pessoa era o “reflexo”, assim, tudo que o espelho fazia, o reflexo tinha de tentar fazer igual.

“Nesse espelho, a gente está olhando um para o outro. Tem que estar olhando pros olhos e pro corpo”, falou Viviane Carrijo, participante do Projeto Brincadas, durante a realização da brincadeira.

Em seguida, trocavam os papéis e ambos tiveram a oportunidade de ser “espelho” e “reflexo”. A brincadeira não parou por aí. Ainda na proposta de “espelho” e “reflexo”, a condutora da brincadeira convidou os presentes a espelhar emoções. *“O nosso corpo transmite várias emoções, de várias formas”*, disse ela. Em seguida, as duplas foram convidadas a brincar de representar emoções como felicidade, tristeza, entre outras.

Durante a atividade, foi possível observar os participantes empenhando-se de forma genuína para imitar o colega, bem como os perceber divertindo-se com as diferentes articulações corporais. Eles também eram convidados a olhar em seu entorno com o intuito de compreender como os outros colegas estavam representando as mesmas emoções.

Segundo Boal (2009), jogos teatrais como a brincadeira do espelho têm potencial para promover o autoconhecimento, a empatia, a criatividade, a integração do grupo e a comunicação não verbal. A atividade prevê conexão, compartilhamento de emoções, percepção de como o outro vivencia a experiência e como eu mesmo vivencio a atividade igual.

Na Figura 6, os participantes estão representando a emoção “esperança”.

Figura 6 – Foto da atividade “Espelho”

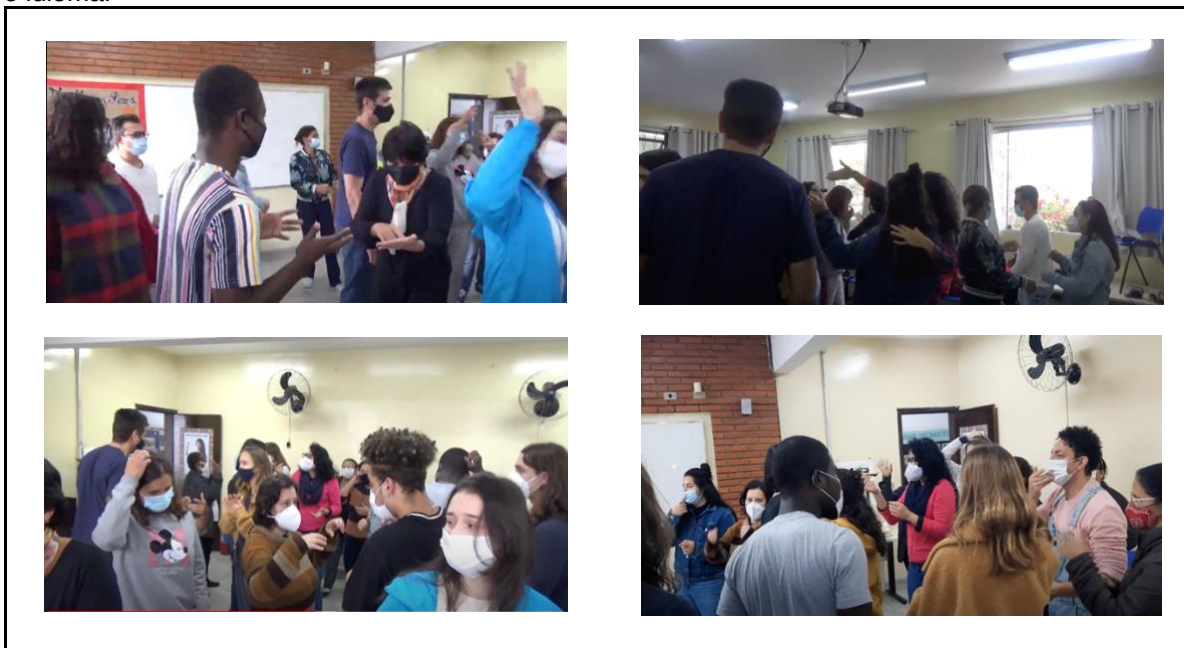


Fonte: Acervo digital do Projeto Brincadas

A próxima atividade vivenciada, também, apresentava como mote trabalhar as "reações a situações" dos participantes. Rafael Pejão, também pesquisador integrante do Projeto Brincadas, conduziu o processo. Os presentes andavam pela sala, de forma livre, mas quando Rafael acabava de contar qual seria a situação, todos agiam como tal. Foram elas:

- 1- Você viu um amigo que não via há muito tempo.
- 2- Você está andando na calçada de uma rua, um carro passa ao seu lado, numa poça d'água, e a água vai toda em você.
- 3- Você está no aeroporto de um país cujo idioma não sabe falar.

Figura 7 – Fotos das “Reações a situações”, momento de chegada em um país que não se sabe falar o idioma.



Fonte: acervo digital do Projeto Brincadas

As quatro imagens da Figura 7 referem-se ao mesmo momento da atividade, no qual os participantes vivenciaram a própria chegada em um país no qual não sabiam o idioma. Em todas as imagens é possível perceber as pessoas utilizando-se, primordialmente, de gestos para tentar comunicar-se. Os gestos, componente da linguagem multimodal (Kress, 2010), nesse contexto, foram utilizados para complementar ou sobrepor a fala de modo a comunicar algo, de maneira não verbal.

Em continuidade à brincadeira, após os presentes vivenciarem as situações descritas, Rafael convidou-os a também proporem situações. O grupo utilizou a criatividade e situações como "perda de celular", "chuva repentina numa praia em que havia sol" e "acidente envolvendo pedido de ajuda ao SAMU" foram vivenciadas pelo grupo.

Assim, ao som de palmas de todos os presentes, essa etapa do encontro foi encerrada. Em seguida, Fernanda Liberali, em sua fala, enfatizou o quanto todo o processo de "brincar" era importante para a etapa que se iniciaria a seguir.

"Brincar é uma coisa muito séria. A gente vai brincar mais, mas a gente vai brincar com situações que são da vida das pessoas, das dores que as pessoas vivem e com as quais a gente vai trabalhar pra gente construir modos de sobreviver a essas situações. Como a gente sobreviveu brincando com as brincadeiras e situações de hoje", disse Fernanda.

Segundo Amorim (2023, p. 24), “a viabilização do criar (drama) junto a estratégia (brincar) acontece por meio do vivenciar eventos dramáticos. O evento dramático é a possibilidade de os sujeitos experimentarem as contradições existentes em suas relações sociais”. Esse entrelace proporcionado pelo brincar com a possibilidade de vivenciar diferentes situações reais fortalece a compreensão do mundo dos sujeitos.

A imersão na realidade possibilita aos participantes compreenderem a relação dessas atividades com as suas vidas e, conseqüentemente, refletirem sobre como as suas ações podem impactar na sociedade (Liberali, 2022). Para que isso ocorra, os participantes acabam por revisitar suas próprias experiências de vida, o seu Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020), ao mesmo tempo que estão identificando áreas de sua vida que desejam transformar e expandir.

Quando se está diante de uma situação que afeta e alegra, isso aumenta a potência de agir no mundo (Fernandes; Garcia, 2021). Ao conectar-se com diferentes pontos de vista e experiências, a visão do mundo expande-se e é possível abrir-se mais a novas possibilidades.

Durante as atividades propostas nesse primeiro bloco foi possível perceber grande engajamento dos participantes. Eles se utilizaram de diversos recursos para interagir e comunicar-se uns com os outros e integraram-se de forma bastante ativa, expressando-se individual e coletivamente, experimentando as ideias propostas pelos colegas e recorrendo à memória para buscar vivências anteriores e, então, colocarem em prática algumas das brincadeiras propostas. Isso, portanto, significa que acessaram os seus patrimônios vivenciais, desse modo, resgatando informações e sensações que contribuíram para as suas compreensões de mundo, suas relações interpessoais, suas decisões de como brincar e suas perspectivas sobre a vida.

A realização dessas brincadeiras teatrais na etapa de “imersão” contribuiu para que as pessoas se sentissem cada vez mais confortáveis para acionar recursos como voz, gestos, movimentos corporais e até emoções. Essas reflexões que se iniciaram durante a imersão são, então, ampliadas e lapidadas na próxima etapa do encontro, segunda ação do Multiletramento Engajado: construção crítica de generalizações.

5.2 CONSTRUÇÃO CRÍTICA DE GENERALIZAÇÕES

O momento de construção crítica de generalizações pressupõe a “sistematização generalizante dos saberes vividos” (Liberali, 2022, p. 135). A educação, segundo Freire (2021), deve ser um processo libertador que permita aos aprendizes desenvolverem a consciência crítica da realidade social em que vivem. Isso quer dizer que a aprendizagem significativa deve incentivar a construção da criticidade, de modo a apoiar a luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Nessa direção, são detalhadas, a seguir, as propostas do encontro – fundamentadas na segunda ação do Multiletramento Engajado, a Construção Crítica de Generalizações, e nos conceitos de escrevivências (Evaristo, 2003) e Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020).

Na continuidade ao encontro, em momento de construção crítica de generalizações, os presentes dividiram-se em grupos e foram convidados a ler textos construídos e fundamentados no conceito de "escrevivências" (Evaristo, 2003), os quais foram previamente redigidos para esse encontro, conforme relatado no capítulo 2. E, a partir dessa leitura, os participantes dos grupos refletiram sobre as problemáticas que conheciam e ou já tinham vivenciado, que, de algum modo, relacionavam-se com o texto lido.

Nesse momento, a atenção dos presentes convergiu para cada um dos grupos, oferecendo uma descrição detalhada de cada um, com dados multimodais para ilustração. Aqui se objetivava destacar as oportunidades de mobilização e expansão de Patrimônio Vivencial, a partir das escrevivências discutidas nos grupos. A seguir, são apresentados os grupos na mesma ordem numérica em que foram definidos durante o encontro, de forma aleatória.

5.2.1 Grupo 1

A proposta do Grupo 1 era ler a escrevivência que segue, e, logo, conversar sobre os sentimentos e pensamentos que reverberaram a partir dela.

Eu olhava tudo e pensava que o mar não podia ser destruído. Ele continuava lindo e o meu coração se acalmava. Depois da guerra e do terremoto, as minhas esperanças estavam quase acabando, mas o mar parecia o meu amigo, que entendia tanta coisa que eu sentia... Falei para ele sobre a vontade que sentia de ir embora... Já faz alguns anos que ouvia dizer que no Brasil tinha oportunidades de emprego e de recomeçar a vida...

Quando consegui juntar um dinheiro com a ajuda da minha família e amigos, vim para cá há quase um ano e consegui o emprego e tenho novos amigos, mas, mesmo assim, às vezes, parece que escuto o barulho do mar falando comigo e sinto muitas saudades de estar na praia e da vida lá no Haiti. (Acervo do Projeto Brincadas)

Após a leitura, Larissa Mazuchelli, formadora-pesquisadora, convidou os participantes a manifestarem-se.

Agora a gente vai conversar sobre o que vocês sentiram, o que vocês pensaram sobre essa história, se vocês conhecem alguém que tenha passado por alguma situação parecida. (Larissa Mazuchelli)

Em resposta à indagação da formadora-pesquisadora, o Participante 1, brasileiro, relata que:

[...] o Brasil é um lugar onde a gente tem a maior comunidade haitiana fora do Haiti, a primeira coisa que me remete é pensar o sofrimento que é essa partida de um lugar para o outro, e o quanto as vezes eles se encontram nesse lugar que também tem muita vulnerabilidade [...]. (Participante 1).

Assim como sugere Martin-Baró (2017), quando lembra sobre a importância de enxergar pela ótica das maiorias oprimidas, o Participante 1 demonstra ter essa aptidão ao narrar uma história de um aluno haitiano:

[...] eu tenho um aluno haitiano, ele é sempre marcado por muitas vivências desse rompimento que é não estar no lugar onde nasceu, onde tem amigos que deixou, é bastante complexa essa situação que eles buscam esperança em um lugar que não é o seu lugar de origem [...]. (Participante 1)

A realidade do aluno, narrada pelo professor, é muito comum entre os migrantes, como se pode verificar em trechos a seguir. No sentido de apoiar alunos em situações como a destacada, aponta-se que Freire (1972) defende que o trabalho pedagógico se inicie justamente a partir da escuta das pessoas que estão passando por situações opressoras.

Ainda sobre o tema “rompimento”, a Participante 2, angolana que mora no Brasil, conta para o grupo sobre o desafio que foi vir para este país com duas filhas e sem o marido, que falecera. Apesar de a sua fala ter sido de difícil entendimento pelo grupo, por conta da voz baixa, do desafio do sotaque do português da Angola e, possivelmente, por ser uma pessoa reservada, ainda assim, após escutar a leitura da escrevivência e a fala do professor, ela sentiu vontade de compartilhar com o grupo a sua história de vida e, mesmo com todos os desafios relacionados à linguagem, o grupo conectou-se com a participante. A seguir, um trecho da conversa, com diversos pontos inaudíveis, do modo que foi possível escutar e transcrever:

Larissa Mazuchelli: *Deu para entender um pouquinho? Você sente saudades de Angola?*

P2: *Sim.*

Larissa Mazuchelli: *É muito difícil, não é? Do que você sente saudades?*

P2: *(inint) [00:45:42], eu sinto saudade (inint) [00:45:46], chego aqui, (inint) [00:45:48], depois (inint) [00:45:52] minha família, (inint) [00:45:57].*

Larissa Mazuchelli: *O seu esposo está aqui?*

P2: *Não, ele não chegou. Depois foi (inint) [00:46:07], faz exame de vista, dia 25 de março, fazer exame de vista, dia seis de fevereiro de 2022, eu estou falando com (inint) [00:46:27] e (inint) [00:46:29], ele não está chegando, depois chega aqui, só que ele não sabe, minha filha quem sabe, o pai dela não vai chegar mais.*

Larissa Mazuchelli: *Ele não vem, então?*

P2: *Não vem.*

Larissa Mazuchelli: *Onde ele está?*

P2: *Estava (inint) [00:46:48], depois 20 (inint) [00:46:52] de março, foi na consulta, chega (inint) [00:46:57], fazer exame, para levar (inint) [00:47:00] uma receita, (inint) [00:47:05] ainda não me deu a resposta de exame, o doutor falou, ele sabe, (inint) [00:47:11], ele não sabe, (inint) [00:47:16], a resposta sair, você não vai ficar mais, (inint) [00:47:21], dia 24 (inint) [00:47:27], ele faleceu.*

Larissa Mazuchelli: *Ele o que?*

P2: *Faleceu.*

Larissa Mazuchelli: *Sinto muito. Posso te dar um abraço?*

P2: *Sim.*

Larissa Mazuchelli: *Sinto muito.*

Figura 8 – Fotos do momento que a participante conta do falecimento do marido.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Após o abraço que a Larissa deu, a própria Participante 2 tomou a iniciativa de abraçar o colega ao seu lado.

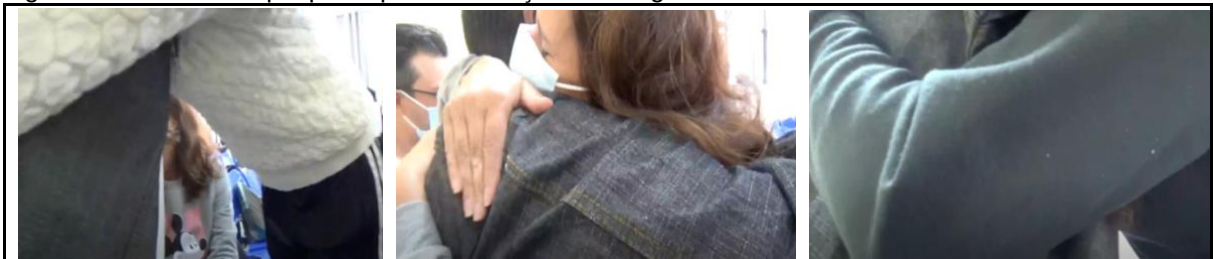
Figura 9 - Fotos em que a participante abraça o colega.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

De forma natural, cada um dos participantes da roda de conversa movimentou-se para abraçar a Participante 2.

Figura 10 - Fotos em que participantes abraçam a colega.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

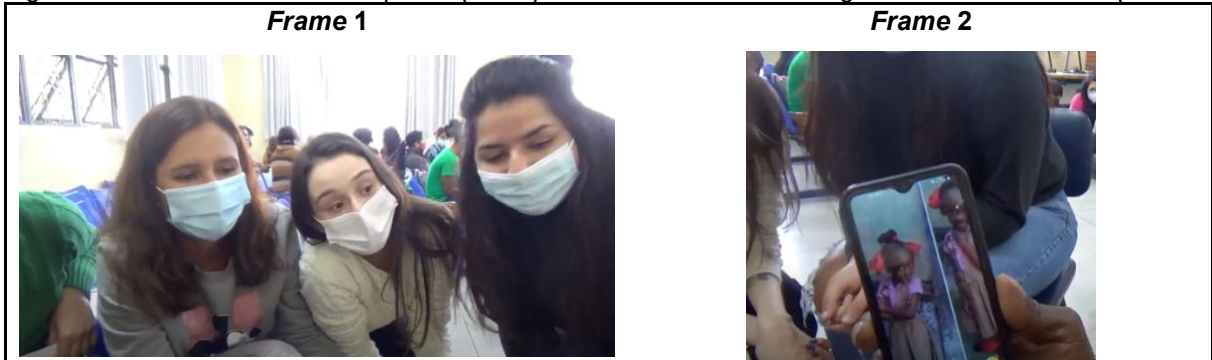
Para hooks (2020), o melhor lugar no mundo para aprender a arte do amor é em uma comunidade. Peck (1987), citado por hooks (2020 p. 161), define comunidade como “a reunião de um grupo de indivíduos” e declara que “é nas comunidades e através delas que reside a salvação do mundo”. hooks também ensina que são ações que constroem os sentimentos e é justamente essa construção que é possível perceber na cena da Figura 10. É interessante perceber que as pessoas se conectaram com a Participante 2, mesmo, talvez, não tendo compreendido a comunicação verbal com clareza. Isso sugere que outros elementos também apareceram nessa cena, tais como a empatia, a linguagem corporal, as expressões faciais, entre outros aspectos.

No contexto da Construção Crítica de Generalizações, por meio do Multiletramento Engajado, essa cena sugere que, mesmo diante de possíveis barreiras linguísticas, houve, por parte do grupo, a sensibilidade para se abrir a diferentes formas de expressão e, conseqüentemente, conectar-se com o outro.

De acordo com Megale e Liberali (2020, p. 69), “os diversos patrimônios vivenciais em contato, oriundos de contextos superdiversos, são entendidos como possibilidade de ampliação dos recursos de todos os participantes do processo educacional”. Portanto, essa conexão entre as pessoas corrobora a ideia de que a expansão do Patrimônio Vivencial é influenciada e potencializada pelas interações sociais, uma vez que essas trocas entre os sujeitos desempenham papel fundamental na construção do conhecimento, assim, permitindo a incorporação de novas experiências e aprendizados ao Patrimônio Vivencial de cada um dos envolvidos.

A formadora-pesquisadora segue, então, a mediação da conversa, de modo a provocar os participantes a contarem do que eles sentem saudades. Após a Participante 2 relatar a história do falecimento do seu marido, o grupo conectou-se com a sua vulnerabilidade e sentiu-se mais à vontade para também compartilhar as suas histórias. O Participante 3, por exemplo, era haitiano e estava no Brasil há dois anos e oito meses e sentia saudades de sua filha, que morava no Haiti com a mãe. Nesse momento, os colegas pediram para ele mostrar uma fotografia dela.

Figura 11 – Fotos do momento que os participantes estão vendo a fotografia da filha do Participante 3.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Ainda admirando a fotografia, a conversa continuou:

Larissa Mazuchelli: *Quantos anos ela tem?*

P3: *Oito.*

Larissa Mazuchelli: *Oito? Legal.*

P1: *A vestimenta é escolar?*

P3: *É, escolar.*

P1: *Eu tenho alunos haitianos e eles usam a vestimenta parecida.*

Larissa Mazuchelli: *Achei muito bonita.*

Nesse trecho do diálogo percebe-se os colegas do grupo conversando com o Participante 3 e expressando curiosidade a respeito de sua vida pessoal e cultura. Assim, Larissa, a formadora-pesquisadora, valida a história do Participante 3 e acrescenta que histórias como a do haitiano também ocorrem no Brasil, referindo-se a pessoas que mudam, por exemplo, de estado.

Larissa Mazuchelli: Às vezes, mesmo aqui no Brasil a gente sente isso, a gente tem histórias de famílias que atravessaram o país, e que nunca conseguem, às vezes, retornar e visitar sua família. É difícil lidar com a saudade. Como vocês fazem para lidar com a saudade?

Sobre o tema, a Participante 4, brasileira, comenta que:

Participante 4: Toda partida é difícil, ainda mais se tratando de um lugar, igual você colocou, das lutas, de gostar de olhar tanto para um lugar, aquilo fica registrado em nossas vivências, nas nossas memórias, e ter que saber que no objetivo de buscar coisas melhores para a nossa vida e deixar ao mesmo tempo aquilo que nos marcou, é a gente sonhar acordado tentando

buscar lembranças de um lugar onde se viveu, mesmo sabendo das condições tão difíceis, foi deixada para trás, sendo muitas vezes, na maioria das vezes, situações bem difíceis aqui também. Para essas pessoas que vem, é uma luta diária, uma luta por sobrevivência, e a gente precisa acolher essas pessoas, porque a gente precisa se pôr no lugar também.

A fala da Participante 4 demonstra que, ao ouvir as palavras dos colegas, ela reconheceu o valor das experiências e vivências deles como um Patrimônio Vivencial que pode ser usado para promover mudanças positivas na sociedade.

Larissa complementa a fala da Participante 4 ao lembrar o grupo de que a saudade pode ser provocada por diversos fatores:

Larissa Mazuchelli: Saudade de quem parte, não é só saudade de quem parte fisicamente, as vezes é saudade da nossa infância, e a gente não consegue sempre voltar, saudade da nossa adolescência, saudade da escola. É bom a gente se conectar com essas saudades todas para a gente conseguir seguir em frente, a gente não está sozinho, no final das contas, a gente tem essas lembranças, acalenta o coração. Aquece o coração lembrar.

Assim, o grupo dispersa-se por algum tempo e, em seguida, ocorre um silêncio. A formadora-pesquisadora, volta o olhar para um dos participantes que, até o momento, não havia dialogado. Era, inclusive, o participante que estava filmando o bate-papo.

Larissa Mazuchelli: Quer falar alguma coisa? – fala Larissa, direcionando o olhar para o Participante 5.

Larissa Mazuchelli: Ele está na câmera, ele não está falando nada, pode falar, todo mundo fala.

Participante 5: Eu sempre falo. (risadas)

Participante 4: Estou achando estranho, ele está quietinho.

Participante 5: Fica tranquila. É que é um assunto muito delicado quando se trata de saudade. Eu sempre fui criado pela minha avó, minha avó que cuidou de mim porque minha mãe estava terminando a faculdade, estava terminando de fazer as coisas, e depois quando mãe veio para cuidar de mim, minha avó não deixou, eu sempre fui criado pela minha avó até os 13 anos de idade. Ela veio a falecer em 2014, e eu sempre conto essa história, porque foi quando eu tive esse acolhimento da parte da minha mãe, quando minha avó morreu, mas também tive essa perda, desde então, foi quando eu fiquei internado, eu fiquei muito mal, eu fiquei um mês internado.

Larissa Mazuchelli: *De saudade, de dor né?*

Participante 5: *De saudade, fiquei entubado, saí depois de um mês, e até ano retrasado eu tinha crises, ainda tem coisas que eu não faço porque lembra muito ela, e eu não consigo fazer porque não dá, não consigo, eu prefiro evitar. Quando eu sinto saudade assim eu sempre me questiono por que, por que isso veio a acontecer, por que tem que ser assim, por que a gente não pode ir junto também. Uma das coisas que minha mãe fala é que eu queria ir junto, não estava nem aí. Eu conto rindo agora, mas eu lembro quando a gente estava no velório, eu larguei da minha mãe, os caras estavam com a pá, soltaram a pá para me pegar, porque eu ia junto, não queria nem saber. E minha mãe correu atrás de mim, meu pai também, me levaram, foi quando eu capotei de tanto perder líquido, eu descobri que eu tinha vários problemas de saúde também, mas hoje em dia eu sei lidar mais com isso, no meio da educação, eu sou lá de Paraísoópolis, é um bairro muito rico, mas também tem suas partes onde é bem cruel, tem muita criança lá que sente saudade. Quando eu vejo elas sentindo saudade, eu lembro disso, e penso em como acolher elas.*

Larissa Mazuchelli: *Como a gente acolhe a saudade do outro, né?!*

Participante 5: *Da criança, sendo que você já teve essa saudade, quando ela chega para mim e fala "ah não conheci minha mãe, não conheci meu pai, porque eles terminaram", na maioria das vezes, terminaram, como a gente faz isso? Muitas pessoas da escola pública não entendem esse lado, e falam que é frescura, é manhã, mas quando a gente chega, ajoelha, olha no olho da criança e pergunta se está tudo bem? Não, quero a mamãe, quero o papai, não está tudo bem. Tem um livro que chama "Quero Colo", é um livro muito bom para ler quando a gente está com saudade, fala de diversas coisas que a gente sente da nossa saudade, e a gente tenta acolher essas crianças da melhor maneira. É por aí.*

Nas Figuras 12, 13 e 14 é possível perceber a atmosfera que foi sendo criada durante o depoimento do Participante 5.

Figura 12 - Fotos do momento que o Participante 5 inicia o seu depoimento.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Figura 13 - Foto do Participante 5 dando sequência ao seu depoimento.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Figura 14 - Foto do Participante 5 recebendo apoio por meio de gesto de carinho do Participante 2.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Alguns pontos importantes podem ser ressaltados a partir do depoimento do Participante 5 e das imagens supraexpostas:

1. Todos os participantes, inicialmente, estavam atentos à fala do Participante 5.
2. O Participante 5 tirou a máscara para falar. Nos tempos da pandemia (Covid-19), era muito comum fazer isso quando se queria ser verdadeiramente ouvido.
3. O Participante 3, inicialmente, estava com os olhos voltados para a fala do Participante 5, porém, com o passar do tempo, ele se volta para o

próprio celular. Possivelmente, acredita-se que isso possa ter ocorrido devido ao desafio da linguagem.

O ponto central da cena deu-se quando a Participante 2 narrou sua história envolvendo a morte do marido, mesmo com todos os desafios enfrentados por ela em termos de translinguagem. É quando ela expôs uma “experiência emocional intensa vivida com o outro, refletida e experimentada também de forma individual (*perejivanie*)” (Vygotsky, [1934]/1987 *apud* Amorim, 2023, p. 25).

Ao expandir e reelaborar o seu Patrimônio Vivencial, servindo-se da translinguagem de modo a minimizar as barreiras linguísticas, ela acabou por ser um fator motivador de momentos de transformação nos demais sujeitos participantes. Após contar a sua história, todos os outros participantes descreveram seus casos pessoais. Isso mostra um Patrimônio Vivencial entrando em contato com o outro, de modo que eles se ampliem.

A vulnerabilidade (Brown, 2016) é uma poderosa ferramenta de conexão entre as pessoas. Por meio das “troca-vivências”, os sujeitos sentem-se cada vez mais abertos para falar de suas histórias pessoais. E esse encontro de histórias e depoimentos cria uma atmosfera de trocas genuínas que ultrapassa as barreiras da linguagem e revela histórias profundas e íntimas dos sujeitos.

Segundo Amorim (2023, p. 24), “o evento dramático é a possibilidade de os sujeitos experimentarem as contradições existentes em suas relações sociais”. Portanto, a experiência de compartilhar histórias pessoais tão profundas e expor-se de maneira vulnerabilizada pode ser vista como um “evento dramático” em que os participantes confrontam suas próprias narrativas e abrem-se para novas possibilidades de entendimento e conexão. Pode-se, então, inferir que a leitura da *escrevivência*, que deu início à discussão, desempenhou um papel importante no sentido de impulsionar a experiência dramática, uma vez que, a partir da leitura, as pessoas sentiram-se encorajadas a refletir sobre suas próprias histórias e a compartilhá-las com os colegas.

5.2.2 Grupo 2

O Grupo 2, por sua vez, seguiu uma ordem de leitura e discussão um pouco diferente. O texto designado para o grupo foi este:

Jean amava o Brasil, mas muitas vezes chorava escondido à noite no quarto, com o rosto enfiado no travesseiro. Naquele quarto havia 9 homens, todos, como ele, vieram para recomeçar a vida no Brasil, desde menino, ele ouvia os soldados brasileiros falando de quanto o Brasil era bonito e que lá os homens podiam estudar e trabalhar. Com muito sacrifício, ele conseguiu viajar e um primo que já estava no país arrumou um emprego para ele. Fez amigos e até estava gostando de uma brasileira que tinha o rosto cheio de pintinhas e o sorriso mais lindo que ele já viu. Mas as noites eram às vezes muito difíceis, porque as saudades de seu país, sua família e seus amigos apertavam mais. Naquela noite, Jean chorou mais alto e seu coração não quis se acalmar. No trem para o trabalho, uma pessoa branca o afastou com as mãos, cara de raiva e medo. Não sabia que não gostavam de pretos no Brasil.

O grupo era composto por quatro estudantes do CIEJA do sexo feminino; três pesquisadoras-formadoras do sexo feminino, Viviane Carrijo, Vanessa Caires e Sarah Bento; e um pesquisador-formador do sexo masculino, Rafael Pejão. Todas as estudantes eram migrantes, advindas tanto de outro país quanto de outro estado do Brasil.

Além da leitura do texto, os formadores-pesquisadores optaram por compartilhar com o grupo as outras três escrevivências escritas pelo grupo de pesquisa, de forma resumida e, a partir disso, convidaram os participantes a manifestarem-se.

Viviane Carrijo: Vocês têm alguma situação que vocês se identificaram, com essas situações que foram lidas? - perguntou a formadora-pesquisadora para o grupo.

Prontamente, uma das participantes dispôs-se a falar:

Participante 1: Eu estou aqui, meu nome é Adriana, eu tenho 52 anos, estou no CIEJA Perus há muito tempo, conheço os professores, e conheço a diretora, ela é muito boa, e aqui uma história no CIEJA (...) Eu sou (conselheira) daqui do CIEJA, de graça, eu estou gostando dos jovens do CIEJA. O CIEJA é muito bom para mim, aqui eu estou aprendendo a ler, escrever, tem as atividades que a professora passa, e tem muitas coisas nessa vida que a gente tem que aprender. Quando eu estava com meus pais, eu não sabia nem escola nem nada, meus pais moravam no interior, depois do interior, eu não sabia o que era

escola, depois fui vendo, foi indo, depois eu me casei, tive filhos, hoje que eu estou indo para a escola para aprender, porque se a gente não aprender, você não trabalha em lugar nenhum.

Nessa mesma direção, mais depoimentos relacionados à importância do CIEJA e da educação na vida dessas pessoas foram aparecendo:

Participante 2: Faz tempo, só que foi antes da pandemia, e uma amiga minha falou assim "dona Maria, já começou as escolas, volta de novo", e eu falei "eu não vou voltar, porque eu já estou velha, ela falou "vai dar, e faz a matrícula". Eu cheguei aqui, já tinham tirado meu nome, não dava mais, a diretora me matriculou de novo, eu estou aqui firme e forte, e é maravilhoso. E entrando aqui daquela porta para cá, as pessoas são maravilhosas, as meninas da porta que já ficam ali, tem umas pessoas maravilhosas. A diretora, as meninas da cozinha, as professoras, o pessoal, as meninas da limpeza, elas são maravilhosas. Eu tiro o chapéu para elas. O CIEJA é a minha segunda casa aqui, graças a Deus.

Após esses compartilhamentos, Viviane Carrijo, sentiu-se à vontade para também relatar a sua história:

Viviane Carrijo: Eu também vim de fora, eu não sou daqui de São Paulo, eu vim para São Paulo faz sete anos, em 2013, vai fazer nove anos que eu vim para São Paulo, também para estudar, para ter um emprego melhor. (...) Eu morei com uma família que me acolheu, eu não tinha nada, eu não tinha condições de pagar aluguel, pagar comida, foi uma senhora, ela já até faleceu, faleceu em 2020, porque ela tinha 70 anos, e eu morava com ela, na casa dela, ela falava "você não precisa pagar nada, pode só estudar", e eu só estudei um tempo, para depois, quando eu terminei de estudar, eu consegui ajudar.

Na discussão desse grupo, o que mais chamou atenção, a partir da pergunta feita por Viviane e dos relatos aqui dispostos, foram as similaridades nas histórias vividas por algumas dessas pessoas.

Viviane Carrijo: Eu me vejo também em cada um de você, nesse sentido de ter chegado aqui e encontrado várias pessoas para me ajudar, tentar agora ajudar também as pessoas que vem, que também vivem como eu, fora de casa, longe da família, é difícil, mas a gente vai encontrando caminhos para a gente conseguir vencer.

Nessa direção, duas das participantes contaram histórias de vida conectadas com a de Viviane e exaltaram o momento que também deixaram a sua família, no Haiti, para virem para o Brasil em busca de uma vida melhor. As histórias delas foram contadas para Marcelo, intérprete, que, com a devida permissão, compartilhou a narrativa com o grande grupo:

Marcelo: Elas estavam me contando que no caso delas, as duas vieram do Haiti, deixaram a família para trás no Haiti para poder vir para cá buscar uma vida melhor, elas falaram, e quando elas chegaram aqui, elas precisaram muito da ajuda de amigos que estavam aqui, para encontrar casa, para se alimentar, para comprar roupa, para encontrar um trabalho, e a ideia de encontrar um trabalho, se manter, não precisar tanto da ajuda dos outros, e também conseguir fornecer essa ajuda para pessoas que estão chegando, que precisam também. Elas estão relatando uma cadeia de ajuda, uma pessoa ajuda para poder dar ajuda.

A Participante 2 que confidenciou esse relato para o Marcelo, deu continuidade ao tema, compartilhando as suas emoções com o grupo todo, desta vez, comunicou-se em português, sem solicitar o apoio do intérprete:

Participante 2: É muito difícil, sua família, é difícil, aqui no Haiti, e como a pessoa pode estudar, se você tem uma outra família aqui no Brasil, mas quando você é sozinho, não posso estudar também. Eu falo nós, nós haitianos. Quando você é haitiano, aqui no Brasil, se você é sozinho, você não pode estudar primeiro. (...) se você tem outra pessoa aqui, você pode estudar, você pode fazer outra coisa, mas se você não tem, você trabalha primeiro.

Figura 15 - Foto dos estudantes do CIEJA Perus I, participantes do Grupo 2, durante a discussão em grupo.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Figura 16 - Foto do momento em que as estudantes compartilham com o Marcelo, intérprete, as suas histórias.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

As escritórias lidas, ao mesmo tempo que protagonizaram o enfrentamento do sistema de opressão do negro, migrante e pobre, denunciaram a condição dessas pessoas no Brasil. Nesse sentido, a chegada à cidade de São Paulo, para algumas mulheres, foi permeada pelo apoio de outras pessoas a fim de que, assim, pudessem estudar e buscar um trabalho; para outras, o caminho teve de ser inverso, primeiro, trabalhar e, depois, estudar. De qualquer maneira, todas as histórias eram repletas de muita luta.

Nas cenas descritas, o ponto central não se encontra no que foi dito pelas participantes, mas sim naquilo que *não foi dito*. O valor do Patrimônio Vivencial dessas pessoas está nos modos de se expressarem, na subjetividade que atravessa as falas dessas mulheres, no discurso que revela as dificuldades enfrentadas em busca de algo que deveria ser seu por direito: estudar. Assim, a perspectiva decolonial (Quijano, 2010) contribuiu para que fosse, ali, possível questionar novas diretivas para a concretização dos direitos humanos.

Dessa forma, nesta análise, entende-se que as escrevivências lidas para o grupo, por significar representatividade, uma vez que as histórias de vida dessas pessoas se confundem com as histórias contadas nas escrevivências, contribuíram a amplificar as vozes marginalizadas (Davis, 2016) – de modo a sentirem-se confortáveis para compartilhar suas narrativas mediante suas próprias vozes e, assim, contribuírem à desconstrução dos mecanismos de silenciamento (Davis, 2016) e, conseqüentemente, acordarem os da “casa grande” dos seus sonos injustos (Evaristo, 2017) .

5.2.3 Grupo 3

O Grupo 3 seguiu a mesma ordem de leitura e discussão do Grupo 1, exceto que, neste grupo foram lidas duas escrevivências. Primeiramente, leu-se a mesma escrevivência do Grupo 2 e, posteriormente, a escrevivência a seguir:

Ela está sempre sorrindo e parece muito feliz, mas depois de algumas semanas, quis conhecer melhor a moça linda que não falava muito bem o Português. Sentei perto dela na hora do almoço nos fundos da loja em que trabalhávamos. Eu era vendedora e ela auxiliar de serviços gerais. Ela sempre chegava cedo, arrumava tudo o que era pedido e sempre que eu reparava: ela estava sorrindo e cantando baixinho. Nunca consegui entender as músicas que eram em outra língua. Naquele dia, ficamos só nós duas no almoço e falei com ela qualquer coisa sobre o tempo, só para puxar a conversa. Sarai abriu um grande sorriso e falou que estava com um pouco de frio e que de onde ela vinha não fazia tanto frio. Pronto! consegui uma abertura para conhecer um pouco mais da minha colega estrangeira! Contei para ela que eu nunca tinha saído de São Paulo e não conhecia nem outras cidades e outros países. Ela me contou que seu país era lindo, mas que onde ela morava havia muita pobreza e ela e o marido ficaram muitos anos sem trabalho. Depois de juntar dinheiro por 3 anos, os dois conseguiram vir para o Brasil para melhorar de vida. Contei que eu também vinha de um bairro pobre e que pegava dois ônibus e um metrô para chegar lá na loja, perto da Estação da Luz, que demorava muito para chegar em casa, mas que esse emprego foi o que consegui arrumar depois que o meu marido tinha morrido e eu precisava levar comida para os meus filhos e para a minha mãe. Sarai arregalou os olhos e disse, eu também tenho filhos! Meu coração dói toda hora! Eles ainda não vieram para o Brasil. Estou muito preocupada, por que deixei eles com a minha tia, mas ela morreu dessa Covid e eles estão com uma vizinha...

Seus olhos grandes e lindos se encheram de água e derramaram grossas lágrimas silenciosas: Só Senhor para cuidar dos meus meninos! Abracei Sarai e ficamos abraçadas um tempo como se já fôssemos grandes amigas... Naquele dia passei a tarde toda pedindo a Deus que cuidasse das nossas crianças.

Nessa discussão do Grupo 3, o que chamou mais atenção foi o momento de preparação da *performance*, logo, é nele que se centralizou a discussão deste subcapítulo. Porém, para que se entenda o que aconteceu ali, alguns aspectos que antecederam esse momento precisam ser destacados.

O Grupo 3 foi formado por três mulheres e um homem, sendo duas pesquisadoras-formadoras, Fernanda Liberali e Luciana Kool, a coordenadora pedagógica do CIEJA Perus I, Mônica Lemos, e um aluno-participante. Assim como as escrituras lidas, que têm como tema central “recomeço” e “mudança”, a discussão do grupo foi atravessada também por essas questões.

No grupo, todos tinham uma história de mudança que acontecera consigo ou com algum familiar próximo. Destaca-se, a seguir, os diálogos com mais ênfase à construção da *performance*:

Luciana Kool: *Eu tenho uma experiência de família também, na verdade, porque é só eu mesma, de pai, mãe, não, só mais longe, mas minhas irmãs não moram no Brasil, eu tenho um irmão que mora na França, outro mora nos Estados Unidos, não tem ninguém aqui perto, só meu pai e minha mãe.*

Fernanda Liberali: *Você foi abandonada, você foi a que ficou.*

Luciana Kool: *Eu que fui abandonada.*

Fernanda Liberali: *Essa também é uma sensação bem ruim. Eu não estou dizendo que é igual, mas meu filho saiu de casa agora mês passado, a sensação que eu tenho é a mesma que eu tive quando eu me casei e vim do Rio de Janeiro para São Paulo, ele mora a cinco quadras da minha casa, mas a minha sensação é como se ele estivesse morando em outro planeta. É muito duro olhar o quarto dele sem ele, as coisas dele, dá uma saudade imensa, é horrível, sofrendo.*

Esse diálogo aconteceu após algum tempo de conversa no grupo, sendo possível perceber que a forma como Fernanda Liberali iniciou a contação de sua história demonstrava espontaneidade. As histórias foram surgindo, primeiro, a partir da leitura das escrituras, assim, aliada a essa leitura, a escuta da história de um

acessava, também, a história do outro, e essa conexão provocou a expansão do Patrimônio Vivencial de forma coletiva.

Sob a perspectiva de Evaristo (2009), a linguagem é atravessada pela subjetividade, por meio da vivência. As escrevivências utilizam-se de palavras do cotidiano para existirem e, desse modo, aproximam a escrita da oralidade, movimentando também a vida. Nessa óptica, mediante as histórias uns dos outros e relacionadas a partidas, o grupo iniciou a leitura de mais uma escrevivência, conforme já mencionado. Essa nova leitura, que também falava sobre partida e trazia, igualmente, relatos sobre filhos, abriu novas possibilidades de histórias a serem contadas. Assim, parte do grupo já se sentia mais à vontade para fazer perguntas entre si, de modo a saber mais uns sobre os outros:

Luciana Kool: *Conta uma experiência sua pra gente saber?* – perguntou Luciana para o aluno participante.

M1: *Uma experiência?! – respondeu ele, aos risos.*

Luciana Kool: *Você veio pra cá com sua família?* – perguntou Luciana para o aluno participante

M1: *Só eu.*

Luciana Kool: *Você tem filho?*

M1: *Não.*

Fernanda Liberali: *A gente quando é o filho, é tudo, é difícil, mas quando a gente é o pai... tem uma coisa, o filho não escolheu ser nosso filho, mas nós escolhemos ser mãe e pai daquela criança, é de rachar o coração.*

Mônica Lemos: *Você tem irmãos?*

M1: *Tenho dois irmãos e uma irmã.*

Mônica Lemos: *São mais jovens ou mais velhos que você?*

M1: *Jovens.*

Mônica Lemos: *Eles ficaram ou vieram? Eles ficaram lá no Haiti ou vieram com você?*

M1: *Eles ficaram no Haiti.*

Mônica Lemos: *E seus pais?*

M1: *Estão lá também no Haiti.*

Mônica Lemos: *Sua família toda lá.*

Luciana Kool: *Você gostaria de ir lá visitar eles? Você pensa, faz planos, de ir visitar eles no Haiti? Ir para o Haiti visitar?*

M1: *Isso... quando você saiu, você deixou sua família, pensando na volta, e agora, minha esperança pensar numa outra forma.*

Fernanda Liberali: *Você acha que eles vêm?*

M1: *É, acho que isso é melhor para mim.*

Mônica Lemos: *Você fala com eles pelo telefone, por vídeo?*

M1: *Todos os dias.*

Ainda que a dificuldade do idioma se tenha feito sentir nesse diálogo, a partir de uma perspectiva multimodal, por meio de uma análise que contempla contexto, fala, gestos corporais e emoções compartilhadas, foi possível inferir que o aluno-participante se sentia confortável durante a conversa.

Figura 17 - Foto do momento em que o estudante e a pesquisadora-participante riram juntos, motivados pelo diálogo descontraído.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Após esse diálogo, o grupo foi comunicado de que o tempo para a realização da atividade se aproximava do fim e, portanto, era necessário iniciar a organização da apresentação que seria exposta ao grande grupo. Para tanto, o grupo uniu-se para pensar como construiria essa cena. Os participantes sugeriram que o tema fosse algo que se conectasse com a história do participante migrante. Para tanto, o grupo pediu-lhe que compartilhasse algo que considerava muito bom ter vivido. Ele, então, contou sobre um momento vivenciado com o seu chefe, no trabalho:

M1: (...) no meu trabalho, tinha um chefe que falou isso, você é diferente de todos os haitianos que estão trabalhando, eu falo, e você escuta, e você tem uma maneira de falar que é diferente dos outros, ele disse para mim (...) e minha família contribui muito, e assim eu vou aprendendo diariamente para melhorar minha situação.

Essa fala do aluno-participante haitiano enfatiza um ponto importante a ser discutido. Encoberta sob o manto de hospitalidade, a fala do chefe a ele, “*você é diferente dos outros haitianos que estão trabalhando, eu falo, você escuta*”, em certa medida, relaciona-se com a colonialidade do ser.

O termo de Mignolo (2017) focaliza, mais especificamente, quatro formas de desumanização engendradas pela colonialidade, são elas raça, classe, gênero e sexualidade. Nessa perspectiva, foi investigada a manifestação da discriminação contra indivíduos com base em estereótipos étnicos, os quais se entrelaçam com questões raciais, configurando-se como uma extensão colonial que regula como se deve portar ou ser e do que se pode ou não fazer.

A discriminação nem sempre se manifesta explícita e diretamente. Muitas vezes, ela surge de forma sutil, o que dificulta sua identificação, que é o que parece ter ocorrido com o estudante migrante. Contudo superar a colonialidade do ser é fundamental para se construir uma sociedade mais justa e intercultural, na qual os imigrantes sejam acolhidos e tenham seus direitos garantidos.

No entanto, após o relato do participante, não houve mais questionamentos sobre o diálogo com o seu chefe. E isso viabilizou inferir que o envolvimento emocional dos participantes com a história narrada por ele, principalmente por parte de Fernanda Liberali, conforme melhor se concebe a seguir, impediu-os de apontar a visão colonial apresentada na ideia de “respeito” abordada pelo superior imediato do estudante em seu trabalho.

Esse trecho da cena revela a importância de questionarmos as narrativas de visões únicas e é um convite a discutir sobre como a exposição limitada de uma única narrativa a respeito de uma cultura ou um povo pode levar a estereótipos e preconceitos. Nessa perspectiva, Adichie (2019) destaca a importância de questionar os estereótipos nas narrativas que são consumidas, visto que histórias estereotipadas podem criar padrões e, para além disso, serem fatores determinantes na internalização de preconceitos:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também pode reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

Ao reconhecer e valorizar a multiplicidade de histórias e experiências em um grupo ou cultura, pode-se romper com os preconceitos, como o caso que aconteceu na história do estudante e seu chefe. No diálogo e na organização da cena que deveria construir para apresentar a todos, nesse sentido, o grupo optou por organizar uma que, subjetivamente, mostrava-se como forma de enaltecer a importância da

educação familiar, que é um valor aprendido nos lares e que, posteriormente, essa mesma educação é refletida nos outros ambientes que frequentamos, como, por exemplo, no trabalho. Destaca-se, a seguir, a fala da Fernanda Liberali durante a produção da cena.

Fernanda Liberali: Talvez a gente pudesse fazer isso, essa cena do respeito, da mãe falando para você "precisa respeitar" (...). (...) Pode ser essa a nossa cena, a importância do respeito, que a gente aprende com a família, na nossa casa, e depois a gente leva para os ambientes.

Fernanda Liberali: Quem vai ser a mãe do Renê? Na cena.

Prossegue-se com o diálogo, agora, complementando-o com imagens, conforme disposto na Figura 18.

Figura 18 – Fotos do momento de construção da cena para a apresentação da produção de mudança social



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

A experiência de recriar sobre a vida real contida na cena descrita acima, considerando a mobilização do Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020), acabou por ser um processo de benefício mútuo. A combinação de diferentes recursos multimodais para analisar os diálogos destacados da cena revela que ambos

acionaram o Patrimônio Vivencial, com isso, “integrando a vivência e a experiência ao conhecimento” (Megale; Liberali, 2020, p. 68) e lançando mão de experiências próprias, emoções e desafios em superação.

5.2.4 Grupo 4

Com o Grupo 4, seguiu-se a mesma estrutura de leitura e discussão do grupo. Primeiramente foi lida a escrevivência que segue:

No Haiti, país de origem de Darline e Emmanuel, as coisas não iam bem.

Darline, irmã de Emmanuel, veio para o Brasil durante a pandemia de Covid-19 para trabalhar e poder mandar dinheiro para os seus dois filhos que moram no Haiti.

Emmanuel veio primeiro, falou pra irmã que no Brasil ela teria mais oportunidades de trabalho para poder criar os filhos.

A primeira revelação de Darline para mim foi de que a população do Haiti sofre bastante com os desastres naturais e é praticamente governado por milícias.

Darline também me disse que adora dançar e assistir novelas e que aqui no Brasil gosta de sair para dançar forró.

Depois dessa breve exposição, enfatizou o desejo de aprender a ler e a escrever. Mas, só poderá estudar depois que o seu irmão, Emmanuel, completar os seus estudos, pois além de trabalhar como diarista fica responsável pelos cuidados domésticos dela e do irmão. Darline sonha com o dia em que ela e os filhos estarão juntos novamente.

Após a leitura desse texto, o grupo manteve a discussão dentro do eixo central “despedidas” e “partidas”, tal qual ponto central da escrevivência lida. O Grupo 4 tinha, entre seus participantes, seis mulheres e dois homens, sendo três pesquisadoras-formadoras, Daniela Pelossi, Sandra Santella e Christiane Novas, três alunos do CIEJA Perus I, sendo um homem e duas mulheres, e dois participantes convidados pelo Projeto Brincadas, sendo um homem e uma mulher.

Iniciar uma jornada incerta a partir da imigração foi o ponto em comum das narrativas compartilhadas durante a roda de conversa do Grupo 4. Na sequência, encontra-se a descrição da discussão, na qual se destaca, multimodalmente, os momentos mais relevantes para a presente análise, conforme os objetivos desta pesquisa. A análise inicia com um diálogo focalizado na escrevivência lida:

Daniela Pelossi: *É eu não consigo imaginar, eu não teria essa coragem. De sair e deixar dois filhos. Pra mim isso é o que mais... pensar em viver longe do meu filho, é difícil.*

Ao analisar a narração de Daniela Pelossi, percebe-se uma ênfase na dificuldade pessoal de imaginar-se em uma situação semelhante à de Darline, a personagem da escrevivência, que tem de tomar a difícil decisão de deixar seus filhos em seu país de origem e partir em busca de oportunidades no Brasil. A partir de sua fala, começa uma discussão acerca do tema, com algumas impressões compartilhadas:

Christiane Novas: *Pensar nisso, faz a gente pensar que se a pessoa fez dessa forma é porque ela chegou num lugar...*

Daniela Pelossi: *Muita coragem, né.*

Christiane Novas: *Ou também porque ela se via sem opção. Tipo, a minha opção é essa. Eu tenho que ir lá, porque se eu não for...*

Daniela Pelossi: *E ajuda os filhos, não é um abandono, é uma forma de ela ajudar, mas para mim, seria muito difícil ficar longe.*

Christiane Novas: *Realmente, é um extremo de uma forma de cuidado.*

Daniela Pelossi: *Tem que ter muita coragem.*

Após algum tempo de discussão acerca do tema, Sandra Santella, também pesquisadora-participante, compartilhou seu ponto de vista sobre o tema:

Sandra Santella: *Eu acho que as meninas estavam comentando da coragem, acho que não é só coragem, é uma força de viver, uma força de vida, e o que a Dani comentou toca muito comigo, que é essa coisa da maternidade, mas eu acho que é uma forma de amor transcendental, que é você deixar aquele seu apego de mãe, de querer o filho para si, querer estar perto, querer cuidar, e você fazer um ato que seja talvez maior do que isso, que é buscar alguma coisa que vai...*

Christiane Novas: *Ajudar no futuro dele.*

Sandra Santella: *Vai ser uma superação de vida, das dificuldades, para esse filho que você deixou. Então, eu imagino que como a Dani contou na história, que todas as mães sofrem, mas eu acho que essa atitude talvez seja muito maior do que o que eu seria capaz de fazer.*

Daniela Pelossi: *Foi nesse sentido que eu falei, é uma situação muito difícil, eu não sei se eu teria essa coragem, mas é...*

Sandra Santella: *São situações extremas.*

Christiane Novas: *A gente só acha essa coragem quando a gente realmente está vivendo ela, a gente só parte dali.*

O diálogo continuou a refletir a relutância, por parte das pesquisadoras-participantes, diante da situação extrema enfrentada por Darline, da qual se destacou a dificuldade de se distanciar fisicamente dos filhos e a coragem da imigrante haitiana.

No entanto é importante reconhecer o contexto em que essa decisão foi tomada: Darline retrata na escrivência a realidade de muitos outros imigrantes, que frequentemente se encontram em situações de extrema precariedade em seus países de origem, que afetam, de forma coletiva, a saúde, o bem-estar e a subsistência básica de uma população (Martin *et.al.*, 2017). Nessas circunstâncias, a migração acaba sendo a única alternativa para garantir a própria sobrevivência e de suas famílias (Cavalcanti, 2017).

É relevante observar, no diálogo entre as pesquisadoras-participantes, a emergência de narrativas, especialmente nos discursos de Daniela Pelossi. Ela enfatiza a coragem necessária para migrar sem os filhos, enquanto Sandra, em resposta, expressa solidariedade com as palavras de sua colega, ressaltando: "(...) e o que a Dani comentou toca muito comigo, que é essa coisa da maternidade (...)".

Essa reflexão pode ser relacionada ao que Bento (2022, p. 18) chama de "Pacto Narcísico". Trata-se de um "pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios" e que possui uma dimensão narcísica, caracterizada pela "autopreservação como se o 'diferente' ameaçasse o 'normal'".

Nessa direção, imediatamente após esse primeiro momento de discussão e após a fala da pesquisadora-participante, Christiane Novas, uma das participantes manifestou-se para compartilhar a sua história:

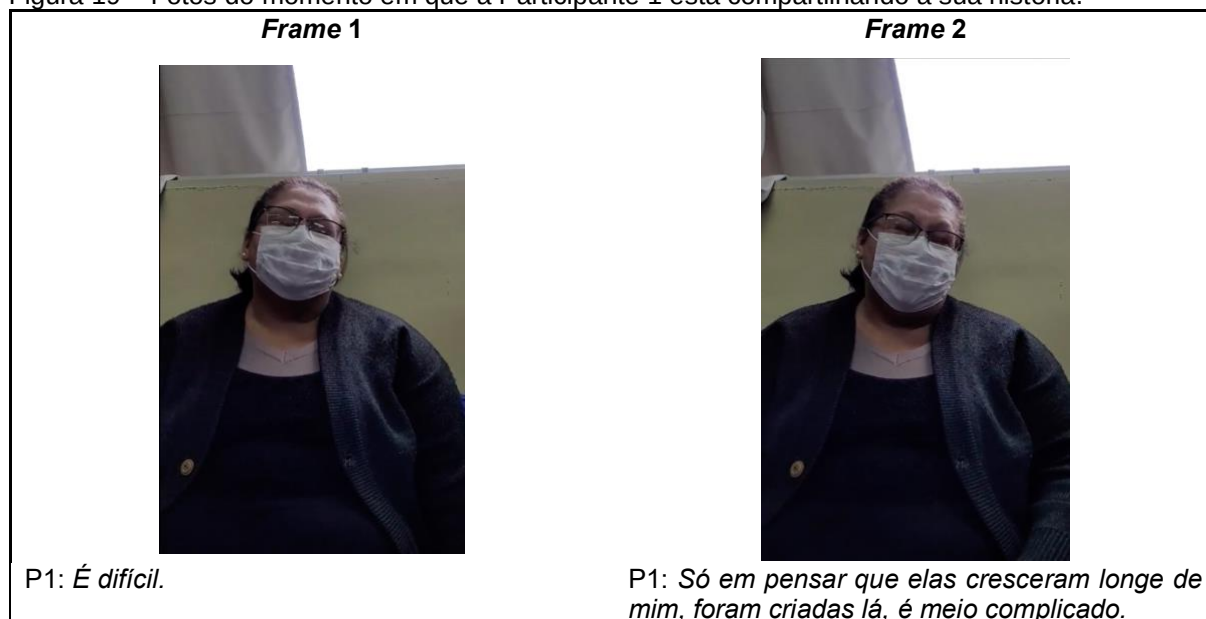
Participante 1: *Eu tive isso.*

Christiane Novas: *Conta para a gente um pouquinho, você gostaria de compartilhar?*

Participante 1: *Quando eu namorava com o pai das minhas filhas, eu tive que ir embora com ele, sair daqui, deixar minha família, e ir lá para a terra dele, levei duas filhas, eu não criei elas, e já vim grávida da terceira, tive a quarta, que era dele também, ele acabou não assumindo, eu tive que dar a criança, agora depois de 30 anos eu consegui encontrar ela, e foi muito difícil, deixei duas lá, e essa eu tive que dar. Essa história me comove muito, é difícil.*

Nas imagens que seguem foram capturados o momento que a Participante 1 reflete e verbaliza a dificuldade que viveu.

Figura 19 – Fotos do momento em que a Participante 1 está compartilhando a sua história.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

No diálogo com a Participante 1, segundo a análise das imagens, é possível inferir que ela compartilhou experiências pessoais profundamente emocionais, destacando questões como deslocamento alheio à sua vontade, separação familiar e a luta para reconectar-se com suas filhas ao longo do tempo. Esse relato reflete a essência do conceito de *escrevivências* (Evaristo, 2020), pois traz marcas de luta, resistência, experiências vividas, emoções e de desafios enfrentados ao longo da vida.

Igualmente, isso ocorreu no relato da *escrevivência* lida no início desta descrição, a Participante 1 compartilha um momento delicado de sua vida, revelando a difícil decisão que teve de tomar ao deixar uma de suas filhas. Ao retomar o diálogo das pesquisadoras-participantes e relacioná-lo também com o relato da Participante 1, o não reconhecimento total da agência de Darline pelas pesquisadoras-participantes implica não reconhecer a agência da Participante 1. Essa falta de reconhecimento pode contribuir para a marginalização de mulheres migrantes que enfrentam situações semelhantes. Frases como “para mim seria muito difícil ficar longe (Daniela Pelossi)” ou “essa atitude talvez seja muito maior do que o que eu seria capaz de fazer” (Sandra Santella) refletem um olhar que posiciona a vida da

Participante 1 em um lugar de menor importância aos olhos do sistema capitalista e que legitima injustiças sociais (Mbembe, 2018a).

Esse cenário relaciona-se com os pensamentos de Lorde (2021), que ressalta as diferentes formas pelas quais as mulheres enfrentam opressões interligadas, mas distintas, com base em suas classes sociais, suas experiências vividas e seus patrimônios vivenciais (Megale; Liberali, 2020):

Como mulheres, compartilhamos alguns problemas; outros não. Vocês temem que seus filhos cresçam, se unam ao patriarcado e deponham contra vocês; nós tememos que nossos filhos sejam arrancados de dentro de um carro e sejam alvejados no meio da rua, e vocês darão as costas para os motivos pelos quais eles estão morrendo (Lorde; 2021, p. 14).

Nesse registro, pode-se afirmar que, enquanto as pesquisadoras-participantes refletiam sobre suas próprias dificuldades em relação à maternidade, a Participante 1 desvelava desafios adicionais devido à sua condição de mulher migrante. Dando continuidade à análise fundamentada nas ações da reflexão crítica e multimodal, é apropriado mencionar que enquanto acontecia o depoimento da Participante 1, a câmera, por algumas vezes, filmou os outros participantes e, durante uma dessas filmagens, a linguagem corporal de uma das participantes chamou atenção:

Figura 20 – Foto da linguagem corporal da Participante 2 durante o depoimento da Participante 1:



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Allan e Barbara Pease (2005) referem que braços cruzados por entre as pernas podem indicar uma atitude defensiva ou de proteção. Isso pode significar que a pessoa

se sente insegura, desconfortável ou nervosa em relação à situação em que se encontra. A análise da linguagem não verbal, fatalmente se justificou a partir do depoimento dela. A Participante 2 compartilhou suas vivências com os colegas de forma aberta e sincera, transmitindo uma mensagem de esperança e superação:

Participante 2: A parte mais difícil, que nem ela, ela pode as vezes demorar um tempo, ela pode reencontrar a filha, as filhas dela, já no meu caso, eu tive dois filhos, tive uma menina e um menininho, e o menino, com 19 anos, ele faleceu, já no meu caso, eu não tenho mais como encontrar ele, ela já pode encontrar as filhas dela para (inint) [00:10:35], se abraça (inint) [00:10:38], mas eu (inint) [00:10:45] porque hoje eu superei a perda do meu filho, e foi uma época de Natal, um dia de Natal, estava todo mundo comemorando o Natal, e eu comemorando uma dor, que eu sabia que não ia ver meu filho ali, mas eu só tenho que dizer muito obrigado pro meu filho, porque ele foi um filho maravilhoso, muito estudado, com 19 anos, ele tinha todos os cursos, estudo, uma coisa que Deus trouxe ele para mim, mas chegasse um tempo, ele ia recolher, e hoje eu falo que eu sou uma pessoa forte, e passei por muitos problemas, enfrentei uma depressão muito profunda, mas hoje, graças a Deus, eu passo o meu caso para muitas pessoas.

Sandra Santella: Essa força.

Participante 2: É, essa força para muitas pessoas, porque hoje tem pessoas que as vezes já perdeu um ente querido, mas nunca superou, e eu superei porque eu aprendi a ser forte com a dor, eu tenho a minha filha, tenho uma netinha de oito anos, e eu acho que as vezes a gente fala "(inint) [00:12:27] deixar", as vezes eu mesma cansava de falar, se um dia eu perder meus filhos, eu vou morrer junto, mas a gente não morre, porque a gente aprende a conviver com aquela dor, para poder enfrentar o futuro, e hoje eu sou uma pessoa que eu falo, todos os meus problemas que eu passei, tudo eu falo para outras pessoas, porque as vezes nem tudo a gente vai se entregar, a gente tem que se entregar aquele problema, porque as vezes apesar da dor a gente tem que ser forte.

Daniela Pellossi: Essa superação é muito difícil, eu vivi isso na minha casa também, eu perdi uma irmã com 21 anos, e ver o sofrimento dos meus pais, mesmo os nossos de irmão, eu penso, se eu como irmã sofri, imagina a minha mãe, eu vi que ela perdeu muito da alegria da vida, por muito tempo, foi uma situação muito difícil mesmo, e hoje vendo a minha mãe, meu pai, como eles conseguiram passar por isso, eu admiro muito essa superação, porque não é fácil mesmo. Eu acho que você falando disso, das pessoas, quando a gente fala, ajuda um pouco a tirar o peso.

O evento dramático da perda do filho teve o potencial de transformar a Participante 2 e sua visão do mundo. O repertório (Busch, 2012) acumulado ao longo da vida, a partir desse triste acontecimento, parece ter sido fundamental para que ela se pudesse apropriar de sua própria história e, então, adaptar-se e interagir em diferentes contextos e situações (Blommaert; Backus), de tal modo que, além de enfrentar a dor, aprendeu a conviver com ela, e hoje se sente forte para compartilhar a sua história com outras pessoas.

Ao compartilhar sua história, ela irradia uma força inspiradora e transformadora que ressoa naqueles que a ouvem, como evidenciado pelo depoimento de Daniela, que encerrou com a reflexão: *“Eu acho que quando você compartilha suas experiências, ajuda a aliviar um pouco o peso que carregamos”*.

Na imagem que segue, ilustra-se o momento que a Participante 2 havia acabado de concluir a fala supraexposta. É possível perceber que a sua postura é muito mais descontraída e tranquila do que aquela que expressava momentos antes de iniciar o depoimento, conforme imagem precedente.

Figura 21 – Foto da linguagem corporal da Participante 2 após compartilhar o seu depoimento:



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Em sequência à análise, é visível que se iniciou uma cadeia de compartilhamento de histórias que teve como ponto de partida a leitura da escrevivência. O fio condutor que seguiu permeando o bate-papo foi o das “despedidas” e “partidas”. A essa altura da conversa, o grupo estava encaminhando-

se para o fechamento da discussão para poder, então, planejar a *performance*, que seria apresentada para o grande grupo e sintetizaria o que fora conversado entre eles. Deste modo, com o intuito de encerrar essa etapa da discussão, Christiane Novas, pesquisadora-participante, perguntou se mais alguém gostaria de compartilhar algo.

Nesse momento, como ocorrera no Grupo 1, quando um participante que estava mais quieto se sentiu à vontade para compartilhar a sua história, um participante que até então não se manifestara, iniciou seu relato:

Participante 3: *Eu sou, na verdade, o (inint) [00:20:46], eu deixei minha família, meu pai e minha mãe, e minha irmã também, eu tenho um irmão, ele está nos Estados Unidos agora, as vezes eu acho para eles, que a gente é um país pobre, que tem (inint) [00:21:21], quando eu estou comendo, eu penso neles, porque eu não sei se eles comeram também, porque tem dificuldade, é difícil para (inint) [00:21:48], as famílias, para viver sozinho, é difícil, eu vivo aqui no Brasil com um irmão, um primo e uma prima, eu deixei a minha família (inint) [00:22:10], meu pai, minha mãe.*

Christiane Novas: *E tem um irmão seu que está nos Estados Unidos.*

Participante 3: *Um irmão nos Estados Unidos, eu tenho uma irmã, ela está no Haiti.*

Christiane Novas: *Ela está no Haiti. E você tem contato com ela também?*

Participante 3: *Sim.*

Christiane Novas: *Ela também quer vir para o Brasil, ela está bem lá?*

M2: *Eu acho que um dia eu desejo que nós vivamos juntos.*

O Participante 3 compartilhou sua história, que envolvia a separação de seus familiares em busca de oportunidades melhores, destacando as severas dificuldades enfrentadas e o constante pensamento nos familiares. Essa narrativa conecta-se ao conceito de *escrevivências* (Evaristo, 2020), na medida em que enfatiza a importância de dar voz às experiências das comunidades marginalizadas, dessa forma, reconhecendo sua cultura e resistência diante das adversidades enfrentadas.

Para mais, ao dizer “*quando eu estou comendo, eu penso neles, porque eu não sei se eles comeram também, porque tem dificuldade, é difícil*”, ele expressou sua consciência a respeito das duras dificuldades enfrentadas por sua família no Haiti, o que desvelou como sua experiência pessoal refletia não apenas desafios individuais,

mas também a desigualdade social que permeava sua vida e relacionava-a ao conceito de sofrimento ético-político (Sawaia, 2001).

Por sua vez, ao expressar seu desejo de viver junto com sua irmã ao dizer “*eu acho que um dia eu desejo que nós vivamos juntos*”, ele manifestou sua aspiração por melhores condições de vida ao lado de sua família. Essa busca pela libertação, como nos lembra Freire (2021), não é um processo passivo, mas sim uma práxis ativa e consciente, que requer reflexão crítica e ação transformadora:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca (Freire, 2021, p.43).

Nesse contexto, o conceito de patrimônio vivencial, proposto por Megale e Liberali (2020), ganha relevância ao ressaltar a importância de valorizar as emoções e experiências vividas como uma forma de resistência. Os relatos dos participantes não apenas refletiram suas vivências, mas também contribuíram para a construção de um patrimônio compartilhado de conhecimento e memória coletiva.

A seguir, expõem-se as *performances* criadas pelos grupos quando da produção de mudança social.

5.3 PRODUÇÃO DE MUDANÇA SOCIAL

No caminho para a finalização do encontro, os participantes dos pequenos grupos foram convidados a criar *performances* (apresentações que representassem um pouco do que fora discutido nos grupos). Eles deveriam pensar, colaborativamente, em uma cena que revelasse o modo que viveram as situações retratadas durante a discussão em grupo. Na sequência, de forma breve e direta, estão as apresentações de cada um dos grupos.

5.3.1 Grupo 1

A discussão do Grupo 1, conforme apresentado no subcapítulo 5.2.1, foi permeada pelo tema “saudades”. Para a construção da *performance*, o grupo teve um olhar sensível para as histórias compartilhadas e buscou trazer para a apresentação

uma releitura dos depoimentos divididos entre os participantes, de maneira que quem assistisse tivesse a oportunidade, de alguma forma, de se conectar um pouco com o que fora dividido com o grupo.

A apresentação foi dividida em três cenas breves e todas elas terminavam com a frase “Quero Colo”. A frase escolhida para concluir as cenas fazia referência a um livro com esse mesmo nome, considerado, por um dos integrantes do grupo, como um livro muito bom para se ler quando se sente saudades. A seguir, a apresentação da segunda cena:

Larissa Mazuchelli: Filho, fiz aqui uma macarronada para você.

Participante 1: Eu não gosto de macarrão, você sabe.

Larissa Mazuchelli: Mas está uma delícia, fiz do jeitinho que você gosta.

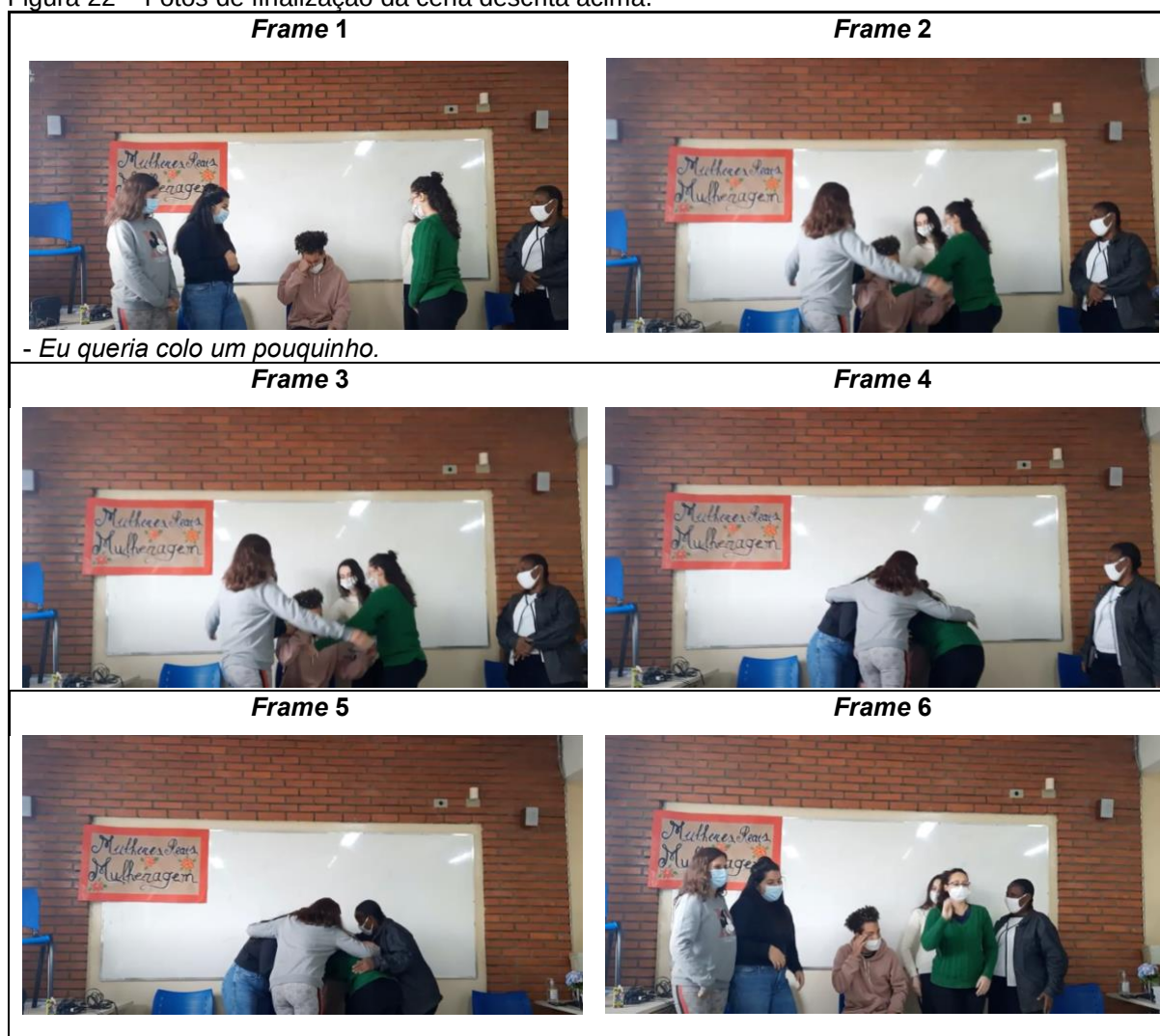
Participante 1: Mas você sabe que eu não gosto, e você sabe por que eu não gosto de macarrão.

Larissa Mazuchelli: Mas come um pouquinho.

Participante 1: Não gosto, me lembra minha vovó, e eu estou com saudade dela, porque eu fico mal, eu não gosto. Eu queria colo, um pouquinho.

A continuidade da cena é contada através de imagens, pois a linguagem utilizada foi não verbal:

Figura 22 – Fotos de finalização da cena descrita acima.



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Ao término da apresentação, além dos aplausos dos colegas que a assistiam, Fernanda Liberali expressou: "*Querem matar a gente?! Muito obrigada*", demonstrando o impacto que a cena resultara sobre ela também.

A escolha por compartilhar esse trecho – descrito multimodalmente *supra* – deu-se por algumas razões:

- 1- Das três breves cenas performadas pelo grupo, essa foi a única em que aconteceu um abraço de forma coletiva e espontânea.
- 2- É possível perceber o grupo todo se mobilizando para abraçar o colega. No último *frame*, até uma das participantes que, a princípio, estava apenas assistindo à cena, mobilizou-se para fazer parte do abraço coletivo.

- 3- Quando se resgatou o diálogo do grupo durante o momento de “imersão na realidade”, foi possível compreender que o abraço do coletivo estava carregado de emoções. O participante que foi abraçado acabara de partilhar com aquele grupo, de forma emocionada, um momento muito íntimo de sua vida. No último *frame*, nota-se ele levando a mão ao olho. Possivelmente, também se emocionou com o momento.

Ao utilizar os relatos pessoais dos participantes, como base para a construção das cenas, o grupo permitiu que suas próprias experiências e vivências fossem expressas e compartilhadas com o grande grupo, desse modo, valorizando as suas histórias, suas resistências e trazendo representatividade na subjetividade que lhes atravessou durante o momento de construção crítica de generalizações.

Esse processo de transformar as vivências individuais em “histórias para contar” e que valoriza a narrativa dessas pessoas é característico das escrevivências de Evaristo (2017). Portanto, o conceito de escrevivências, não apenas serviu como base para o planejamento do encontro, mas também apareceu na forma de expressão do Grupo 1.

Ademais, a *performance* apresentada pelo grupo refletiu “os diversos patrimônios vivenciais em contato, oriundos de contextos superdiversos” (Megale; Liberali, 2020, p. 69), demonstrando o quanto essa diversidade pode ser entendida como possibilidade de ampliação dos recursos de todos os participantes envolvidos no encontro.

5.3.2 Grupo 2

Durante a discussão do Grupo 2, conforme apresentado no subcapítulo 5.2.2, o ponto central da discussão girou em torno das dificuldades que as mulheres migrantes tinham, ao chegar no novo local de moradia, em se organizarem para conseguir estudar e encontrar oportunidades de emprego. Devido à desigualdade social, entre os relatos trazidos por elas, encontrar um emprego é peça-chave para que conquistem outras coisas maiores.

De maneira simples e direta, porém servido de muita potência, o grupo apresentou uma cena que comunicou, de forma crítica, a discussão que os participantes tiveram: eles se dividiram de modo que existiam duas agências de

emprego para as quais as candidatas entregavam pessoalmente os seus currículos. Na “Agência 1”, elas eram recebidas por dois homens com atitudes machistas, e que não as trataram bem no momento da entrega do currículo:

Homem 1: *Nós vamos dar uma olhada, e a gente liga.*
 Homem 2: *A gente fala com vocês.*
 Homem 1: *Você viu? Só mulher, toda vez é mulher.*
 Homem 2: *É só o que aparece.*
 Homem 1: *Mulher é fraca, não aguenta o trabalho.*
 Homem 2: *Não dá conta, depois engravida, pede licença.*
 Homem 1: *Ah, não. Deixa aí, depois a gente olha. Vamos ver se vem algum homem.*

Na “Agência 2”, elas eram recebidas por duas mulheres:

Mulher 1: *Agência de emprego dois aberta, podem vir as candidatas, por favor.*
 Mulher 1: *Nós estamos vendo aqui pelo histórico de vocês, pelo currículo, por tudo aquilo que vocês trazem aqui como histórico de vida, histórico profissional, que vocês são pessoas muito qualificadas, muito capazes, muito competentes, que tem uma história de vida que mostra para além do currículo de vocês a força e o potencial que vocês trazem, vocês mulheres, por virem de outras cidades e construir a história aqui em São Paulo, com certeza vocês tem muito a contribuir para nossa cidade. Estão contratadas!*

Nesse momento, todos os presentes bateram palmas, inclusive, os integrantes do próprio grupo, em uma demonstração de orgulho pela situação vivenciada. Além disso, houve manifestação da plateia por meio da seguinte frase: “Fora agência um!”, seguida de gargalhada coletiva.

A partir do foco no Patrimônio Vivencial, essa fala e essas expressões de emoções revelaram mobilização de repertório do coletivo, compreensão em relação à *performance* apresentada e estabelecimento de relações de confiança, uma vez que, coletivamente, o grupo se sentiu à vontade para manifestar as suas risadas. Nesse sentido, Blommaert e Backus (2012) discutem a ideia de “repertórios” como registros de mobilidade, que incluem recursos linguísticos, movimentos de pessoas e interações sociais. Essas expressões são consideradas parte do repertório do grupo, pois refletem suas experiências e valores compartilhados.

5.3.3 Grupo 3

Durante a discussão do Grupo 3, alguns dos momentos tidos significativos para a análise aconteceram durante o planejamento da *performance*, conforme apresentado no subcapítulo 5.2.3. Para a apresentação, o grupo escolheu duas cenas. A primeira delas retratava um momento de despedida, no qual um jovem se preparava para deixar seu país, despedindo-se da mãe. Nessa cena, Fernanda Liberali desempenhou o papel de mãe, enquanto o único aluno que pertencia a esse grupo, de nacionalidade haitiana, assumiu o papel de filho.

Fernanda Liberali: *Filhinho, você está indo embora, mas lembra que o que a mamãe fala sempre, não tem como você ficar fazendo mal criação, falando mal das pessoas, você tem que ser sempre respeitoso, lembra disso, seja carinhoso, respeitoso, cuidadoso com as pessoas, mesmo longe, não esquece do que eu falo.*

Participante 1: *Eu prometo, mamãe.*

Fernanda Liberali: *Então me dá um abraço?! Não sei como eu vou ficar sem você, filhinho. Vai ser muito duro, mas você vai ser muito bem-sucedido lá, lembra disso! Vai lá, força!*

A segunda cena retratava o momento que esse mesmo jovem se encontrava em seu local de trabalho, já no Brasil, e era elogiado pelo seu chefe. O papel de chefe foi representado pela Monica Lemos, coordenadora pedagógica do CIEJA Perus I e participante do grupo:

Mônica Lemos: *E aí, beleza? Gosto muito do seu trampo, você respeita muito as pessoas, gosto do jeito que você cuida dos outros, respeita as minas, respeita os minos, gosto muito do jeito que você trabalha, está ligado?*

M1: *Chefe isso é muito bom, cada um de vocês, eu respeito todos. Primeiro a minha família, o segundo é a escola(inint) [00:01:32].*

Mônica Lemos: *Valeu.*

Ao término da apresentação, o grupo foi aplaudido pelos presentes, seguido por elogios divertidos ao chefe: “*Esse chefe é descolado*”, comentou uma pessoa. “*Esse chefe é ótimo, hein?!*”, acrescentou outra, com humor. “*Esse chefe é moderno*”, brincou uma terceira voz.

Aqui, cabe retomar o objetivo do momento de produção de mudança social. Ele se refere à etapa em que os participantes foram incentivados a tornarem-se figuras centrais de suas próprias histórias e agentes de mudança em suas comunidades (Liberali, 2021). Eles foram, com isso, encorajados a utilizar o conhecimento adquirido ao longo do processo, lançando mão de diferentes formas de comunicação para planejar e implementar ações práticas que visavam promover mudanças sociais. Essas ações tinham o escopo de construir um futuro alternativo possível, em linha com os princípios de Freire (2021) sobre a construção do "inérito viável".

Nesse sentido, entende-se que os objetivos foram parcialmente atingidos. A primeira cena apresentada pelo grupo, além de retratar a realidade de muitos migrantes, portava a mesma sensibilidade com a qual fora discutida durante a construção crítica de generalizações. Em relação à segunda cena, uma vez que o grupo não percebeu a atitude preconceituosa do chefe do aluno migrante, ainda, no momento de discussão em grupo, conseqüentemente, não houve a oportunidade de planejar uma cena que objetivasse trazer o tema para reflexão. Em direção oposta, o chefe trazido pelo grupo recebeu comentários elogiosos da plateia.

É importante considerar que a produção de mudança social é um processo complexo e multifacetado em que nem sempre os resultados são imediatos ou óbvios. Mesmo que uma cena não resulte em transformação imediata, ela ainda pode contribuir para o processo geral de conscientização e reflexão, tal qual como se propõe no presente estudo.

5.3.4 Grupo 4

A discussão do Grupo 4, conforme apresentado no subcapítulo 5.2.4, foi permeada pelas temáticas “partidas” e “despedidas”, focalizada nas famílias dos participantes. Para esse grupo, a construção de como seria a apresentação foi orgânica. A fala da Sandra Santella ilustra o momento em que a ideia foi materializada:

Sandra Santella: Eu estou tocada com a história de vocês. Não sei, eu acho que a gente podia encenar uma partida, uma despedida.

E assim aconteceu. Diferente das outras *performances*, que de um modo geral foram compostas por algumas cenas, esse grupo demonstrou força e potência em

uma única cena: a despedida. O momento foi marcado por uma expressão corporal fortíssima que buscava traduzir a profundidade das emoções vividas pelo grupo. Naquele instante, era evidente que a linguagem verbal tinha pouco significado – o foco estava em sentir.

Figura 23 - Foto da performance Grupo 4



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

Assim, servindo-se principalmente do repertório construído durante as vivências de Imersão na Realidade e Construção Crítica de Generalizações, as manifestações revelaram que havia entrelaçamento entre as propostas trabalhadas durante aquela manhã. Na sequência, descreve-se, de forma breve, o último bloco do encontro.

5.4 FINALIZAÇÃO DO ENCONTRO

O último bloco do encontro iniciou de forma bastante amistosa, com o grupo mostrando-se satisfeito com as tarefas concluídas até ali.

Fernanda Liberali: *Todo mundo aqui para frente, uma rodinha. Parabéns para todos! (...) Está todo mundo? Então vamos gritar juntos, energia, eu vou falar, um, dois, três, e a gente vai gritar. Um, dois, três...*
Várias vozes: *Energia.*

Fernanda Liberali: *Agora a gente vai fazer uma outra fala, a gente vai falar amor. Vou gritar, um, dois, três, a gente vai gritar amor. Um, dois, três...*
 Várias vozes: *Amor.*

Após os entusiasmados gritos coletivos, todos se acomodaram em roda para que as pesquisadoras-participantes Luciana e Viviane pudessem apresentar o conceito de “comunidade” a partir do livro “Tudo sobre o Amor”, de bell hooks. E, a respeito disso, Luciana destacou a mensagem sobre o amor abordada no livro, especialmente o amor de comunidade, que pode ser uma força transformadora para enfrentar os desafios da vida:

Luciana Kool: *A estrada difícil é a estrada da conversão, a conversão da solidão e acolhimento, em vez de fugirmos da nossa solidão, e de tentar esquecer ou negar, temos que protegê-la e transformá-la em um recolhimento proveitoso, a solidão é dolorosa, o recolhimento é pacífico, a solidão faz com que nós apeguemos aos outros por desespero. O recolhimento nos permite respeitar os outros, o que eles têm de singular, e criar uma comunidade.*

Viviane, por sua vez, complementou mencionando a diversidade do grupo e a ideia de amor como um ato de resistência, enfatizando que o amor aqui compartilhado não se refere ao amor romântico, mas sim ao amor de resistência, à celebração da vida e à superação das dificuldades em conjunto. Ambas expressam a importância de construir relações e celebrar o amor como um ato revolucionário, especialmente em tempos difíceis, quando permanecer vivo é uma forma de resistência e oportunidade para criar e romper barreiras juntos.

Após o momento em roda, deu-se início imediato à próxima atividade, sem que fosse proporcionada aos participantes a oportunidade de expressarem suas próprias reflexões e experiências. Permitir que os participantes compartilhassem suas perspectivas poderia ter suscitado uma maior adesão à discussão e uma ampliação mais significativa acerca do conceito apresentado.

Em continuidade à descrição da etapa de finalização do encontro, em consonância com a intenção de fortalecer o senso de comunidade do grupo, foram propostas duas novas brincadeiras de finalização. A primeira delas é denominada “Quem, como eu...”:

Fernanda Liberali: *Essa brincadeira é assim, a Vivi falou sobre esse amor coletivo e essa circunstância de a gente celebrar, então a gente vai primeiro fazer uma atividade que é assim, eu vou falar uma coisa que já me passou, pode ser uma coisa feliz, uma coisa triste, uma coisa animada, o que tem a ver com isso que a gente está falando do amor, e eu vou falar "quem como eu", eu digo algo que reflete esse amor que eu já vivi. Quem já viveu isso vai fazer um passo à frente. Está certo? Depois volta, aí eu vou escolher outra pessoa, a gente fica na roda, e quem quiser, fala também, não vamos escolher, quem quiser, quem como eu já fez isso assim e assim. Está bom? Eu vou começar. Quem como eu já participou de uma atividade que encheu o coração de muita energia?*

A brincadeira, após explicada, começou. Após a fala da Fernanda, todos deram um passo à frente. A brincadeira seguiu com mais pesquisadores-formadores dizendo as frases:

Rafael Pejão: *Quem como eu ama seu país?*

Luciana Kool: *Quem como eu ama estar com pessoas?.*

Larissa Mazuchelli: *Quem como eu acredita em um futuro melhor?*

Sandra Santella: *Quem como eu tem um professor que transforma a vida?*

Mônica Lemos: *Quem como eu não perde a coragem e nem a fé?*

Nesse momento, alinhado ao amor de comunidade de hooks (2020), as pessoas já se mostravam mais descontraídas e engajadas na brincadeira. A partir desse instante, não eram mais apenas as vozes dos pesquisadores-formadores que ecoavam pelas paredes do CIEJA Perus I, mas sim as de todos os participantes:

Participante 1: *Quem como eu ama sua família?*

Participante 2: *Quem como eu gosta de aprender coisas novas?*

Participante 3: *Quem como eu ama o próximo?*

Participante 4: *Quem como eu ama o CIEJA?*

Na discussão trazida pelas pesquisadoras-formadoras Luciana e Viviane, deu-se ênfase à construção de uma comunidade baseada no amor e no respeito, cujas pessoas apoiam-se mutuamente para enfrentar desafios e celebrar a vida. Nesse contexto, a brincadeira que finaliza o encontro, chamada de “Sim, vamos”, reflete a ideia de aceitação do outro e apoio incondicional dentro do grupo, visto que a

brincadeira consiste em responder "Sim, vamos" para todo e qualquer convite feito em roda. Então, contagiados pela animação da brincadeira anterior, esta já iniciou de maneira bem animada:

Luciana Kool: *Vamos para a praia agora?*

Várias vozes: *Sim, vamos.*

Luciana Kool: *Sandra, para onde você vai?*

Sandra Santella: *Meu Deus. Vamos sair para o parque, tomar um sorvete?*

Várias vozes: *Sim.*

Viviane Carrijo: *Vamos dançar?*

Várias vozes: *Sim.*

Fernanda Liberali: *E se a gente agora fizesse uma pose bem divertida? Vamos?*

Várias vozes: *Vamos!*

Daniela Pellossi: *Vamos dar um abraço coletivo?*

Várias vozes: *Vamos!*

Após muitos "Sim, vamos!" contagiantes, Fernanda convidou os participantes para se reunirem no centro do espaço para o encerramento da atividade:

Fernanda Liberali: *Então, agora a gente vai tentar gritar bem forte, e vai falar de novo a palavra que é uma palavra que a gente escolheu para o dia, que é esse amor, que a Vivi e a Lu falaram. Vou contar até três de novo, a gente vai falar de novo essa palavra. Vamos lá, um, dois, três.*

Várias vozes: *Amor.*

Em seguida, para encerrar, Fernanda motivou os participantes a manifestarem sua gratidão pelo CIEJA com um vigoroso grito coletivo.

Fernanda Liberali: *E eu quero pegar o que a amiga aqui falou, esse amor pelo CIEJA, a gente vai falar bem forte, com muita emoção, mandando muita energia para esse espaço tão especial que é o CIEJA, quando eu falar três, vocês vão gritar bem forte "CIEJA". Está bom? Um, dois, três.*

Várias vozes: *CIEJA.*

Essa ação reforçou o vínculo emocional dos participantes com a instituição e encerrou a atividade com um sentido de pertencimento e gratidão compartilhada. Nessa perspectiva, ao fortalecer a ideia de comunidade proposta por hooks (2020, p.176) – em que “é o amor que estabelece bases para a construção de comunidade”;

e é esse “amor que criamos em comunidade que permanece conosco aonde quer que vamos” –, pode-se compreender que o brincar, ao estimular a imaginação e promover a união, não só liberta o potencial transformador individual, mas também nutre um ambiente de amor e solidariedade, cujas diferenças são celebradas e as relações são regadas pelo amor aprendido em uma comunidade.

Figura 24 - Foto de encerramento com todos os participantes



Fonte: acervo do Projeto Brincadas

A análise realizada propôs-se a responder à pergunta de pesquisa e suas subperguntas, retomadas, a seguir:

- 1) Como se realiza uma atividade mobilizadora de construção de Patrimônio Vivencial com um grupo de estudantes, por meio de um trabalho com escritivências baseadas em memórias de migrantes?
- 1a) Como se realizou o encontro do Projeto Brincadas com os estudantes do CIEJA Perus I?
- 1b) Qual o papel das escritivências durante o encontro?
- 1c) De que maneira o trabalho com as escritivências pode ter mobilizado e expandido o Patrimônio Vivencial dos participantes?

Começa-se, então, por responder à subpergunta 1a) Como se realizou o encontro do Projeto Brincadas com os estudantes do CIEJA Perus I?

O encontro do Projeto Brincadas com os estudantes do CIEJA Perus I foi realizado em um ambiente de interação e partilha cultural, embasado em princípios do Multiletramento Engajado (Liberali, 2022). O evento aconteceu no sábado, 7 de maio de 2022, das 10-12 horas, e foi gratuito para alunos e professores do CIEJA Perus I. O objetivo foi investigar e analisar atividades que mobilizam o Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020) dos estudantes, fundamentadas em escrevivências (Evaristo, 2003) – baseadas em memórias de migrantes.

A inclusão de memórias de migrantes, a partir das escrevivências, foi essencial para o encontro, pois permitiu que os participantes refletissem sobre suas trajetórias de vida, criando oportunidades para discutir a realidade dos migrantes e as contribuições que trazem para a comunidade.

O encontro incluiu atividades a partir de brincadeiras inspiradas no brincar de Vygotsky ([1934]/2005) e no Teatro do Oprimido (Boal, 2009) para fomentar a integração e a troca de experiências. Iniciou-se com uma dança ao som da música "O que é o que é", de Gonzaguinha, seguida por brincadeiras que contribuíram para a interação e o compartilhamento de experiências, que fortaleceram o sentimento de união e pertencimento.

As práticas pedagógicas centraram-se em três ações fundamentais do Multiletramento Engajado: Imersão na Realidade, Construção Crítica de Generalizações e Produção de Mudança Social. As atividades propostas buscaram proporcionar a conexão entre os participantes e estimular a reflexão sobre suas próprias experiências de vida, de modo a potencializar a expansão do Patrimônio Vivencial desses sujeitos.

A imersão na realidade do encontro enfatizou a conexão dos participantes com o mundo real por meio de experiências imersivas, enquanto a construção crítica de generalizações visou à reflexão e à discussão crítica sobre as vivências e sobre a realidade social em que os participantes viviam, com foco na realidade dos migrantes. Por fim, a partir da Produção de Mudança Social, com o objetivo de ampliar as vivências dos participantes, eles foram encorajados a montar uma *performance* que representasse a síntese da discussão realizada. O evento permitiu que os participantes trouxessem à tona suas narrativas, bem como se conectassem com as

realidades dos colegas, muitos deles migrantes que portavam na bagagem emoções intensas e inerentes às experiências de serem migrantes.

Esse intercâmbio foi enriquecido pelas escrevivências, que funcionaram como potentes veículos de expressão das complexidades e desafios que constituem a vida dos migrantes. Ao final do encontro do Projeto Brincadas, a comunidade reunida no CIEJA Perus I compartilhou um sentimento de conexão e alegria.

Posto isso, focaliza-se, agora, a subpergunta 1b) Qual o papel das escrevivências durante o encontro?

As escrevivências (Evaristo, 2003) desempenharam um papel fundamental durante o encontro, pois atuaram como um elo entre os participantes e suas histórias. Elas possibilitaram que as suas experiências individuais emergissem para o coletivo, criando um espaço de voz, visibilidade e conexão. Ao compartilhar essas narrativas pessoais, os participantes puderam refletir sobre suas próprias trajetórias e os desafios enfrentados, bem como encontrar pontos de identificação uns com os outros, de maneira a permiti-los expandir a própria compreensão do mundo e fomentar *perejivanie* (Vygotsky, [1934]/1994).

Para mais, essas narrativas, escritas a partir de experiências de vida reais – as escrevivências – serviram como um convite à reflexão crítica e à compreensão mais profunda do contexto social dos migrantes. A partir da discussão das escrevivências, os participantes foram incentivados a explorar e valorizar o Patrimônio Vivencial (Megale; Liberali, 2020) de cada um, expandindo suas perspectivas e promovendo uma sensação de pertencimento e comunidade. Em outras palavras, as escrevivências foram instrumentos poderosos para o diálogo intercultural e para a construção de uma comunidade mais inclusiva e consciente das variadas experiências humanas.

Agora, centra-se atenção à subpergunta 1c) De que maneira o trabalho com as escrevivências pode ter mobilizado e expandido o Patrimônio Vivencial dos participantes?

As escrevivências compartilhadas no encontro, baseadas nas memórias de migrantes, trouxeram narrativas que, embora singulares, encontraram eco nas experiências de vida dos participantes, de modo que pudessem estabelecer conexão com as leituras, tornando o ambiente propício para o diálogo e para a reflexão sobre questões de múltiplas dimensões. Essa prática, que emerge do encontro de memórias, permite que o sujeito articule e reelabore suas experiências vividas, suas

histórias e conhecimentos, em uma narrativa compartilhada que valoriza sua voz e vivências pessoais.

Nesse contexto, exemplos práticos de expansão do Patrimônio Vivencial surgiram mediante as narrativas de migrantes, que, ao partilhar suas jornadas de vida e desafios enfrentados, não somente enriqueceram o coletivo com suas perspectivas únicas, mas também encontraram um espaço para compartilhamento de suas experiências.

Em uma das escrevivências, o simples ato de compartilhar a saudade do mar e a experiência da migração transformou-se em um poderoso ato de reconexão com as próprias raízes e, ao mesmo tempo, em uma ponte para estabelecer pontos em comum entre os participantes. Ao escutar e engajar-se com essas histórias, os participantes reconectaram-se com suas memórias, refletindo, então, sobre suas próprias histórias de vida e expandindo sua compreensão intercultural.

Da mesma forma, o relato de um participante sobre a perda da avó e como essa experiência moldou sua perspectiva e abordagem em relação aos alunos com quem trabalhava, exemplificou como a dor e o luto podem ser transformados em sensibilidade e compaixão, assim, expandindo o Patrimônio Vivencial individualmente, e, também, na comunidade educativa à qual pertence. Portanto, o trabalho com as escrevivências no encontro do Projeto Brincadas, ao fomentar o compartilhamento de memórias significativas, não apenas mobilizou o Patrimônio Vivencial dos participantes, ele também o expandiu; e, por conseguinte, criou um ambiente de interconexão pelo qual cada patrimônio individual enriqueceu-se e foi enriquecido pelo coletivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs-se a investigar o potencial das escrevivências no contexto educacional, para tanto, trabalhou-se com memórias de migrantes para fomentar a expansão do Patrimônio Vivencial, com foco nos estudantes do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) Perus I.

A expansão do Patrimônio Vivencial deu-se, em grande parte, pela mobilidade das escrevivências de conectar experiências individuais e coletivas, o que contribuiu para a formação de uma consciência crítica. Isso envolveu a oportunidade de compreender e refletir sobre as próprias vivências e as dos outros, logo, reconhecendo a diversidade de trajetórias e promovendo uma maior conexão entre os participantes.

Como afirma Freire (2002, p. 32), “pesquise para conhecer o que ainda não conheço e anunciar a novidade”. Nessa direção, uma das revelações mais significativas deste estudo residiu no entendimento de que o impacto da utilização das escrevivências para ampliar o Patrimônio Vivencial não se limitou ao período imediato do evento. O uso de narrativas pessoais e o envolvimento direto dos participantes durante a realização das atividades, como visto no CIEJA Perus I, não apenas auxiliaram a expansão do Patrimônio Vivencial de maneira imediata, mas também semearam possibilidades para crescimento e desenvolvimento contínuos.

Conforme Vygotsky ([1934]/1994), a vivência é uma experiência subjetiva repleta de significado pessoal, moldada por elementos como valores, crenças, experiências passadas e emoções. Isso faz com que pessoas diferentes possam vivenciar a mesma situação de maneiras completamente variadas. Ao expandir essa reflexão do psicólogo russo é possível afirmar que até mesmo um único sujeito, ao experienciar repetidamente a mesma situação, pode vivenciá-la de maneira completamente diferente a cada vez.

Para ilustrar a significância deste fenômeno, relato uma experiência pessoal que justifica por que essa revelação foi tão significativa para mim. Durante o evento do Projeto Brincadas, estive presente como pesquisadora-participante, envolvida ativamente nas discussões de "Construção Crítica de Generalizações". Apesar de ter saído do evento profundamente tocada pelas vivências compartilhadas, ao revisar os vídeos para analisar o material para esta dissertação, deparei-me com uma surpresa ao não me reconhecer nas gravações. Esse momento foi particularmente

desafiador, e precisei postergar a escrita dessa seção devido à dificuldade de me confrontar nas cenas.

Especificamente, esse impacto veio durante os depoimentos das mulheres do meu grupo, em que uma delas compartilhou a dor de se separar dos filhos para migrar, e outra quanto à perda de um filho, como detalhado no subcapítulo 5.2.4. Apesar de, naquele momento que aconteceu o evento, estar com o meu filho no ventre e, supostamente, sensibilizada às histórias daquelas mulheres, minha reação inicial, ao rever essas cenas, fora de asco com minha própria imagem. Curiosamente, ao assistir novamente a esses depoimentos para a análise dos dados, senti-me profundamente emocionada, vivenciando o que Vygotsky descreve como "uma experiência emocional intensa vivida com o outro, refletida e experimentada também de forma individual (*perejivanie*)" (Vygotsky, [1934]/1987 *apud* Amorim, 2023, p. 25).

Esse contraste entre as duas vivências destaca a profundidade do *perejivanie* e reforça a importância de continuar a explorar as dimensões emocionais e subjetivas em contextos educacionais. Igualmente, a prática das escrevivências ancorada em memórias de migrantes, a partir do Multiletramento Engajado, não apenas ampliou o entendimento dos estudantes sobre a realidade dos migrantes, mas também os incentivou a refletir sobre as próprias vivências, nesse sentido, reconhecendo a diversidade de trajetórias e fomentando uma maior conexão entre os participantes. Assim, a pesquisa ressaltou a importância dessas práticas como meio de transformação social, na medida em que fortalecem laços comunitários e fomentam ações coletivas contra as desigualdades.

Por fim, destaco que este estudo não se encerra aqui e abre caminhos para investigações futuras e para a aplicação contínua das práticas de escrevivências integradas ao Multiletramento Engajado. As discussões levantadas restam como um ponto de partida para um diálogo mais amplo e aprofundado sobre as implicações das experiências vividas pelos migrantes e a sua integração em contextos educacionais.

Ao promover reflexões sobre as próprias vivências e as dos outros, essas práticas enriqueceram, neste estudo, o Patrimônio Vivencial dos estudantes, bem como possibilitaram que os participantes expandissem seus conhecimentos para navegar e influenciar positivamente a sociedade na qual estão inseridos. É imperativo, portanto, que se continue a explorar e a valorizar a diversidade de trajetórias humanas, nessa conjuntura, utilizando a educação como uma ferramenta para a transformação social e o desenvolvimento de uma comunidade mais inclusiva e compreensiva.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AMORIM, A. G. do P. **Eventos dramáticos na educação para vida**: formação engajada de professores e formadores nas aulas da Pós-graduação. 2023. 263f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.
- BETTS, A. **Survival migration**: failed governance and the crisis of displacement. New York: Ithaca, 2013.
- BLOMMAERT, J.; BACKUS, A. Superdiverse Repertoires and the Individual. Current Challenges for Educational Studies. *In*: SAINT-GEORGES, I.; WEBER, J. J. (Eds.). **Multilingualism and Multimodality**. [S.l.]: Sense, 2013. p. 11-32.
- BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 1975-2019.
- BORGES, J. L. **“O Aleph”**. Trad. de Davi Arrigucci JR. São Paulo: Companhia Das Letras, 2008.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BROWN, B. **A coragem de ser imperfeito**. Tradução de Joel Macedo. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- BUSCH, B. The Linguistic Repertoire Revisited. **Applied Linguistics**, [s.l.], 2012.
- CAMPOS, M. B. de. Migração. *In*: CAVALCANTI, L.; BOTECA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**. Brasília, DF: UnB, 2017.
- CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, [s.l.], v. 2, p. 1-28, 2011.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. *In*: MOREIRA, A.F.; CANDAU, V.M. (Orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.13-37.
- CAVALCANTI, L.; BOTECA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (Orgs.), **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB, 2017. Edição do Kindle.
- DAVIS, A. Y. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DI BERTOLLI, K; GARCIA, D. **O teatro social dos afetos e a violência na escola**. São Paulo: Editora das Autoras, 2021. Disponível em: https://antigo.fundaj.gov.br/images/Ebook_TeatroSocialAfetos.pdf. Acesso em: 15 mar. 2024.

ENGESTRÖM, Y. The Future of Activity Theory: A Rough Draft. In: DANIELS, H.; SANNINO, A.; GUTIÉRREZ, K. D. (Orgs.). **Learning and Expanding with Activity Theory**. New York: Cambridge, 2009. p. 303-328.

EVARISTO, C. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]**. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017a. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 15 jul. 2023.

EVARISTO, C. **Poncia Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, [s.l.], v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FREIRE, M. **Seleta**: Por pior que pareça. São Paulo: Editora José Olympio, 2021. Edição do Kindle.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Porto: Afrontamento, 1972- 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: EGA, 2002.

HOGG, L. Funds of knowledge: an investigation of coherence within the literature. **Teaching and Teacher Education**, [s.l.], v. 27, p. 666-77, 2011.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

KRENAK, A. Caminhos para a cultura do Bem Viver. In: MAIA, B. **Cultura do bem viver**, 2020. Disponível em: <https://www.biodiversidadla.org>. Acesso em: 30 jan. 2024.

KRESS, G. **Multimodality**: A social Semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

LAGE, M. P. S. R. **Acolhimento a migrantes de crise na escola pública**: construção da mobilidade pelo multiletramento engajado. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) - PUCSP, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/40769> Acesso em: 12 dez. 2023.

LEONTIEV, A. N. **Activity and consciousness. 1977**. 2014. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/leontev/works/1977/leon1977.htm>. Acesso em: 02 fev. 2024.

LIBERALI, F. C. **Potencializando Transformações**: Ferramentas e Impactos do Projeto Brincadas no Início da Proposta com o Coletivo de Investigação e Ação (COLINA), no prelo.

LIBERALI, F. C. Women's Memories in Brazilian Pandemic Times: Narrative of Migrants to Reframe Histories. *In*: SEEDAT-KHAN, M.; ZULUETA, J.O. (Org.). **Women and Covid-19**. Nova York: Routledge, 2024.

LIBERALI, F. C. Multiletramento Engajado para a prática do bem viver. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, SC, v. 22, n. 1, p.125-45, jan./abr. 2022.

LIBERALI, F. C. A argumentação multimodal na compreensão e na transformação de contextos escolares. *In*: AZEVEDO, I. C. M. de; PIRIS, E. L. (Orgs.). **Discurso e Argumentação**: fotografias interdisciplinares. Coimbra: Grácio Edicontor, 2018a.

LIBERALI, F. C. Cadeia Criativa: conceitos centrais. *In*: LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P. (Orgs.). **Cadeia Criativa**: teoria e prática em discussão. Campinas: Pontes Editores, 2018b.

LIBERALI, F. C. **Atividade social nas aulas de língua estrangeira**. São Paulo: Moderna, 2009.

LIBERALI, F. C. A constituição da identidade do professor de inglês na avaliação de sua aula. **Revista Brasileira De Linguística Aplicada**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 45-56, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-3982004000200003>

LIBERALI, F. C. As linguagens da reflexão. *In*: MAGALHÃES, M.C.M. (org.) **A Formação do professor como um profissional reflexivo**. São Paulo, EDUC. Coleção Faces da Linguística Aplicada, [20??].

LIBERALI, F. C.; MAGALHÃES, M. C. C., MEANEY, M. C., SANTIAGO, C., CANUTO, M., SANTOS, J. A. A. **Projeto DIGIT-M-ED Brasil**: uma proposta de desencapsulação da aprendizagem escolar por meio dos Multiletramentos. João Pessoa: Prolíngua, 2015. v. 10:2-17.

LORDE, A. **Irmã Outsider**. Ensaios e Conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MAGALHÃES, M. C. C. Pesquisa crítica de colaboração: escolhas epistemo-metodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar. *In*: MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S. (Org.). **Questões de método e de linguagem na formação docente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p.13-39.

MAGALHÃES, M. C. C. Vygotsky e a pesquisa de intervenção no contexto escolar: pesquisa crítica de colaboração: PCCol. *In*: LIBERALI, F. C.; MATEUS, E.; DAMIANOVIC, M. C. (Org.). **A teoria da atividade sócio-histórico-cultural e a escola**: recriando realidades sociais. Campinas: Pontes, 2012. p.13-26.

MAGALHÃES, M. C. C. **A study of teacher/researcher collaboration on reading instruction for Chapter One students**. 1990. Tese (Doctoral Dissertation) – Blacksburg, Virginia Polytechnic Institute and State University, 1990.

MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S. (Orgs.). **Questões de método e de linguagem na formação docente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

MAGALHÃES, M. C. C.; NININ, M. O. G. A linguagem da colaboração crítica no desenvolvimento da agência de professores de ensino médio em serviço. **Revista De Linguística**, São José do Rio Preto, v. 61, n. 3, p. 625-652. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1711-7>.

MARTÍN-BARÓ, I. **Crítica e libertação na psicologia-Estudos psicossociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Coleção Psicologia Social).

MARTIN, S.; WEERASINGHE, S.; TAYLOR, A.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB, 2017. Edição do Kindle.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. Tradução de Marcelo Backes. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1845-46-2007.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. **Artes e Ensaios**, [s.l.], n. 32, p.122-51, 2016. Disponível em: <https://www.procomumorg/wpcontent/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MEDEIROS, B.S. F. **Formação Decolonial de Educadores: o Multiletramento Engajado em um projeto de extensão**. [S.l.: s,n.], 2023.

MEGALE, A. H; LIBERALI, F. C. As implicações do conceito de Patrimônio Vivencial como uma alternativa para a educação multilíngue. **Revista X**, Paraná, v. 15, n. 1, p. 55-74, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v15i1.69979>

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, [s.l.], v.1, n.1, p.12-32, 2017.

MODESTO-SARRA, L. K. **Projeto Brincadas: ações possíveis para criação do inédito viável**. São Paulo: PUC-SP, 2023.

NOVION, J. de. Colonialidade do Poder. In: CAVALCANTI, L.; BOTEAGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**. Brasília, DF: UnB, 2017.

PEASE, A.; PEASE, B. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2005.

PELLOSSI, D. B. P. **Colaboração Crítica na Formação de Formadores**: Pensando Possibilidades. 2023. 146f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

POOLE, A.; JINGYI, H. Resituating funds of identity within contemporary interpretations of perejivanie. **Mind, Culture, and Activity**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 125-137, 2018.

PRESTES, Z. R. **Quando não é quase a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vygotsky no Brasil: repercussões no campo educacional. 2010. Tese (Doutorado em Pedagogia) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

QUIJANO, A. **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. *In*: BONILLA, H. (Comp.). **Los Conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas**. Bogotá: Flacso-Tercer Mundo, 1992.

RIBAS MATEOS, N. **Una invitación a la sociología de las migraciones**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2004.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, C. H.; MEGALE, A. H. Translinguagem e seus atravessamentos: da história, dos entendimentos e das possibilidades para decolonizar a educação linguística contemporânea. **DELTA: Documentação De Estudos Em Lingüística Teórica E Aplicada**, [s.l.], v. 39, n. 2, 2023, 202339251788. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202339251788>

SAWAIA, B. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? *In*: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.7-15

SAWAIA, B. The problem of the environment. *In*: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Eds.). **The Vygotsky reader**. Oxford: Blackwell, 1934-1994.

SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

SMYTH, J. Teacher's work and the politics of reflection. **American Educational Research Journal**, [s.l.], v. 29, n. 2, p. 471-491, 1992.

SOUZA, V. L. T.; ANDRADA, P. C. Contribuições de Vygotsky para a compreensão do psiquismo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 30, n. 3, p.355-65, 2013.

SOUZA, J. B. D.; HEIDEMANN, I. T. S. B.; GEREMIA, D. S.; MADUREIRA, V. S. F.; BITENCOURT, J. V. D. O. V.; TOMBINI, L. H. T. **Pandemia e imigração: famílias haitianas no enfrentamento da Covid-19 no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery, 24, 2020.

STOER, S.; CORTESÃO, L. **“Levantando a pedra”**: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização. Porto: Afrontamento, 1999.

SUHRKE, A. Environmental degradation, migration, and the potential for violent conflict. **NATO ASI Series**, [s.l.], v. 33, p. 255-272, 1997.

VAN HEAR, N. **Managing mobility for human development: the growing salience of mixed migration**. New York: Human Development Research Paper, United Nations Development Programme, 2009.

VIEIRA, D. P.; FIALHO, C, M. **Migrantes de Crise e Educação Linguística (Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

VINHA, M. P.; WELCMAN, M. Quarta aula: a questão do meio na pedologia, Lev Semionovich Vygotsky. **Psicol. USP** [online], São Paulo, v. 21, n. 4, p.681-701, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VYGOTSKY, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, [s.l.], jun. 2008. ISSN: 1808-6535.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1934-2005.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. The problem of the environment. *In*: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Eds.). **The Vygotsky reader**. Oxford: Blackwell, 1934-1994.

WALSH, C. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009.

WALSH, C. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas**. Quito: Universidad Andina Simon Bolivar/Abya-Yala, 2005.

WALSH, C. **La Interculturalidad en la Educación**. Peru: Ministério de Educación, 2001. Disponível em https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/La%20interculturalidad%20en%20la%20educacion_0.pdf. Acesso em: 11 de jan. 2024.

APÊNDICE A- TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO

Brincadas no CIEJA – Perus

PARTE 1 - TODOS OS PARTICIPANTES:

F: Permita-se.

Fernanda Liberali: Gente, se vocês que estiverem comendo puderem se levantar para a gente fazer uma rodinha para a gente começar a nossa atividade. Vivi...

F: Parou a música.

Fernanda Liberali: Vamos dar uma paradinha, por favor. Primeiro de tudo, a gente queria agradecer a todos vocês que vieram, vem para frente, anda, todo mundo na rodinha. Uma rodinha aqui, vamos lá. A ideia é que a gente comece se aquecendo um pouquinho nas nossas conexões e também o nosso corpo. Está frio, tem gente que está bem encapotada, até de mão no bolso. A gente hoje vai fazer essa atividade como uma forma de a gente se conectar um com o outro, como uma forma de a gente se sentir integrado um com o outro, e também com o nosso entorno. A proposta é que vocês se sintam muito tranquilos para participar. Vocês conseguem entender bem o português?

M: Entende.

Fernanda Liberali: Qualquer coisa vocês me falam, eu falo rápido, isso com máscara. Então, a proposta é que a gente comece pensando no dia de hoje, a gente vai fazer um bom dia. Eu vou pedir a Vivi dizer para a gente como é o bom dia que ela quer, mas não primeiro, senão vocês vão se assustar, eu não quero perder ninguém que está aqui hoje. Eu vou começar, eu vou dizer assim "eu queria que vocês me dessem bom dia falando assim, bom dia". Está certo? Todo mundo tem que fazer assim. Eu quero esse bom dia, vocês vão me dar esse presente, é assim que a gente vai começar. Vamos lá? Um, dois, três, e...

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Agora vamos escolher a Vivi para ser a seguinte, a Vivi vai escolher a próxima, e assim a gente vai até o final. (inint) [00:12:10], Vivi.

Viviane Carrijo: Bom dia.

Fernanda Liberali: Quero ver fazer igual, gente. Agora vamos lá?

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Boa. Vivi, escolhe alguém.

Viviane Carrijo: Você.

F1: Eu?

Viviane Carrijo: Isso.

F1: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém.

F2: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém.

F3: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém, (inint) [00:12:54].

Mônica Lemos: Eu? Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Mônica Lemos: Você.

M1: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém. Pode ser.

M2: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém.

M3: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

M3: Você.

Rafael Pejão: Eu?

M3: Isso.

Rafael Pejão: Bom dia, irmão.

Várias vozes: Bom dia, irmão.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém, Lari.

Larissa Mazuchelli: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém.

F4: Bom dia, gente.

Várias vozes: Bom dia, gente.

Fernanda Liberali: Alguém.

F4: Você.

Marina Melo: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém.

F5: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém.

Rafael Peção: (inint) [00:14:21].

Fernanda Liberali: Venham, juntem-se a nós.

M4: Já tenho a minha ideia.

Fernanda Liberali: (inint) [00:14:31] de cima, vai lá.

M4: Ai, meu Deus. Vamos lá. Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Pode escolher alguém.

M4: Você. Você já é escolhida.

F: Já fui.

M4: Ela. Vamos lá.

F6: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém.

M4: O cachorro.

Fernanda Liberali: Até o cachorro se sentiu acolhido (inint) [00:15:02].

F6: Pode ser você.

F7: Eu? Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém. Levanta a mão assim para a frente quem ainda não fez.

F7: Ela ali.

Fernanda Liberali: Ela, que chegou. Vamos lá, menina, como você quer receber seu bom dia?

F8: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Muito bom. Escolhe alguém agora, põe a mão para frente quem ainda não foi.

M5: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Vai o colega agora.

M6: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém agora. Quem não foi, mãozinha para frente.

Sandra Santella: Eu? Oi, bom dia.

Várias vozes: Oi, bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém. Mão para frente, Sandra.

Sandra Santella: A Dani.

Daniela Pellossi: Bom dia, gente linda.

Várias vozes: Bom dia, gente linda.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém, Dani, mão para frente quem não foi.

Daniela Pellossi: A Sara.

Sara: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Escolhe alguém, Sara.

M7: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: E agora, tem que ser um bom dia bem especial.

Christiane Novas: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Bom dia para o bebê que está aqui na barriguinha dela. Muito bom. Muito bom dia para todos vocês, é um prazer enorme a gente estar aqui com vocês. Nós somos um grupo da PUC de São Paulo, que é uma universidade aqui no centro da cidade, que trabalha com formação de professores, com escola, com criação de comunidades. A gente veio aqui formar uma comunidade com vocês, e essa comunidade precisa se conhecer, mas a gente vai se conhecer de uma maneira bem próxima, a gente vai olhar um no olho do outro, vai escolher alguém, eu vou começar, eu vou escolher uma pessoa, vou olhar bem no olho dessa pessoa, quando eu chegar pertinho dela, eu vou dizer meu nome para ela, ela vai dizer o nome dela para mim. Eu vou ficar no lugar dela, e ela vai sair e vai escolher uma outra pessoa e vai fazer o mesmo. Eu vou fazer demonstração com a Vivi para vocês verem. Todo mundo se olhando. Vou escolher a Vivi, conectei. (inint) [00:17:50] Vivi, Fernanda.

Viviane Carrijo: Viviane.

(apresentação) [00:17:54] até [00:17:57].

Fernanda Liberali: Um abraço. Agora você escolhe a outra e vai (inint) [00:18:00].

Viviane Carrijo: Já escolho e vou direto.

Fernanda Liberali: Já escolhe daqui.

Viviane Carrijo: Entendi.

Fernanda Liberali: Fizemos o ensaio errado, gente.

Viviane Carrijo: Bom dia.

M4: Prazer, Eduardo.

Viviane Carrijo: Viviane.

Fernanda Liberali: Aí o Eduardo...

Eduardo: Bom dia. Prazer. Como é o seu nome?

F9: (inint) [00:18:18].

Eduardo: (inint) [00:18:19]. Agora é você, (inint) [00:18:21].

F9: Bom dia.

F7: Bom dia. (inint) [00:18:25].

Fernanda Liberali: (inint) [00:18:28] escolhe alguém, olha no olho da pessoa, vai lá até ela. Vai até ela.

F7: Meu nome é (inint) [00:18:40].

(apresentação) [00:18:39] até [00:18:43].

Viviane Carrijo: Fica lá no lugar dela.

Fernanda Liberali: Fica no lugar dela, eu vou colocar uma musiquinha enquanto vocês vão fazendo. Vamos lá.

Christiane Novas: Já (inint) [00:18:53] a pessoa, a gente já sai e já vai indo para a próxima pessoa.

Fernanda Liberali: Querem música ou não?

(apresentação) [00:18:59] até [00:19:10].

F: Bom dia. (inint) [00:19:15].

(apresentação) [00:19:18] até [00:19:29].

M7: (inint) [00:19:32].

Fernanda Liberali: Fala alto para a gente ouvir os nomes também.

M: (inint) [00:19:36].

F: Licença rapidinho, alguém tem um Siena preto aqui? Deixou ali embaixo? O caminhão não está conseguindo passar.

(apresentação) [00:19:52] até [00:19:57].

Fernanda Liberali: Marina. (inint) [00:19:58], todo mundo.

F: Fê, está chegando mais gente.

Fernanda Liberali: Entrem aqui, venham aqui na nossa rodinha.

F10: Bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Bom dia, (inint) [00:20:11]. Bom dia. Vamos lá, a gente está se apresentando.

Rafael Pejão: Bom dia. Meu nome é Rafael.

M1: (inint) [00:20:23]. Bom dia. (inint) [00:20:28].

Sandra Santella: Sandra.

(apresentação) [00:20:30] até [00:20:37].

Sandra Santella: Bom dia. Eu sou Sandra, você?

F: (inint) [00:20:40].

Sandra Santella: Prazer.

M: Você só escolhe alguém agora.

Fernanda Liberali: Vai se apresentar para alguém.

F11: Já foram todos?

Várias vozes: Não.

Fernanda Liberali: Põe a mão para frente quem não foi.

M5: Prazer, (inint) [00:21:02].

F11: (inint) [00:21:02]. Bom dia.

Fernanda Liberali: Mão para frente, pessoal.

F3: Bom dia.

M5: Bom dia. (inint) [00:21:10], prazer.

Bruna: Eu sou a Bruna.

Fernanda Liberali: (inint) [00:21:13].

Bruna: Bom dia. (inint) [00:21:17]. Qual seu nome?

F: (inint) [00:21:18].

Fernanda Liberali: Fala alto para a gente ouvir o nome. Bruna e? Como é seu nome?

F8: (inint) [00:21:25].

Daniela Pellossi: Daniela.

(apresentação) [00:21:28] até [00:21:32].

Fernanda Liberali: Mão para frente quem não foi.

Daniela Pellossi: Daniela.

Leila: Leila.

(apresentação) [00:21:39] até [00:21:45]

Leila: Leila.

F12: (inint) [00:21:46].

Fernanda Liberali: Mão para frente quem não foi.

F12: (inint) [00:21:54].

F13: (inint) [00:21:53].

Fernanda Liberali: Vai, (inint) [00:21:57], escolhe alguém, mão para frente quem não foi.

F13: Bom dia.

Fernanda Liberali: (inint) [00:22:02] bom dia.

F13: Bom dia. (inint) [00:22:07] prazer.

Fernanda Liberali: Mão para frente quem não foi.

Mônica Lemos: Mônica.

(apresentação) [00:22:11] até [00:22:15]

Fernanda Liberali: Qual é seu nome? Fala alto para a gente ouvir.

F8: Maria (inint) [00:22:17].

Fernanda Liberali: Põe a mão para frente quem não foi. Agora (inint) [00:22:23].

(apresentação) [00:22:24] até [00:22:30]

Fernanda Liberali: Dá um abraço (inint) [00:22:33].

M: A Fernanda quer ganhar abraço.

Christiane Novas: Quem não foi?

M2: (inint) [00:22:46].

Christiane Novas: Cris.

Fernando: Fernando. Eu sou o mais feio.

Fernanda Liberali: Vai lá, escolhe (inint) [00:22:55].

F: (inint) [00:22:59].

Fernando: Fernando, bom dia.

Fernanda Liberali: Agora (inint) [00:23:02] um bom dia bem forte. Um, dois, três e...

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: (inint) [00:23:12] bem (inint) [00:23:12], bom dia.

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Agora a gente vai falar um bom dia realmente (inint) [00:23:19] receber um bom dia e recebeu, (inint) [00:23:22]. Vamos lá, um, dois, três, e...

Várias vozes: Bom dia.

Fernanda Liberali: Muito bem, muito obrigada, uma salva de palmas.

(apresentação) [00:23:34] até [00:23:39]

Fernanda Liberali: A gente já se conhece mais, já se conectou, desliga o som, por favor? A gente agora vai começar algumas brincadeiras, eu vou pedir a Vivi para conduzir a nossa primeira brincadeira mais aprofundada.

Viviane Carrijo: A nossa primeira brincadeira, segunda brincadeira, na verdade, você vai precisar de uma dupla, pegue alguém que você não conhece, tem várias opções, alguém que você não conhece, fique de frente para essa pessoa, (inint) [00:24:14] outro.

(apresentação) [00:24:14] até [00:24:29].

Viviane Carrijo: Todo mundo tem um par?

Várias vozes: Sim.

Fernanda Liberali: Eduardo não tem.

Viviane Carrijo: Eduardo não tem.

Viviane Carrijo: de frente um para o outro. Outro, de frente um para o outro. Nessa brincadeira, é a espelho, como...

Fernanda Liberali: Vamos (inint) [00:24:46], Vivi?

Viviane Carrijo: Sim. Como é isso o espelho? Você vai ficar de frente pro seu companheiro e ele é o seu espelho, a pessoa a sua frente vai ser o seu espelho. Então você vai fazer o gesto que você quiser e a pessoa vai também repetir o mesmo gesto ao mesmo tempo, então fica bem atento pra repetir o mesmo gesto que a pessoa ao mesmo tempo. Depois vocês vão trocar, pra ela ser o seu espelho.

Fernanda Liberali: A Vivi vai avisar, não começa, não começa.

Fernanda Liberali: Bora gente, Vivi vai fazer e eu vou espelhar.

(apresentação) [00:25:22]-[00:25:33]

Fernanda Liberali: Viu? Agora vai.

Viviane Carrijo: É livre, pode fazer o que quiser. Aproveita. Pode fazer o que quiser. Começando então.

(apresentação) [00:25:48]-[00:25:59]

Viviane Carrijo: Olhe pra pessoa. O espelho a gente tá olhando um pro outro, não é? No olho. A gente está olhando pro nosso olho, pro nosso corpo.

(apresentação) [00:26:08]-[00:26:18]

Viviane Carrijo: Agora troquem o parceiro. Troquem quem vai ser o espelho. Olhe bem o corpo, veja como a pessoa mexe.

Viviane Carrijo: Explore bem o corpo, veja como a pessoa mexe esse corpo, você fazer igual a pessoa, espelhar essa pessoa. Olha a expressão facial dessa pessoa. Agora, vai ser diferente, a gente só espelhou o corpo, vamos espelhar emoções. O nosso corpo transmite várias emoções de várias formas, eu, por exemplo, quando estou feliz...

(apresentação) [00:27:06] até [00:27:10]

Viviane Carrijo: Estou feliz, a boca estava aberta, vocês não viram por causa da máscara, mas o olhinho some, quando eu estou feliz. Eu vou dar as emoções para vocês, a pessoa que vai espelhar, você escolhe quem vai começar espelhando, e eu vou falar a emoção, e você tem que transmitir essa emoção com seu corpo, do jeito que você quiser. Primeira emoção, a mais legal. Alegria.

(apresentação) [00:27:39] até [00:28:01]

Viviane Carrijo: Espelhem o corpo da pessoa, gente.

(apresentação) [00:28:05] até [00:28:11]

Viviane Carrijo: Tristeza.

(apresentação) [00:28:15] até [00:28:21]

Viviane Carrijo: Força.

(apresentação) [00:28:24] até [00:28:30]

Viviane Carrijo: Muda aí o seu parceiro que vai fazer agora para você espelhar. Uma outra... esperança.

(apresentação) [00:28:43] até [00:28:50]

Viviane Carrijo: Amor.

(apresentação) [00:28:51] até [00:29:02].

Viviane Carrijo: Luta.

(apresentação) [00:29:06] até [00:29:14]

Viviane Carrijo: Agora de uma pessoa muito ocupada, você está muito ocupado.

Várias vozes: Fora Bolsonaro.

Viviane Carrijo: Muito ocupada resistindo. Uma expressão, você está muito ocupada, apressada, ocupada.

(apresentação) [00:29:31] até [00:29:35]

Viviane Carrijo: E a última, para a gente fechar, resistência.

Viviane Carrijo: Muito, muito bem, uma salva de palmas. Bora continuar, pra gente continuar no nosso circuito de reações. O Rafael.

Rafael Peção: Ok. Vamos lá. Reações, pode ser de que forma? Nós vamos andar por esse espaço e eu vou falar uma reação e cada um vai sentir, uma situação e cada um vai sentir como seria essa reação pra vocês, tá? Então assim, a primeira. Vamos andando, vamos começar a andar pelo espaço. E a primeira situação é você encontrando um amigo que você não ver a muito tempo.

(apresentação) [00:30:33]-[00:31:10]

Rafael Peção: Agora que nos se encontramos amigos, continuamos andando. Nós estamos andando pela calçada e um carro passou pela poça d'água e espirrou em nós.

(apresentação) [00:31:22]-[00:31:45]

Várias vozes: (inint) [00:31:46].

Rafael Peção: Agora, nós estamos no aeroporto e chegamos a um país que nós não sabemos a língua. Como você vai fazer?

(apresentação) [00:32:01] até [00:32:43]

Rafael Peção: Agora, quem vai falar uma situação será a Luciana. Vai propor uma situação a nós.

Fernanda Liberali: Vamos andando, Luciana vai falar.

Rafael Peção: Vamos dando espaço. Socorro, (inint) [00:32:58].

(apresentação) [00:32:59] até [00:33:19]

Luciana Kool: Agora quem vai fazer é a Cris.

Rafael Peção: Vamos andando no espaço.

Fernanda Liberali: Todo mundo andando, vai lá, Cris.

Christiane Novas: A gente chegou na praia, está um dia lindo, estou tomando sol, começou uma chuva.

(apresentação) [00:33:46] até [00:34:02]

Fernanda Liberali: Agora a (inint) [00:34:03] vai continuar essa história.

Rafael Pejão: Vamos andando.

(apresentação) [00:34:06] até [00:34:18]

Daniela Pellossi: Perdi meu celular.

(apresentação) [00:34:19] até [00:34:54]

Fernanda Liberali: Escolhe alguém, Dani.

Daniela Pellossi: Agora eu vou chamar você, (inint) [00:34:58].

Fernanda Liberali: Você tem que dizer uma situação para a gente viver. O que você quiser. Todo mundo andando, caminha aí. Essa é a última (inint) [00:35:17], e a gente vai para outra.

(apresentação) [00:35:21] até [00:35:29]

M1: (inint) [00:35:29] e está fazendo um acidente.

(apresentação) [00:35:35] até [00:36:19]

Fernanda Liberali: Uma salva de palmas para todo mundo. Agora a gente vai aprofundando, a gente viu várias situações, algumas eram animadas, outras não muito legais, outras a gente ficou bem angustiado, alguns ficaram desesperados, porque situação difícil como essa que você trouxe, a gente trouxe algumas situações. Até agora a gente está sempre brincando, brincar é uma coisa séria, eu vou pedir a Cris para explicar para vocês a atividade que a gente vai fazer agora, a gente vai brincar mais, mas a gente vai brincar em situações que são da vida das pessoas, das dores que as pessoas vivem, e com as quais a gente vai trabalhar, para a gente construir modos de sobreviver a essas situações, como a gente sobreviveu brincando aqui com essas brincadeiras e com essas situações. Cris.

Christiane Novas: Bom, gente, a ideia agora é a gente se dividir em grupos, eu vou falar um número, cada um guarda o número que eu vou falar, porque depois vocês vão buscar as pessoas desse número para se juntar em grupos. Vou começar aqui, um, dois, três... está brincando?

F: Não sei.

Christiane Novas: Quatro. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Vamos lá. Quatro aqui comigo.

F: Um, cadê o um?

(apresentação) [00:38:04] até [00:38:44]

Rafael Pejão: Deu certinho. Um, dois, três, quatro, cinco.

Fernanda Liberali: Um, dois, três, quatro, cinco. Deu certinho.

Rafael Pejão: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, ali tem oito.

F: Eu sou dessa aqui.

(apresentação) [00:39:00] até [00:39:44]

Fernanda Liberali: Pessoal, agora vocês estão trabalhando em grupos, vocês podem sentar no chão, podem sentar nas cadeiras, como vocês quiserem, (inint) [00:39:52].

(apresentação) [00:39:54] até [00:39:59]

Fernanda Liberali: Gente, olha só, deixa eu explicar a tarefa. A gente vai ter duas situações, a gente vai ler uma, vai conversar sobre ela, quem já viveu, quem já viu, quem já soube, depois a gente vai ver outra, vai conversar sobre ela, o que a gente acha, o que a gente pensa. Depois, a gente vai precisar pensar na cena de como a gente trataria essas pessoas que estão vivendo essa situação, como a gente reagiria, como a gente viveria esse momento? E essa cena, os atores desse grupo vão encenar para os outros grupos. Certo? Vamos lá, manda bala.

Christiane Novas: É uma situação.

Fernanda Liberali: Não precisa ser essa aí, pode ser o que vocês escolherem, o que vocês quiserem.

PARTE 2: DIVISÃO EM GRUPOS

GRUPO 1:

Larissa Mazuchelli: Vamos lá, vamos ver. Vou ler a citação. Eu olhava tudo, e pensava que o mar não podia ser destruído, ele continuava lindo, e o meu coração se acalmava. Depois da guerra e do terremoto, as minhas esperanças estavam quase acabando, mas o mar parecia meu amigo, que entendia tanta coisa que eu sentia. Falei para eles sobre a vontade que sentia de ir embora, já faz alguns que eu ouvia dizer que no Brasil tinha oportunidade de emprego, de recomeçar a vida. Quando consegui juntar um dinheiro, com a ajuda da minha família e amigos, vim para cá, a quase um ano, e consegui um emprego, e tenho novos amigos. Mas mesmo assim, às vezes, parece que escuto barulho do mar me chamando, falando comigo, eu sinto muita saudade de estar na praia e da vida que eu tinha lá no Haiti. (inint) [00:44:09] vocês.

F: Agora a gente tem que encenar isso?

Larissa Mazuchelli: Não, agora a gente vai conversar sobre o que vocês sentiram, o que vocês pensaram sobre essa história, se vocês conhecem alguém que tenha passado por alguma situação parecida.

M1: Eu vou começar. Eu penso, a primeira coisa que vem na minha cabeça é que Brasil é um lugar onde a gente tem a maior comunidade haitiana fora do Haiti, a primeira coisa que me remete é pensar o sofrimento que é essa partida de um lugar para o outro, e o quanto as vezes eles se encontram nesse lugar que também tem muita vulnerabilidade, quando a gente recebe crianças, eu tenho um aluno haitiano, ele é sempre marcado por muitas vivências desse rompimento que é não estar no lugar onde nasceu, onde tem amigos que deixou, é bastante complexa essa situação que eles buscam esperança em um lugar que não é o seu lugar de origem.

Larissa Mazuchelli: Deu para entender um pouquinho? Você sente saudades de Angola?

F1: Sim.

Larissa Mazuchelli: É muito difícil, não é? Do que você sente saudades?

F1: (inint) [00:45:42], eu sinto saudade (inint) [00:45:46], chego aqui, (inint) [00:45:48], depois (inint) [00:45:52] minha família, (inint) [00:45:57].

Larissa Mazuchelli: O seu esposo está aqui?

F1: Não, ele não chegou. Depois foi (inint) [00:46:07], faz exame de vista, dia 25 de março, fazer exame de vista, dia seis de fevereiro de 2022, eu estou falando com (inint) [00:46:27] e (inint) [00:46:29], ele não está chegando, depois chega aqui, só que ele não sabe, minha filha quem sabe, o pai dela não vai chegar mais.

Larissa Mazuchelli: Ele não vem, então?

F1: Não vem.

Larissa Mazuchelli: Onde ele está?

F1: Estava (inint) [00:46:48], depois 20 (inint) [00:46:52] de março, foi na consulta, chega (inint) [00:46:57], fazer exame, para levar (inint) [00:47:00] uma receita, (inint) [00:47:05] ainda não me deu a resposta de exame, o doutor falou, ele sabe, (inint) [00:47:11], ele não sabe, (inint) [00:47:16], a resposta sair, você não vai ficar mais, (inint) [00:47:21], dia 24 (inint) [00:47:27], ele faleceu.

Larissa Mazuchelli: Ele o que?

F1: Faleceu.

Larissa Mazuchelli: Sinto muito. Posso te dar um abraço?

F1: Sim.

F: Sinto muito.

M1: E a senhora não sabe o motivo?

F1: Não, ele sabe que (inint) [00:48:27].

Larissa Mazuchelli: A sua filha.

F1: Filha (inint) [00:48:31], tenho duas filhas (inint) [00:48:36]. Segunda, terceira, quinta.⁷

F: Quinta série.

F1: (inint) [00:48:57], o primeiro.

F: Ah, o primeiro aninho.

F1: Menina (inint) [00:49:03].

M1: Estudam em que escola? No céu?

F1: Até esqueci.

Larissa Mazuchelli: É muito difícil, gente, pensar. Vocês querem falar alguma coisa que vocês pensaram sobre...

Leila: Toda partida é difícil, ainda mais se tratando de um lugar, igual você colocou, das lutas, de gostar de olhar tanto para um lugar, aquilo fica registrado em nossas vivências, nas nossas memórias, e ter que saber que no objetivo de buscar coisas melhores para a nossa vida e deixar ao mesmo tempo aquilo que nos marcou, é a gente sonhar acordado tentando buscar lembranças de um lugar onde se viveu, mesmo sabendo das condições tão difíceis, foi deixada para trás, sendo muitas vezes, na maioria das vezes, situações bem difíceis aqui também. Para essas pessoas que vem, é uma luta diária, uma luta por sobrevivência, e a gente precisa acolher essas pessoas, porque a gente precisa se pôr no lugar também.

Larissa Mazuchelli: Oi, senta aqui.

Leila: É importante a gente se colocar no lugar.

Larissa Mazuchelli: Pode tirar essa mochila daí, colocar...

Leila: Não é fácil. É isso. O que nos resta é saudade, palavra bem brasileira.

Larissa Mazuchelli: Como é seu nome?

M: Steve.

Larissa Mazuchelli: Steve, tudo bem? Larissa.

Leila: Leila.

Bárbara: Bárbara.

F: Isabela.

M: Samuel.

F: (inint) [00:50:44].

M: Eduardo, prazer.

Larissa Mazuchelli: Você é de onde?

M2: Haiti.

Larissa Mazuchelli: Do Haiti. Entende bem português?

M2: Um pouco.

Larissa Mazuchelli: Um pouquinho? A gente está falando de saudade. Você sente saudade do Haiti?

M3: Demais, não dá (inint) [00:51:03]. Sinto saudade, mas não dá para eu contar agora, mas eu sinto, eu tenho uma filha lá.

Larissa Mazuchelli: Você tem uma filha lá? A quanto tempo você está aqui?

M2: Dois anos e oito meses.

Larissa Mazuchelli: Às vezes, mesmo aqui no Brasil a gente sente isso, a gente tem histórias de famílias que atravessaram o país, e que nunca conseguem, às vezes, retornar e visitar sua família. É difícil lidar com a saudade. Como vocês fazem para lidar com a saudade? Você ouve música haitiana?

M2: Eu ouço todas as músicas para ficar (inint) [00:51:58], e (inint) [00:52:00] também.

Leila: Você consegue fazer chamadas de vídeo?

M2: De vídeo não, porque ela está com a mãe dela, eu não falo com a mãe dela, a mãe dela proibiu ela (inint) [00:52:14].

Larissa Mazuchelli: E vocês, como vocês lidam com a saudade?

Isabela: São situações diferentes, mas quando eu estou com saudade de alguma coisa, eu busco me conectar com o que eu lembro, se eu estou com saudade de ver um parente meu que foi, vou dar um exemplo, viajar, eu vou escolher coisas que ele faria comigo, com outros parentes mesmo, sempre relacionando, eu lembro de tal pessoa, ela gostava de fazer uma comida, eu vou lá e faço a mesma comida, chorar também.

Larissa Mazuchelli: Você chora muito quando você sente saudade?

Bárbara: Muito, se eu estou com saudade, eu choro, busco fazer coisas que eu fazia com a pessoa, escutar uma música que me lembra ela, ou se for possível, mandar uma mensagem, tentar conversar.

Larissa Mazuchelli: Saudade de quem parte, não é só saudade de quem parte fisicamente, as vezes é saudade da nossa infância, e a gente não consegue sempre voltar, saudade da nossa adolescência, saudade da escola. É bom a gente se conectar com essas saudades todas para a gente conseguir seguir em frente, a gente não está sozinho, no final das contas, a gente tem essas lembranças, acalenta o coração. Aquece o coração lembrar.

M1: Tem alguma foto da sua filha?

Larissa Mazuchelli: Que linda.

M2: Pode mostrar aqui?

Larissa Mazuchelli: Parabéns. Qual é o nome dela?

M2: É (inint) [00:54:14].

Larissa Mazuchelli: Eu sou surda, fala de novo.

M2: (inint) [00:54:18].

Larissa Mazuchelli: (inint) [00:54:19], que lindo. Quantos anos ela tem?

M2: Oito.

Larissa Mazuchelli: Oito? Legal.

M1: A vestimenta é escolar?

M2: É, escolar.

M1: Eu tenho alunos haitianos e eles usam a vestimenta parecida.

Larissa Mazuchelli: Achei muito bonita.

M2: Não é a mesma cor.

M1: Eles mudam as cores, entendi.

Larissa Mazuchelli: Como a gente fala saudade?

M2: (inint) [00:54:51].

Larissa Mazuchelli: (inint) [00:54:53]. Falei certo?

M2: (inint) [00:54:56].

M1: É francês?

M2: Não, é crioulo. Saudade é (inint) [00:55:07]. O (inint) [00:55:10].

Larissa Mazuchelli: Oi? A Patrícia? Não sei, não conheço. Mas você precisa falar com ela? Não, (inint) [00:55:25] comigo.

Leila: Acho que é da PUC.

M1: Você trabalha...

Larissa Mazuchelli: Quer falar alguma coisa? Ele está na câmera, ele não está falando nada, pode falar, todo mundo fala.

M3: Eu sempre falo, eu sempre (inint) [00:55:52].

Bárbara: Estou achando estranho, está quietinho.

M3: Fica tranquila. É um assunto muito delicado quando se trata de saudade. Eu sempre fui criado pela minha avó, minha avó que cuidou de mim porque minha mãe estava terminando a faculdade, estava terminando de fazer as coisas, e depois quando mãe veio para cuidar de mim, minha avó não deixou, eu sempre fui criado pela minha avó até os 13 anos de idade. Ela veio a falecer em 2014, e eu sempre conto essa história, porque foi quando eu tive esse acolhimento da parte da minha mãe, quando minha avó morreu, mas também tive essa perda, desde então, foi quando eu fiquei internado, eu fiquei muito mal, eu fiquei um mês internado.

Larissa Mazuchelli: De saudade, de dor.

M3: De saudade, fiquei entubado, saí depois de um mês, e até ano retrasado eu tinha crises, ainda tem coisas que eu não faço porque lembra muito ela, e eu não consigo fazer porque não dá, não consigo, eu prefiro evitar. Quando eu sinto saudade assim eu sempre me questiono por que, por que isso veio a acontecer, por que tem que ser assim, por que a gente não pode ir junto também. Uma das coisas que minha mãe fala é que eu queria ir junto, não estava nem aí. Eu conto rindo agora, mas eu lembro quando a gente estava no velório, eu larguei da minha mãe, os caras estavam com a pá, soltaram a pá para me pegar, porque eu ia junto, não queria nem saber. E minha mãe correu atrás de mim, meu pai também, me levaram, foi quando eu capotei de tanto perder líquido, eu descobri que eu tinha vários problemas de saúde também, mas hoje em dia eu sei lidar mais com isso, no meio da educação, eu sou lá de Paraisópolis, é um bairro muito rico, mas também tem suas partes onde é bem cruéis, tem muita criança lá que sente saudade. Quando eu vejo elas sentindo saudade, eu lembro disso, e como acolher elas.

Larissa Mazuchelli: Como a gente acolhe a saudade do outro.

M3: Da criança, sendo que você já teve essa saudade, quando ela chega para mim e fala "ah não conheci minha mãe, não conheci meu pai, porque eles terminaram", na maioria das vezes, terminaram, como a gente faz isso? Muitas pessoas da escola pública não entendem esse lado, e falam que é frescura, é manha, mas quando a gente chega, ajoelha, olha no olho da criança, está tudo bem? Não, quero a mamãe, quero o papai, está tudo bem. Tem um livro que chama "Quero Colo", é um livro muito bom para ler quando a gente está com saudade, fala de diversas coisas que a gente sente da nossa saudade, e a gente tenta acolher essas crianças da melhor maneira. É por aí.

Larissa Mazuchelli: O teatro que a gente podia fazer podia ser isso, podia ser a gente (inint) [00:59:05], matando essas saudades que a gente tem, eu sinto muita saudade também, de muita coisa. É difícil.

M3: (inint) [00:59:19] coisa, mas é meio delicado, eu (inint) [00:59:23] forte para falar, nem gosto.

Larissa Mazuchelli: É porque dói lembrar, a lembrança dói, mas quando a gente compartilha o que a gente está sentindo, a gente sabe que a gente está sentindo a mesma coisa, são dores diferentes, ela está sentindo a falta do esposo, você, da sua avó, eu de (inint) [00:59:48], você da sua filha, aqui a gente tem a história de alguém que está com saudade da vida no Haiti, que foi o textinho que a gente leu, se você quiser ler. Da sua (inint) [01:00:02], de tantas (inint) [01:00:02], quando a gente compartilha, a gente está querendo (inint) [01:00:08], mas dessas dores, e a gente

pode pedir colo, me dá colo, me dá carinho, estou precisando de um carinho. A escola pode ser um lugar para a gente dar...

M3: Deve ser um lugar, quando a gente escolhe educação, tem que ser assim, tem que ter esse olhar sensível, (inint) [01:00:31], eu sempre falo.

Larissa Mazuchelli: Para todo mundo, para o professor também, para o mundo escolar.

M3: Você falou, não fui eu que escolhi a Pedagogia.

Larissa Mazuchelli: Foi ela que te escolheu.

M3: É, foram as crianças, eu nunca imaginei eu sentado em uma mesa fazendo alguma coisa, e como eu faço para estar com as crianças? Você tem que fazer (inint) [01:00:53], então (inint) [01:00:54], porque eu acredito nisso.

Larissa Mazuchelli: E é interessante, porque as vezes a gente não precisa falar, as vezes a gente olha no olho da pessoa e a gente sente uma conexão, um carinho, eu não sou de São Paulo, eu sou do interior, aqui, vocês estão correndo o tempo inteiro, ninguém olha no olho de ninguém, quando a gente para e olha e dá bom dia, dei bom dia para o cara do metrô hoje de manhã, ele até assustou, acho que ele estava tão no automático. Bom dia, moço, e ele "bom dia", mas é sair do automático, as vezes a gente não precisa falar em português, ou em qualquer outra língua, a gente se olha, a gente sente carinho, não é? Oi?

F1: (inint) [01:01:48] fala (inint) [01:01:49].

Larissa Mazuchelli: Então, exato, a gente fala a mesma língua.

F1: Ela fala (inint) [01:01:56].

Larissa Mazuchelli: (inint) [01:01:57]. A gente é muito barulhento.

F1: (inint) [01:02:03].

Larissa Mazuchelli: Pois é. Quer falar alguma coisa?

M1: Não, estou acompanhando.

Larissa Mazuchelli: Então a gente podia pensar no teatro que a gente vai fazer. Como vocês acham que a gente poderia fazer?

Isabela: (inint) [01:02:30].

M1: Acho que poderia ser essa ideia, juntar o que ele trouxe do livro, de "Quero Colo", e acho que talvez representar as partidas também, igual ela apresenta a partida, a saudade com uma fotografia que revela o crescimento de alguém.

Larissa Mazuchelli: A gente podia fazer isso, a gente podia encenar uma partida, alguém se despedindo, e cada uma das pessoas é acolhida em outros lugares, um colo, alguma coisa assim. Que tal?

M1: Eu gosto da ideia.

M3: A gente pode fazer (inint) [01:03:23], pelas vivências. A gente pode fazer a minha parte, a minha avó foi embora, eu mal, alguém vem e me abraça, ela também abraça, alguém representa a filha dele, chega, esse encontro de matar a saudade.

Larissa Mazuchelli: Três cenas, a gente podia fazer, então. Três cenas.

M3: Uma de partida, de embora, uma de chegada, e uma de acolhimento, de perda mesmo.

Larissa Mazuchelli: Sim, e nas três, a única fala podia ser "quero colo", que tal? Tem a cena da partida, a pessoa fala "quero colo", vocês vão lá e acolhem, que tal? Acho que fica legal.

M3: (inint) [01:04:16], não tinha outro?

Larissa Mazuchelli: Não.

M1: Eu posso pausar a gravação?

Larissa Mazuchelli: Pode.

[01:04:31]

GRUPO 2:

F: Cadê o grupo dois?

F: (inint) [00:00:59], a partir dela vocês criam a de vocês?

F: Rafa, esse é o dois?

Rafael Pejão: Aqui é o dois. Nós viemos aqui no CIEJA a umas duas semanas, e nós conversamos com algumas pessoas. Vocês querem sentar no chão?

Fernanda Liberali: Rafa, aqui.

Rafael Pejão: Vamos ficar aqui então. Vocês vão ficar aí, vou sentar aqui. Nós viemos aqui no CIEJA a uma, duas semanas e conversamos com algumas pessoas, com essas pessoas que nós conversamos, eles fizeram alguns relatos, e nós anotamos em uma folha, aqui tem os relatos das pessoas que conversaram conosco aqui no CIEJA. Vocês querem que eu leia todos, ou leia alguns, como a gente... o que vocês preferem? Alguma situação que vocês tenham para contar? Que vocês acham que seria bacana de a gente encenar aqui.

F1: (inint) [00:02:06] uns dois ou três.

F: De repente podemos ler primeiro para depois ver, dar ideia para a gente.

Rafael Pejão: Então faz assim, vou colocar a primeira, depois vou lendo algumas. Durante a pandemia, continuou trabalhando presencialmente, normalmente, mesmo no período do fechamento das atividades. Quero dizer, a pessoa não teve lockdown, ela continuou trabalhando, não se importaram com a doença para essa pessoa, ela disse isso. A segunda, a pessoa está em São Paulo a dez meses, deixou dois filhos no Haiti, um de seis e outro de dez anos, pretende trazê-los para São Paulo, mas por enquanto, está muito caro e muito difícil para trazer. Esse é um segundo relato, uma segunda situação. A outra, tenho saudades das comidas do Haiti, relembra dos pratos favoritos, no Brasil, lembra a canjica, comida típica do Haiti à base de milho, que é uma comida que aqui no Brasil é a canjica, que lá no Haiti eu não lembro do nome, a pessoa colocou que lembra que é uma comida feita a base de milho, essas coisas. Acho que é canjiquinha, alguma coisa assim que eles disseram. Outro relato, um haitiano e uma haitiana, ao serem questionados sobre lugares que gostam tanto de São Paulo quanto do Haiti, não hesitaram em dizer "tenho saudades das praias do Haiti, me divertia muito lá", aqui em São Paulo a pessoa disse que não teve ainda a oportunidade de conhecer a praia, mas no Haiti conheceu, e gostava muito de

frequentar a praia no Haiti, que são bonitas, enfim, que é o lugar que ele se divertia muito, essa pessoa. Agora o outro, uma haitiana relatou dificuldades de realizar trabalhos informais como vender alho na rua, na região da Lapa, que dificultava, as vezes tinha policiais que não deixavam, alguma coisa impedia de fazer, de trabalhar, de ter um sustento para ela, não sei se para a casa dela, para a família, ela sentiu essas dificuldades aqui em São Paulo, especificamente aqui no bairro da Lapa. O outro, um grupo de Haitianos demonstraram profunda tristeza ao lembrarem as dificuldades que encontraram ao chegarem no Brasil, durante o período da pandemia, vieram do Haiti para o Brasil no período da pandemia, o silêncio e olhar vago, sem foco, marcaram o momento. Chegaram aqui no aeroporto, era época da pandemia, tiveram que sair do Haiti para cá, e ficaram literalmente perdidos, o que eu faço, sem uma direção. A outra, um imigrante negro (inint) [00:05:01] e é afastado fisicamente com as mãos por uma pessoa branca, que se mostra incomodada com sua presença, quero dizer, não quer um haitiano, nem é um haitiano, pode ser um imigrante, mas negro, a pessoa afastou, porque não queria que ficasse ao lado, aqui não, do meu lado, (inint) [00:05:24] da moça que (inint) [00:05:26] no cabelo, enfim, parecido. E aqui é uma outra, professora no Haiti, a dois meses no Brasil, procura emprego em qualquer área, limpeza, cozinha, ou até mesmo na área da beleza, que é cabeleleiro. Ela no Haiti é professora, (inint) [00:05:46], a formação dela, mas aqui no Brasil, ela ainda não conseguiu nada, e ela procura o que aparecer, tanto auxiliar de limpeza, limpeza, cabeleleiro, essas coisas. Lê mais aqui?

F: Já está bom.

Rafael Pejão: Está bom. Vocês se identificaram com alguma, vocês acham que é bacana a gente representar, encenar, ou tem alguma outra que vocês lembraram com esses relatos e falaram "isso é mais interessante de falar".

F: Rafa, elas vão entrar. Qual seu nome?

F: (inint) [00:06:27].

Rafael Pejão: (inint) [00:06:33] no CIEJA a umas duas semanas, e nós conversamos com alguns haitianos e haitianas, e eles fizeram vários relatos contando sobre o Haiti, sobre aqui no Brasil, algumas histórias, e aqui nós trouxemos algumas histórias, alguns relatos curtos, e o que nós temos que fazer, nós temos que escolher um, ou algum outro que aconteceu, não precisa necessariamente serem esses, e a gente vai encenar, fazer um teatro pequeno, uma cena, representando um desses relatos. Não sei se vocês têm alguma coisa que vocês querem falar, comigo aconteceu isso, assim, e vocês...

Viviane Carrijo: Também a ideia de a gente contar essas coisas para a gente pensar como a gente... o que poderia ser feito nessa situação para que a pessoa superasse essa situação, o que poderia ser feito para essa pessoa viver de forma diferente, nosso teatro a gente teria que mostrar isso, essa performance.

Rafael Pejão: Além da situação, o que poderia melhorar na situação (inint) [00:07:43], que nem um dos relatos aqui, ela não conseguiu emprego, o que poderia... para mudar a situação dela.

Viviane Carrijo: Vocês têm alguma situação que vocês se identificaram, com essas situações que foram lidas?

Rafael Pejão: Alguma coisa que vocês querem falar?

F: Não.

Viviane Carrijo: Daqui a pouco ela fica falante. E vocês que ouviram as histórias, vocês têm alguma coisa para contar?

Adriana: Eu estou aqui, meu nome é Adriana, eu tenho 52 anos, estou no CIEJA de (inint) [00:08:29], muito tempo, conheço os professores, e conheço a diretora, ela é muito boa, e aqui uma história no CIEJA, é muito (inint) [00:08:47], e aqui eu já estou velha, a muito tempo no CIEJA (inint) [00:08:52]. Aqui eu estou fazendo, eu sou (conselheira) [00:08:57] daqui do CIEJA, de graça, eu estou gostando dos jovens do CIEJA. O CIEJA é muito bom para mim, aqui eu estou aprendendo a ler, escrever, tem as atividades que a professora passa, e tem muitas coisas nessa vida que a gente tem que aprender. Quando eu estava com meus pais, eu não sabia nem escola nem nada, meus pais moravam no interior, depois do interior, eu não sabia o que era escola, depois fui vendo, foi indo, depois eu me casei, tive filhos, hoje que eu estou indo para a escola para aprender, porque se a gente não aprender, você não trabalha em lugar nenhum, você tem que fazer ficha, você tem que...

Rafael Pejão: Fazer entrevista.

Adriana: Entrevista de trabalho, assinar um documento, bastante coisa, e o CIEJA ensina as pessoas, e tem muita gente que não quer ensinar, e o CIEJA (inint) [00:10:27], ele ficou vazio agora por causa da pandemia, se não fosse a pandemia, ele estava bem cheio, porque eu passei dois anos sem vir aqui, depois que eu apareci, eu falei "eu vou para lá porque eu sei que lá vou me dar bem", eu me dei bem, eu falei com a minha mãe, minha mãe falou "volta para a escola para você aprender bastante coisa", hoje eu estou no terceiro ano [00:11:06].

F: Muito legal, muito bom. Obrigada, Adriana.

Rafael Pejão: Eu acho que é uma boa contar, Vivi.

Viviane Carrijo: Tem a fala dela.

Marcelo: (inint) Não entendi o começo.

Rafael Pejão: Entendi, estava contando para ela o que ela falou.

Marcelo: É, porque elas não tinham entendido no começo, eu estou...

Adriana: Minha história é essa.

Marcelo: (inint) [00:11:30].

Viviane Carrijo: E aí?

Rafael Pejão: Não sei, acho que a dela pode ser feito, de repente pode...

Viviane Carrijo: Tem que decidir todo mundo, às vezes o pessoal daqui... e a senhora?

Rafael Pejão: O que a senhora nos conta?

F1: A gente não está (inint) [00:11:52].

Rafael Pejão: É Conceição, não é?

F1: É (inint) [00:11:56].

F: Você falou que nasceu no Piauí, não é?

Rafael Pejão: Onde é? Em que cidade é, do interior?

Adriana: A minha cidade é Batatais, interior de São Paulo. E lá só tinha roça.

F: E você veio para São Paulo com que idade?

F1: Eu não lembro, porque eu já era casada, meu esposo veio na frente, por causa de um trabalho, depois foi que ele mandou (inint) [00:12:36], no começo, (inint) [00:12:41], e o outro tinha seis. Nesse tempo, eu fiquei em casa, (inint) [00:12:54] veio para cá, pagava aluguel. Para os dois trabalharem, não dava certo, eram duas crianças para uma pessoa olhar, e eu não confiava, ele falou "eu seguro as pontas e você fica em casa, leva o filho na escola", e foi indo, eu fiquei em casa, levava eles para a escola, ia na escola saber como era, eu chegava de surpresa lá, só para eu dar uma olhada, e foi indo, e eu (inint) [00:13:39] com a escola, tinha reunião, eu era presente em todas as reuniões, eu fiquei, consegui trabalho, até quando eles começaram, eles cresceram, eu levei eles na escola até começo do ano, 13 anos.

Rafael Peirão: Primeira vez?

F1: É, e eu em casa. Os amigos dele falaram "você é"... sou a mãe da (inint) [00:14:17], e ele falava "mãe, eu estou com vergonha, porque eu já sou grande e (inint) [00:14:30]", eu sou sua mãe, e você cala a boca, é para o seu bem. Ele falou "mãe, a senhora tem que deixar (inint) [00:14:42]", e foi indo, eu ia deixar ele, até que eu confiei, mas sempre eu ia dar uma olhadinha, olhando até eles entrarem, e eu já deixei de entrar na diretoria, se eles estavam lá, é (inint) [00:15:15], podia ligar, e a diretora foi dez, ela falou "parabéns, você é uma mãe, em todas as reuniões, você nunca faltou nenhuma, nunca", e (inint) [00:15:36] já começaram a trabalhar por dia, (inint) [00:15:44], vai, trabalha, e vai para a escola, (inint) [00:15:49], hoje eles me agradeceram, porque eles seguiram reto, graças a Deus, (inint) [00:16:00].

Rafael Peirão: E aqui no CIEJA a senhora estuda?

F1: Estudo.

Rafael Peirão: E faz tempo que a senhora vem?

F1: Faz tempo, só que foi antes da pandemia, foi (inint) [00:16:14], e eu parei, quando começou a voltar, eu fiquei (inint) [00:16:21] acho que não vai dar para eu (inint) [00:16:24], já (inint) [00:16:25] bastante, e uma amiga minha falou assim "dona Maria, já começou as escolas, volta de novo", e eu falei "eu não vou voltar, porque eu já estou velha, não (inint) [00:16:40]", vai dar, e faz a matrícula. Eu cheguei aqui, já tinham tirado meu nome, não dava mais, a diretora falou "não, (inint) [00:16:56] de novo", me matriculou de novo, eu estou aqui firme e forte, e é maravilhoso. E entrando aqui daquela porta para cá, as pessoas são maravilhosas, as meninas da porta que já ficam ali, tem umas pessoas maravilhosas. A diretora, as meninas da cozinha, as professoras, o pessoal, as meninas da limpeza, elas são maravilhosas. Eu tiro o chapéu para elas

F: Você estuda de manhã, de tarde ou de noite?

F: De manhã.

F: De manhã, você?

F1: O CIEJA é minha segunda casa aqui, graças a Deus.

F: Você estuda de manhã também?

F1: Eu estudo uma hora.

F: Uma da tarde?

F1: Sim, eu vou até as duas e 45. A professora Bianca e o (inint) [00:18:02].

Rafael Pejão: Tiveram um relato aí? Vamos escutar.

Marcelo: Elas estavam me contando que no caso delas, as duas vieram do Haiti, deixaram a família para trás no Haiti para poder vir para cá buscar uma vida melhor, elas falaram, e quando elas chegaram aqui, elas precisaram muito da ajuda de amigos que estavam aqui, para encontrar casa, para se alimentar, para comprar roupa, para encontrar um trabalho, e a ideia de encontrar um trabalho é (inint) [00:18:36], se manter, não precisar tanto da ajuda dos outros, e também conseguir fornecer essa ajuda para pessoas que estão chegando, que precisam também. Elas estão relatando uma cadeia de ajuda, uma pessoa ajuda para poder dar ajuda.

Rafael Pejão: Como elas foram ajudadas, agora elas...

Marcelo: Exato, a ideia de encontrar trabalho é também poder ajudar outras pessoas que estão chegando. É um pouco isso que elas me contaram.

Rafael Pejão: Pelo trabalho, vai fortalecer...

Marcelo: Rede de solidariedade.

Rafael Pejão: Mas elas falam português? Pouco.

Marcelo: Um pouquinho.

F2: (inint) [00:19:20], mas não posso falar bem.

Vanessa Caires: Ah, fala sim.

F: Fala só um pouquinho. Sua experiência...

Viviane Carrijo: (inint) [00:19:30] as histórias de luta. Porque a pessoa é negra, porque a pessoa é mulher, porque a pessoa...

Rafael Pejão: Elas vieram de outro país, mas ela veio do interior, de outro estado, tudo é... o mesmo objetivo. Vem para cá para melhorar a vida, procurar um emprego, serem reconhecidas, com estudo.

Viviane Carrijo: Eu também vim de fora, eu não sou daqui de São Paulo, eu vim para São Paulo faz sete anos, em 2013, vai fazer nove anos que eu vim para São Paulo, também para estudar, para ter um emprego melhor, porque lá na minha cidade, lá no Mato Grosso, não tem tanto emprego, e aqui tem muito emprego, tanto que eu tenho quatro empregos, atualmente. Já tive oito, agora trabalho só em um, porque tem muito trabalho e posso ganhar um pouco melhor para ajudar minha família, que mora lá, minha mãe mora lá, tem minha mãe que trabalha desde sempre, desde quando ela jovem, 14 anos, ela me teve com 16 anos, e teve que criar três filhos sozinha, sempre trabalhando em casa de família, e agora ela é cozinheira, trabalha o tempo todo para se sustentar, que agora a gente já cresceu, a gente que ajuda ela de alguma forma, para retribuir tudo que ela nos ajudou quando nós éramos dependentes total dela. Eu me vejo também em cada um de você, nesse sentido de ter chegado aqui e encontrado várias pessoas para me ajudar, tentar agora ajudar também as pessoas que vem, que também vivem como eu, fora de casa, longe da família, é difícil, mas a gente vai encontrando caminhos para a gente conseguir vencer (inint) [00:21:56].

F1: E não parar.

Marcelo: (inint) [00:22:15].

Viviane Carrijo: E você está (inint) [00:22:20]?

Marcelo: Eu contei para ela a sua história, ela estava perguntando se quando você veio para São Paulo você veio com seus irmãos e irmãs.

Viviane Carrijo: Eu vim sozinha, só eu.

F2: Você (inint) [00:22:35].

Viviane Carrijo: Mato Grosso.

F2: Mato Grosso.

Viviane Carrijo: Isso, meus irmãos, minha mãe, meus tios, meus avós, somente eu vim para São Paulo, quando eu tinha 26 anos. Eu morei com uma família que me acolheu, eu não tinha nada, eu não tinha condições de pagar aluguel, pagar comida, foi uma senhora, ela já até faleceu, faleceu em 2020, porque ela tinha 70 anos, e eu morava com ela, na casa dela, ela falava "você não precisa pagar nada, pode só estudar", e eu só estudei um tempo, para depois (inint) [00:23:24], quando eu terminei de estudar, eu consegui ajudar.

F2: (inint) [00:23:32], é muito difícil, e (inint) [00:23:40]? (inint) [00:23:46], sua família, é difícil, aqui no Haiti, e como a pessoa pode estudar, se você tem uma outra família aqui no Brasil, mas quando você é sozinho, não posso estudar também. Eu falo nós, nós haitianos.

Rafael Pejão: Em qualquer lugar, qualquer escola?

F: No Haiti.

F2: Quando você é haitiano, aqui no Brasil, se você é sozinho, você não pode estudar primeiro.

F: Tem que trabalhar.

F2: Sim, porque você (inint) [00:24:39] família, e você é primeiro.

Rafael Pejão: Tem que primeiro se estabelecer.

F2: Sim. E se você tem outra pessoa aqui, você pode estudar, você pode fazer outra coisa, mas se você não tem, você trabalha primeiro.

Viviane Carrijo: Você passou por isso aqui, de chegar e trabalhar primeiro?

F2: Eu trabalhei primeiro, (inint) [00:25:16] uma pessoa na família, e depois estudo, (inint) [00:25:21].

Viviane Carrijo: E você? Pode falar como você quiser, se você quiser falar crioulo, sabemos que temos aqui nosso amigo.

F3: (inint) [00:25:46], eu tenho (inint) [00:25:49].

Viviane Carrijo: Não trabalha?

F3: Não.

Viviane Carrijo: Estuda?

F3: Sim.

Viviane Carrijo: E você está bem?

Rafael Pejão: Você tem família aqui?

F3: Um irmão.

Rafael Pejão: Um irmão. Seu irmão estuda, trabalha?

F3: Ele trabalha (inint) [00:26:15].

Viviane Carrijo: Você gostaria de ir visitar eles? Você pensa?

F2: Eu não tenho irmão aqui.

Viviane Carrijo: Você é sozinha aqui.

F: Sua família ficou toda lá.

F2: No Haiti.

Rafael Pejão: E vocês moram aqui (inint) [00:26:29]? Moram aqui perto?

F3: Não, (inint) [00:26:33].

Rafael Pejão: (inint) [00:26:37].

F2: Vila (inint) [00:26:41].

Rafael Pejão: Vila Aurora, é aqui no Jaraguá. E você, (inint) [00:26:42]. Perto de (Vassouras) [00:26:45]? Vassouras é um bairro que tem.

F2: Fala de novo.

Rafael Pejão: Vassouras, é um bairro perto da estação de trem.

F2: Sim.

Rafael Pejão: Perto da estação de trem.

Viviane Carrijo: E como está sozinha? Está bem? Está melhor? Está indo.

Rafael Pejão: Mais ou menos.

F2: Mais ou menos.

Rafael Pejão: E como nós vamos escolher?

F: Como mais ou menos? Você se sente sozinha aqui?

F2: Mais ou menos, porque mesmo que eu não trabalhe, não tem (inint) [00:27:36], se eu tenho um problema, a minha família está no Haiti, porque...

F: Você quer buscar sua família?

F2: Eu preciso buscar uma pessoa (inint) [00:27:52]. Eu deixei minha mãe sozinha, (inint) [00:27:57], minha irmã, meu irmão, sozinhos, (inint) [00:28:03], e são o meu problema agora.

F: Eu não consegui ouvir essa parte, você fala muito bem o português, mas é que eu não consegui ouvir direito essa parte, buscar a mãe, seu irmão...

F2: Sim, buscar minha irmã ou meu irmão, para ajudar minha mãe, e depois eu posso estudar, posso realizar muitas coisas que eu preciso realizar na minha vida.

F: Mas primeiro buscar para você se sentir realizada.

F2: Sim.

F: Completa aqui.

F2: Primeiro eu preciso buscar meu irmão ou minha irmã.

F: Você sente essa necessidade, você não estaria bem aqui se eles... você não se sente bem aqui se eles não estiverem com você.

F2: Não.

F: Não se sente. Apesar de você estar bem...

F2: Eu não tenho um da minha família comigo.

Marcelo: Ela se sentiria bem se ela tivesse alguém da família dela aqui com ela.

F: Sim, aí você estaria bem. Entendi. E você acha que está perto de trazê-los para cá?

F2: Sim.

F: Está perto de trazê-los para cá, você consegue trazê-los para cá?

F2: Não entendi.

Marcelo: (inint) [00:29:47].

F2: (inint) [00:29:50].

Marcelo: (inint) [00:29:54].

F2: (inint) [00:30:11].

Marcelo: (inint) [00:30:10]. Se você acha que você vai conseguir trazer sua família logo.

F: Para cá.

Marcelo: Se você acha que vai demorar para trazer sua família.

F2: Se minha (inint) [00:30:58].

Marcelo: (inint) [00:31:08].

F2: (inint) [00:31:10]

Marcelo: (inint) [00:31:17].

F2: (inint) [00:31:28]. Eu vou fazer um processo (inint) [00:31:33].

Marcelo: Ok.

F2: (inint) [00:31:40] posso fazer um (inint) [00:31:47] família, uma família. (inint) [00:31:54].

Marcelo: Ela disse que depende de ela conseguir encontrar um trabalho, e uma vez que ela conseguir encontrar o trabalho, ela pode dar início no processo de reagrupamento familiar, e ela consegue ajudar eles a conseguir um visto para vir, coisas assim. Mas antes ela precisa ter um trabalho para conseguir bancar esse processo. Quando ela tiver isso, ela vai estar perto de trazer a família dela, mas depende de ela conseguir o trabalho.

F: Mas ela vai conseguir sim, consegue. Se Deus quiser.

F2: (inint) [00:32:54].

Viviane Carrijo: (inint) [00:33:03].

Rafael Pejão: Eu acho que assim, que nem vocês que vieram do Haiti, (inint) [00:33:07] uma veio do interior, outra veio de outro estado, e a gente trazer, (inint) [00:33:15], é Marcelo, não é?

Marcelo: É Marcelo.

Rafael Pejão: Pegar o Marcelo (inint) [00:33:19] a serem preenchidas, e pode ser (inint) [00:33:28], na agência, ela pode ser auxiliar das agências, (inint) [00:33:37], e vocês vão preencher a ficha, a gente fala (inint) [00:33:41], chamar em breve, depois o Marcelo fala "melhor não, (inint) [00:33:45] não dá conta do trabalho, mulher não aguenta, mulher fraca, (inint) [00:33:50]"...

F: Engravidada.

Rafael Pejão: É, engravidada, depois vai ter que ficar de licença, essas coisas, e aí a Van e a Vivi já vão acolher vocês, automaticamente, quando vocês preencherem a ficha, vocês já podem começar a trabalhar (inint) [00:34:02], o que a gente falar, o contrário, elas vão dizer que não, pelo contrário, mulher é força, é resistência, é luta, toda essa questão (inint) [00:34:12], mostrar, porque (inint) [00:34:14] demorado, e acho que é tranquilo para (inint) [00:34:18]. Não sei se todo mundo... (inint) [00:34:23].

F2: (inint) [00:34:26].

Rafael Pejão: É porque eu falei rápido. É assim, vocês entenderam? Vocês vão estar indo em uma agência, primeiro passa por nós quatro, vão chegar lá, (inint) [00:34:40], preencher a ficha para emprego, eu e o Marcelo a gente é da agência, uma agência, e vai ser a Van, a Vivi, de outra agência, e vocês vão primeiro na nossa, e chega lá, (inint) [00:34:57], preencher a ficha, você fala "(inint) [00:35:01] estudar", e vocês falam "eu estou estudando no CIEJA", pode falar, e (inint) [00:35:08] procurando emprego, e eu falo o que é, e se vocês quiserem falar qual a profissão, legal, vocês vão falar, vão preencher. A gente pega as folhas, vocês preenchem, entregam, vocês vão sair, fica eu e o Marcelo, a gente vai comentar "só vem mulher procurar emprego, não vamos dar emprego para elas, porque mulher não aguenta o trabalho, mulher é fraca, mulher engravidada, aí vem essas haitianas também", e a gente vai chicotar. Aí a gente sai, entra a Van e Vivi, e vocês entram, falam "vim procurar emprego", elas vão falar para preencher a ficha, elas falam "amanhã vocês vão trabalhar, vocês já começam amanhã no emprego", e elas vem falar, vocês podem comentar, foram em outra agência, os homens lá não gostaram, falaram que a gente não é legal, que mulher não é boa para trabalhar, que mulher não presta, essas coisas, e vocês falam para elas "obrigada por vocês terem recebido a gente, a gente vai começar a trabalhar amanhã", é isso. Você conseguiu entender? (inint) [00:36:24].

F: Vamos comer.

Rafael Pejão: Vamos comer agora. Quer comer, pode comer ali, um suco. (inint) [00:36:38], junta com ela.

F: São umas graças.

Vanessa Caires: Vamos comer, estou com fome.

F: Continuar gravando. Aqui no Brasil...

[00:37:00]

GRUPO 3:

Mônica Lemos: Jean amava o Brasil, mas, muitas vezes, (inint) [00:01:22] dia e da noite no quarto, com o rosto enfiado no travesseiro. Naquele quarto, havia nove homens, todos como ele, vieram para recomeçar a vida no Brasil. Desde menino, ele ouvia os soldados brasileiros falando do quanto o Brasil era bonito, e que lá, os homens podiam estudar e trabalhar. Com muito sacrifício, ele conseguiu viajar, e um primo que já estava no país arrumou um emprego para ele, fez amigos e até estava gostando de uma brasileira que tinha o rosto cheio de pintinhas, e o (inint) [00:02:01], mas as coisas eram muito difíceis as vezes, e a saudade de seu país, sua família, e seus amigos, apertavam mais. À noite, Jean chorou mais alto, e seu coração não quis se acalmar. No trem para o (inint) [00:02:22], uma pessoa branca o afastou com as mãos, com raiva, e (inint) [00:02:28], não sabia que não gostavam de pretos no Brasil.

Marina Melo: A gente vai encenar...

Fernanda Liberali: A gente vai primeiro conversar. O que vocês leem disso? Eu (inint) [00:02:50] falar do (inint) [00:02:51], a gente fica (inint) [00:02:51], porque quando eu vim morar em São Paulo sozinho, lógico que não era (inint) [00:02:58], mas era muito duro pensar que eu não conhecia ninguém, na rua, no (inint) [00:03:04], a minha família estava longe, lá (inint) [00:03:07] São Paulo para o Rio são só seis horas, mas eu (inint) [00:03:10] muito, éramos eu e meu marido, mas doía muito, porque eu não conhecia os lugares, eu não conhecia as pessoas, eu não tinha ninguém, e nisso foi muito difícil para mim, eu senti como se eu tivesse saído do mundo e entrado em um espaço que...

Marina Melo: Em um outro planeta.

Fernanda Liberali: E olha que a gente falava a mesma língua, estava a seis horas da minha família, dos meus amigos, mas (inint) [00:03:46]. Você deve ter tido...

Mônica Lemos: Eu tive dois jeitos, primeiro, as histórias que meu pai conta, de quando ele chegou aqui em São Paulo, e acho que a gente teve essa relação quando a gente mudou para cá, de São Paulo, para cá, para (inint) [00:04:04], e a gente tinha deixado a nossa família lá, primeiro, já tinha isso, de eles terem deixado a família deles no Ceará, no Nordeste, porque (inint) [00:04:13], e quando a gente mudou para cá, a gente não tinha nossa família perto, e era difícil para tudo, de a gente sentir frio, não ter (inint) [00:04:26], e isso do preconceito também, a gente sair daqui para ir para São Paulo, e a dificuldade que era se relacionar em São Paulo, a gente falava ir para São Paulo, a gente até hoje fala, sair daqui de Caieiras para ir para São Paulo, e a outra é de vir de fora, eu lembro dos primeiros dias que escurecia três, quatro da tarde, e o inverno tinha (inint) [00:04:52], e eu ficava pensando, era eu, Fernando e Clara, e eu ficava pensando o que a gente veio fazer aqui, e não tinha ninguém, a gente tinha as relações, mas era muito diferente de ter uma pessoa que está perdida (inint) [00:05:06] mas não tem o afeto que a gente tem na casa da gente, essa era uma questão, e eu chorava, porque eu tinha muito cuidado, eu tinha que cuidar de mim e eu tinha que cuidar dos outros e de uma criança pequena, e eu sempre falo, tinha que cuidar de marido, de (inint) [00:05:27], e de uma criança pequena.

Marina Melo: Esse (inint) [00:05:30].

Mônica Lemos: (inint) [00:05:32].

Fernanda Liberali: Como foi para você?

Mônica Lemos: A chegada e depois (inint) [00:05:35].

M1: Essa situação é (inint) [00:05:40], porque quando você sai de (inint) [00:05:49] de nascimento, você vai encontrar muitas situações difíceis, (inint) [00:05:58], eu vim, não me senti (inint) [00:06:06], o primeiro (inint) [00:06:09], e não sei nada de língua, é difícil para mim, e eu não tenho (inint) [00:06:21] isso, porque está (inint) [00:06:24], e essa situação, eu repetia diariamente.

Mônica Lemos: E o que será que faz a gente ficar e não quer voltar?

M1: O que você disse?

Mônica Lemos: O que faz a gente ficar, porque quando eu falo de vir para cá, de morar aqui em Caieiras, faz 40 anos que minha família vive aqui, os meus amigos hoje estão aqui, a minha família hoje está aqui, a minha raiz é aqui. Mas levou-se um tempo para que isso fosse construído, então...

Fernanda Liberali: Demorou.

Mônica Lemos: Demorou, a gente nunca sentiu desejo de sair. O que faz a gente querer ficar? A Fê não voltou a morar no Rio, volta para o Rio, mas não mora no Rio.

Fernanda Liberali: Eu moro em São Paulo, nunca mais voltei para o Rio, nunca mais. Você também, cá em São Paulo, não volta para o Haiti, por quê?

M1: Primeiro, a psicologia de (inint) [00:07:38] da situação do país, e quando você (inint) [00:07:45] uma outra coisa...

Fernanda Liberali: É isso.

M1: Quando você... como posso dizer isso... meu Deus.

Fernanda Liberali: Explica e a gente entende. Bem-vindo. Cris, Lari, recebe nosso colega que chegou, por favor. Conta de novo, explica (inint) [00:08:28]. Tem a questão psicológica.

M1: Isso, e quando você sai, vou dar um exemplo, quando você sai, quando você viaja, (inint) [00:08:43], você vai por um motivo, e como (inint) [00:08:50].

Fernanda Liberali: Sim, mas não é fácil.

M1: Não, o primeiro é (inint) [00:09:00] da psicologia, e (inint) [00:09:03] força e (inint) [00:09:07].

Fernanda Liberali: E eu acho que também conexão com as pessoas, criar laços com as pessoas, você não acha? Fazer amizades?

M1: (inint) [00:09:19].

Fernanda Liberali: Isso.

M1: Quando você entra em (inint) [00:09:35] comunidade, é (inint) [00:09:38] e (inint) [00:09:40], para tentar (inint) [00:09:45].

Fernanda Liberali: Sim, a sensação que eu tenho é que o que me mantém aqui, é que eu tenho laços de amizade muito fortes, e hoje eu tenho uma comunidade que me apoia, e que me acolhe, que está junto, e isso me ajuda a (inint) [00:10:12] aos poucos esse lugar se torna meu.

M1: Isso não é fácil, e...

Fernanda Liberali: Demora.

M1: (inint) [00:10:24] quando você chega e não tem uma comunidade, você vive e (inint) [00:10:38], como (inint) [00:10:43], e você vai (inint) [00:10:48].

F: O que é muito positivo para você, (Morato) [00:10:54]?

M1: O ponto positivo é fé em Deus, e em segundo, valores de cada um.

Marina Melo: O que é ruim aqui no Brasil?

M1: Para mim, nada é ruim, porque (inint) [00:11:22] para fazer tudo bom, e não tem nada ruim, somos nós que (inint) [00:11:39].

Mônica Lemos: Você está aqui a quanto tempo?

M1: Já tem um ano.

F: E você fala português muito bem.

M1: (inint) [00:11:51].

Fernanda Liberali: Muito pouco tempo.

M1: Estou aprendendo com cada um de vocês, isso e (inint) [00:12:04], e todos os brasileiros, porque quando eu cheguei aqui, todo (inint) [00:12:16], são minha família, depois (inint) [00:12:21], porque a gente (inint) [00:12:28], e como ouvir e (inint) [00:12:37] ... dizer isso.

Mônica Lemos: Que língua você fala?

M1: Francês, espanhol e crioulo, é minha língua maternal.

F: Je parle (inint) [00:12:59] du français.

M1: Vous parlez un peu du français.

F: Oui, je parle. (inint) [00:13:06]. Mais je comprends.

M1: (inint) [00:13:11]. Très bon.

Fernanda Liberali: E vocês duas, tiveram experiência assim?

Marina Melo: Tenho na minha família, mas não minha, a minha avó é nordestina e minha mãe e minha tia também, mas elas vieram pequenininhas, com dois, três anos de idade. A minha avó, quando veio para cá, sofreu muito, porque ela estava lá em Recife, na verdade, era uma cidade pequena que chama Agrestina, perto de Recife, que é no nordeste do Brasil, e ela se casou com um homem que é o meu avô, que é um bancário, muito rico, que estava fazendo negócios em Recife, e ele ia voltar para São Paulo, ela saiu da família dela para vir para São Paulo morar com ele, e ela odiou, ela odiava isso aqui, toda vez ela queria voltar, sentia frio, sentia muita saudade dos irmãos, muita saudade da mãe dela, teve algumas vezes que pegou minha mãe e minha tia e voltou, ficou alguns meses lá, mas meu avô foi lá buscar ela de volta, mas por ela, ela não queria ficar aqui, ela tinha a sogra que era difícil, tinha a cunhada que era difícil, que ficava achando que ela estava de frescura, que não amava meu avô, e ela mesma falava para o meu avô que ela se arrependeu, ela falou "eu me arrependi de ter casado com você, eu queria ter ficado com a minha mãe", mas hoje ela não volta de jeito nenhum, lógico, depois de 50 anos, tem as netas aqui, e os irmãos todos lá, mas ela não volta de jeito nenhum, ela não quer sair daqui agora, por causa das netas.

Fernanda Liberali: Mas isso é muito difícil, Lu viveu isso.

Marina Melo: Achava a cidade muito feia, muito ruim, não entendia nada, ficava com as crianças andando sozinha na cidade, meu avô trabalhando o dia inteiro, e ela se virando sozinha, não sabia fazer nada, ela mesma fala, ela não cozinhava, não lavava, não fazia nada, não sabia mexer com dinheiro, teve que aprender tudo sozinha.

Fernanda Liberali: Eu vou segurar para você falar.

Luciana Kool: Eu tenho uma experiência de família também, na verdade, porque é só eu mesma, de pai, mãe, não, só mais longe, mas minhas irmãs não moram no Brasil, eu tenho um irmão que mora na França, outro mora nos Estados Unidos, não tem ninguém aqui perto, só meu pai e minha mãe.

Fernanda Liberali: Você foi abandonada, você foi a que ficou.

Luciana Kool: Eu que fui abandonada.

Fernanda Liberali: Essa também é uma sensação bem ruim. Eu não estou dizendo que é igual, mas meu filho saiu de casa agora mês passado, a sensação que eu tenho é a mesma que eu tive quando eu casei e vim para cá, ele mora a cinco quadras da minha casa, meu filho...

Luciana Kool: E eu estou morando (inint) [00:16:16] os dois saíram.

Fernanda Liberali: Cinco quadras, mas a minha sensação é como se ele estivesse morando em outro planeta. É muito duro olhar o quarto dele sem ele, as coisas dele, dá uma saudade (inint) [00:16:31], é horrível, sofrendo.

Luciana Kool: O meu também, os meus dois filhos, e os dois saíram, foram morar fora. Primeiro eu não queria fazer nada, vou só trabalhar, vou (inint) [00:16:53], trabalhar, (inint) [00:16:55], agora eu arrumo programas.

Fernanda Liberali: A gente tem que fazer coisas para não ficar sofrendo, encontrar nos outros formas de lidar com a dor também, da saudade.

Luciana Kool: Conhecer pessoas, outras histórias.

Mônica Lemos: Você tem grupos de amigos?

M1: Grupo?

Mônica Lemos: É, aqui. Você faz o que no fim de semana?

M1: Eu (inint) [00:17:19] minha casa, e é muito bom.

Fernanda Liberali: Uma outra coisa dessa história, eu acho (inint) [00:17:30].

Luciana Kool: Você lê em português, você lê coisas daqui?

M1: Eu (inint) [00:17:37] português e francês também.

Luciana Kool: Mas você lê mais na outra língua.

Mônica Lemos: Quando eu morei fora, eu vivi algumas situações, (inint) [00:17:49], e ele é bem alto, loiro, eu chamo ele de galego, a gente tinha algumas experiências, as vezes a gente ia para os lugares, e as pessoas perguntavam para mim "por que você veio morar aqui? Por que você veio morar aqui com ele?", ou encontrar brasileiros, eu comprar alguma coisa que era típica do Brasil e a pessoa falar para mim "você acha que seu marido vai gostar disso? Normalmente os estrangeiros não gostam", ou "onde é que ele aprendeu a falar português tão bem?".

Fernanda Liberali: Acharam que ele fosse holandês, ou alemão? E você não...

Mônica Lemos: Eu era brasileira com todos os estereótipos de brasileira, a brasileira que foi arrumar um gringo fora.

Fernanda Liberali: É preconceito, como do exemplo.

Luciana Kool: Isso acontece lá fora também.

Mônica Lemos: E eu não tenho essa questão da pele porque (inint) [00:18:48], mas me feria muito estar vivendo uma situação de... primeiro que não era, se fosse, se eu tivesse escolhido, ninguém tinha nada a ver com isso, mas não era assim que a nossa família se constituiu.

Luciana Kool: Meu marido, quando está fora do país, é super bem recebido, e as vezes não é sempre a mesma coisa, ele começa a falar, vê que não é de lá, mas é diferente.

Fernanda Liberali: Você já sofreu preconceito aqui? Preconceito?

M1: Não.

Fernanda Liberali: Não? Porque muita gente tem aqui, porque a pessoa é negra, porque a pessoa é mulher, porque a pessoa é homossexual, porque a pessoa não sabe falar português. Teve uma moça, ela é boliviana, ela contou para a gente do problema que ela teve durante a pandemia, porque ela precisou ir no hospital e ninguém conseguia falar com ela, ela fala espanhol, está pertinho do português, e os médicos e as atendentes não atenderam ela, ela resolveu que ela não ia mais para o hospital, se estivesse precisando de ajuda para a Covid, ela ia ficar em casa, porque os médicos não se importavam de conversar com ela, de explicar para ela, porque não entendiam a língua dela. É muito preconceito.

M1: E para mim essa (inint) [00:20:16], porque preconceito e (inint) [00:20:24] as pessoas, e é obrigatório para todas as pessoas o respeito.

Fernanda Liberali: Sim, mas nem todo mundo respeita.

M1: E essa situação não teve para mim.

Fernanda Liberali: Que bom.

Luciana Kool: Você estuda aqui, mora perto daqui?

M1: Eu moro aqui na (inint) [00:20:44].

Luciana Kool: Mora aqui. E trabalha aqui?

M1: Em Barueri.

Luciana Kool: Você vai de trem?

M1: Isso.

Fernanda Liberali: Tem mais uma historinha, vamos ouvir mais uma?

Mônica Lemos: Ela está sempre sorrindo, e parece muito feliz, mas depois de algumas semanas, quis conhecer melhor a moça linda que não falava muito bem português. Sentei perto dela na hora do almoço, nos fundos da loja em que trabalhávamos, eu era vendedora, e ela, auxiliar de serviços gerais. Ela sempre chegava cedo, arrumava tudo, tudo que era pedido, sempre que eu reparava, ela estava sorrindo e cantando baixinho. Nunca consegui entender as músicas que eram em outra língua. Naquele dia, ficamos só nós duas no almoço, e falei com ela qualquer coisa sobre (inint) [00:21:37], só para puxar conversa. Sarai abriu um grande sorriso,

e falou que estava com um pouco de frio, e que de onde ela vinha não fazia tanto frio. Pronto, consegui uma abertura para conhecer um pouco mais da minha colega estrangeira. contei para ela que eu nunca tinha saído de São Paulo, e não conhecia nem outras cidades e outros países. Ela me contou que seu país era lindo, mas que onde ela morava havia muita pobreza, e ela e o marido ficaram muitos anos sem trabalho. Depois de juntar dinheiro por três anos, os dois conseguiram vir para o Brasil para melhorar de vida. contei que eu também vinha de um bairro pobre, e que pegava dois ônibus e um metrô para chegar na loja, perto da Estação da Luz, e demorava muito para chegar em casa, mas que esse emprego foi o que consegui arrumar depois que meu marido tinha morrido, e eu precisava levar comida para os meus filhos e para a minha mãe. Sarai arregalou os olhos e disse "eu também tenho filhos, meu coração dói toda hora, eles ainda não vieram para o Brasil, estou muito preocupada, porque deixei eles com a minha tia, mas ela morreu dessa Covid e eles estão com uma vizinha". Seus olhos grandes e lindos encheram de água e derramaram grossas lágrimas silenciosas, só o senhor para cuidar dos meus meninos. Abracei Sarai e ficamos abraçadas um tempo, como se fôssemos grandes amigas. Naquele dia, passei a tarde toda pedindo a Deus que cuidasse das nossas crianças.

Fernanda Liberali: Esse é... essa é uma história bem difícil.

Mônica Lemos: Eu tive uma experiência... de novo, quando eu vim com a minha família morar para cá, primeiro que não tinha transporte público, então a gente andava mais ou menos meia horas, entre meia hora e quarenta minutos para pegar ônibus, e minha mãe começava a trabalhar em São Paulo às seis, então, a gente saía de casa três e meia, quatro da manhã, e não tinha asfalto, então a gente andava na lama, eu lembro da minha mãe (inint) [00:23:53] meu sapatinho, e eu subia de chinelo, andava de chinelo, e uma das vezes eu perdi o chinelo na lama e na chuva, e ela também não aguentava me carregar, e eu me lembro, eu tenho essa cena de andar na lama, e a minha mãe carregando, nesse dia, quando eu cheguei aqui, eu ficava com a minha avó, em São Paulo, quando eu cheguei, minha avó falou "vocês não vão mais fazer isso com a menina, ela vai morar comigo, e vocês continuam nessa vida, ela vem morar comigo", a partir disso, eu comecei a morar com a minha avó, e morei seis anos com a minha avó. Meus pais moravam aqui e eu morava com a minha avó, e eu via meus pais no fim de semana. E era difícil para nós todos, é lógico que eu tinha o amor de avó e de avô, e de tios, mas não era a mesma coisa de mãe e pai. Eu tenho isso da distância.

Luciana Kool: Você e sua família, você veio com eles para cá? Você veio com sua família?

Fernanda Liberali: Só você ou (inint) [00:25:01]?

M1: Só eu, e eu tinha meu primo que (inint) [00:25:11].

Luciana Kool: Você tem filho?

M1: Não.

Luciana Kool: É diferente.

Fernanda Liberali: A gente quando é o filho, é tudo, é difícil, mas quando a gente é o pai... tem uma coisa, o filho não escolheu ser nosso filho, mas nós escolhemos ser mãe e pai daquela criança, é de rachar o coração.

Mônica Lemos: Você tem irmãos?

M1: Tenho dois irmãos e uma irmã.

Mônica Lemos: São mais jovens ou mais velhos que você?

M1: Jovens.

Mônica Lemos: Eles ficaram ou vieram? Eles ficaram lá no Haiti ou vieram com você?

M1: Eles ficaram no Haiti.

Mônica Lemos: E seus pais?

M1: Estão lá também no Haiti.

Mônica Lemos: Sua família toda lá.

Luciana Kool: Você gostaria de ir lá visitar eles? Você pensa, faz planos, de ir visitar eles no Haiti? Ir para o Haiti visitar?

M1: Isso... (inint) [00:26:28], quando você saiu, você deixou sua família, pensando na volta, e agora, (inint) [00:26:46], são uma outra forma, a gente (inint) [00:26:51].

Fernanda Liberali: Eles vêm, você acha que eles vem?

M1: É, acho que isso é melhor para mim.

Mônica Lemos: Você fala com eles pelo telefone, por vídeo?

M1: Todos os dias.

Luciana Kool: Isso é bom.

Fernanda Liberali: A gente precisa começar a pensar na nossa cena, que cena nós vamos fazer. Enquanto vocês vão começando, eu vou só passar para avisar.

Luciana Kool: Tem uma ideia para a gente fazer uma cena da nossa conversa, como foi essa escrivência, a gente criar a nossa.

M1: Como eu falei...

Luciana Kool: Você está mais fresco, você só tem um ano aqui, você que tem que dar a ideia.

M1: Como eu falei, nada não faz, não é difícil, depende da...

Luciana Kool: O que a gente pode fazer diante disso, fala uma experiência sua para a gente fazer.

M1: (inint) [00:28:02] complicado.

Marina Melo: Tem alguma experiência do seu trabalho, do local onde você vive, que você gostaria de contar?

M1: (inint) [00:28:08]?

Marina Melo: É, alguma coisa que aconteceu com você no trabalho, onde você vive, que você gostaria de falar, ou com algum amigo seu.

Fernanda Liberali: Alguma coisa bacana, alguma coisa que nesse vir para o Brasil tenha sido forte para você.

Mônica Lemos: Que você queira mostrar em alguma cena.

Fernanda Liberali: Pensa assim, pensa uma coisa que aconteceu para você, que foi tão bom que você gostaria que as outras pessoas também pudessem vivenciar (inint) [00:28:38]. Uma coisa boa, com as outras pessoas.

M1: (inint) [00:28:52], no meu trabalho, tinha um (inint) [00:28:59] que falou isso, você é diferente de todos esses haitianos, e (inint) [00:29:13], eu falo, e você escuta, e você tem (inint) [00:29:19], é diferente dos outros, ele disse para mim, isso não (inint) [00:29:33], porque (inint) [00:29:35] respeita a todos, e minha família contribui muito, e assim eu vou aprendendo diariamente para melhorar minha situação.

Fernanda Liberali: Talvez a gente pudesse fazer isso, essa cena do respeito, da mãe falando para você "precisa respeitar", e depois você no trabalho e a pessoa dizendo para você "como você é diferente", e você responde assim como você respondeu aqui, pode ser essa a nossa cena, a importância do respeito, que a gente aprende com a família, na nossa casa, e depois a gente leva para os ambientes. Você acha bom?

Luciana Kool: Com o que você trabalha? O que você faz no trabalho?

M1: Eu estou trabalhando (inint) [00:30:33], na separação dos produtos.

Fernanda Liberali: Vamos pensar quem vai ser a mãe, fala de novo seu nome para eu falar certinho. Seu nome.

M1: (inint) [00:30:48].

Fernanda Liberali: (inint) [00:30:49]. Quem vai ser a mãe do (inint) [00:30:50]? Na cena. Escolhe sua mãe, quem vai ser sua mãe na cena.

M1: (inint) [00:30:57] tem um (inint) [00:31:00] da minha mãe.

Fernanda Liberali: Eu? Ah, que bom, meu filhinho, estou precisando de um filho.

Mônica Lemos: E como chama a sua mãe?

M1: (Guilandi) [00:31:11].

Fernanda Liberali: Obrigada (inint) [00:31:17], estou precisando disso, você nem imagina.

Luciana Kool: Tem um jeito de chamar a mãe?

Mônica Lemos: Como chama a mãe?

Fernanda Liberali: Como você chama sua mãe?

M1: (Guilandi) [00:31:26].

Fernanda Liberali: É? Você não chama de mãe?

M1: Amor, (Guilandi) [00:31:32], meu amor.

Fernanda Liberali: Então eu quero que me chame assim, eu vou ser a mãe.

M1: Vou ter que mostrar a foto.

Fernanda Liberali: (inint) [00:31:51].

Mônica Lemos: Que bonita.

Fernanda Liberali: Eu quero um chapéu.

Luciana Kool: A cor do olho, acho que (inint) [00:32:11].

Fernanda Liberali: Que linda.

Fernanda Liberali: Bem-vindo, tudo bem? Vem para cá, a gente está fazendo a
cena.

M1: (inint) [00:32:27].

Mônica Lemos: Eu esqueci seu nome.

M2: Oni.

Mônica Lemos: Oni.

Luciana Kool: Até que é fácil, (inint) [00:32:41] e Oni. Às vezes é difícil. A gente
vai fazer uma cena, Oni.

Fernanda Liberali: Eu vou ser a mãe do (inint) [00:32:52], porque eu pareço
com ela. É verdade, mostra para ele sua mãe.

M1: A minha mãe?

Fernanda Liberali: Eu estava precisando tanto disso. Eu estou em uma fase
dura de perda de filho, é quase perda de filho único.

F: Seus filhos estão no Rio?

Fernanda Liberali: Não, ele está a cinco quadras da minha casa, mas ele não
está no quarto dele. É ruim para caramba, ele não está lá todo dia, não está lá para
encher o saco.

Luciana Kool: A sua prima está aqui com você?

M1: Não.

Fernanda Liberali: Então, a gente vai fazer uma cena de teatro, eu vou ser a
mãe dele, ensinando ele o respeito, e vocês tem que ser...

Luciana Kool: Do trabalho.

Mônica Lemos: A gente pode ser do trabalho.

Luciana Kool: É uma cena que ele já viveu, a gente vai representar.

Fernanda Liberali: Vocês podem ser os colegas de trabalho e uma pessoa vai
ser o chefe. Quem vai ser o chefe, quem parece mais com seu chefe aqui dos quatro?

M1: Meu chefe?

Mônica Lemos: É, a pessoa que fala para você.

Luciana Kool: Que fala para você que você é diferente.

M1: Ela.

Fernanda Liberali: Vai ser a chefe.

Fernanda Liberali: Qual é o nome do chefe?

M1: Meu chefe? É um homem.

Mônica Lemos: Não tem problema.

M1: (Kalei) [00:34:18].

Mônica Lemos: (Kali) [00:34:19]?

M1: (Kalei) [00:34:20].

Luciana Kool: (inint) [00:34:23]?

M1: Não.

Fernanda Liberali: Então é (inint) [00:34:27].

Luciana Kool: Mas é o que, não é brasileiro.

M1: Lá no local do meu trabalho, ele é o brasileiro.

Fernanda Liberali: Então a gente faz assim, como a gente vai começar, começa comigo com ele, eu falo....

Mônica Lemos: Telefone, talvez?

Fernanda Liberali: Não, antes, ele pequeno, eu falo, eu vou fazer a cena como se você estivesse (inint) [00:34:57] no Brasil, vocês vão ser os trabalhadores do (inint) [00:35:02], está todo mundo lá armazenando (inint) [00:35:05].

Marina Melo: Vai ter que mostrar como faz o seu trabalho.

Fernanda Liberali: Como faz, como armazena. Chega a Mônica, chama o (inint) [00:35:12] para um canto, vai falar com você, e você dá a resposta que você deu para a gente, pode ser?

M1: Sem problema.

Fernanda Liberali: Beleza, bate aqui. Meu filhinho. Tudo certo? Você chegou depois, mas tem que pegar o jeito, pegou o jeito? Pegou?

Luciana Kool: Mostra como é o trabalho.

Fernanda Liberali: Vão trabalhar os quatro juntos. Falou? (inint) [00:35:41] e palhaçadas que a gente fez antes, mas (inint) [00:35:43]. Vamos lá. Vamos lanchar agora, minha gente.

Marina Melo: Para a gravação?

Luciana Kool: Para.

[00:36:03]

GRUPO 4:

Christiane Novas: E o que a gente faz pra tornar, não necessariamente a história inteira, mas ela é parte de histórias de pessoas diferentes. E aí ela se torna uma escrivência. Por isso que chama escrivências mesmo, né. A partir da vivência das pessoas, a gente escreve uma história a partir disso.

F1: Me vem uma ideia de coragem. De sair do seu país, de deixar a sua família. É uma atitude muito corajosa.

Daniela Pelossi: É eu não consigo imaginar, eu não teria essa coragem. De sair e deixar dois filhos. Pra mim isso é o que mais... pensar em viver longe do meu filho, é difícil.

Christiane Novas: Pensar nisso, faz a gente pensar que se a pessoa fez dessa forma é porque ela chegou num lugar...

Daniela Pelossi: Muita coragem, né.

Christiane Novas: Ou também porque ela se via sem opção. Tipo, a minha opção é essa. Eu tenho que ir lá, porque se eu não for...

Daniela Pellossi: E ajuda os filhos, não é um abandono, é uma forma de ela ajudar, mas para mim, seria muito difícil ficar longe.

Christiane Novas: Realmente, é um extremo de uma forma de cuidado.

Daniela Pellossi: Tem que ter muita coragem.

Christiane Novas: Você vai ter que passar por cima de tudo que você acredita como mãe, para poder dar o melhor que você pode, em qualquer instância.

M1: Eu morei fora seis anos, e saí do Brasil, saímos do Brasil por serviço, por trabalho, por coisas praticamente certas naquela hora, e mesmo assim, era tão difícil, isso de ter que deixar tudo para trás, desmanchar a casa, vender as coisas, eu fico pensando, como deve ser terrível, por pior que a situação no seu país esteja, você chegar ao ponto de ter que procurar um outro lugar porque você simplesmente não tem nada e fala "eu vou tentar uma coisa melhor para a minha vida", eu fico imaginando como deve ser, não dá nem para imaginar o que passa na cabeça da pessoa fazer isso, porque como eu disse, a minha experiência já foi ruim, nesse aspecto, tem a parte burocrática, você tem que prestar contas toda hora.

Christiane Novas: E você foi sozinho, quando você foi?

M1: Eu fui com a minha esposa e a minha filha, a gente ainda fomos nós três, mas mesmo assim, é pesado morar fora do seu país, é pesado, você perde a sua identidade, você perde todas as suas relações, isso é uma coisa que pesou para mim.

Daniela Pellossi: Alguém mais?

F2: Eu acho também muito difícil, as vezes você ter tudo ali, no mesmo tempo, você se vê sem nada, você tem que largar tudo que você tem, de repente, você acaba não tendo nada, e você tem que sair para tentar a vida em outro país, e deixar a família, deixar as vezes quem é casado, as vezes tem que deixar a mulher, os filhos para tentar a sorte em outro país, e eu acho que também é muito difícil, mas é a vida, é a realidade, e (inint) [00:03:44], é isso.

Sandra Santella: Eu acho que as meninas estavam comentando da coragem, acho que não é só coragem, é uma força de viver, uma força de vida, e o que a Dani comentou toca muito comigo, que é essa coisa da maternidade, mas eu acho que é uma forma de amor transcendental, que é você deixar aquele seu apego de mãe, de querer o filho para si, querer estar perto, querer cuidar, e você fazer um ato que seja talvez maior do que isso, que é buscar alguma coisa que vai...

F: Ajudar no futuro dele.

Sandra Santella: Vai ser uma superação de vida, das dificuldades, para esse filho que você deixou. Então, eu imagino que como a Dani contou na história, que todas as mães sofrem, mas eu acho que essa atitude talvez seja muito maior do que o que eu seria capaz de fazer.

M1: A gente não pode julgar.

Daniela Pellossi: Não foi nesse sentido que eu falei, é uma situação muito difícil, eu não sei se eu teria essa coragem, mas é...

Sandra Santella: São situações extremas.

F: A gente só acha essa coragem quando a gente realmente está vivendo ela, a gente só parte dali. Ela está falando aqui.

F2: Eu tive isso.

Christiane Novas: Conta para a gente um pouquinho, você gostaria de compartilhar?

F2: Quando eu namorava com o pai das minhas filhas, eu tive que ir embora com ele, sair daqui, deixar minha família, e ir lá para a terra dele, levei duas filhas, eu não criei elas, e já vim grávida da terceira, tive a quarta, que era dele também, ele acabou não assumindo, eu tive que dar a criança, agora depois de 30 anos eu consegui encontrar ela, e foi muito difícil, deixei duas lá, e essa eu tive que dar. Essa história me comove muito, é difícil.

Christiane Novas: Te toca em um lugar muito especial.

F2: Muito, e tem muita...

F: E as que a senhora deixou lá, a senhora conseguiu reencontrá-las?

F2: Sim, eu consegui, hoje em dia elas tem contato comigo, uma eu já reencontrei, e essa que eu dei também eu já reencontrei, agora tem a mais velha que eu nunca reencontrei ainda, mas eu tenho fé que ainda vou conseguir. É difícil.

Christiane Novas: As irmãs entre elas não têm contato?

F2: Tem, todas tem.

Christiane Novas: É só questão de tempo. Que história. É o que ela falou, é muita superação, você supera todos os dias, para lidar com uma situação tão difícil, eu agora com o bebezinho que está aqui, eu fico pensando como é difícil, é coragem, é resistência, luta, e é admirável, porque tem um motivo maior para você fazer isso, realmente, não é algo nem um pouco fácil.

F2: Só em pensar que elas cresceram longe de mim, foram criadas lá, é meio complicado.

Christiane Novas: Obrigada por compartilhar com a gente sua história, a gente cresce mais, a gente nem imagina o quanto a gente cresce escutando uma história real.

F2: (inint) [00:07:29].

Christiane Novas: Aqui elas também são, a gente vê que não estamos sozinhas, é uma (inint) [00:07:38] humana, se alguém precisou estar ali, é porque é humano, é muito importante.

F2: (inint) [00:07:51], e está sozinha. Eram todas pequenas, uma tinha um ano e cinco meses, e a outra tinha cinco meses, (inint) [00:08:04].

Christiane Novas: Você lembra do seu sentimento na época? Você conseguiu chegar aqui...

F2: Eu tentei trazer elas, só que o avô não deixou, o avô não deixou eu trazer, e o pai (inint) [00:08:16].

Christiane Novas: Até isso, como mulher, como a gente também, mesmo sendo a mãe, não pode trazer.

F2: Eu era de menor, ele não ia deixar mesmo eu viajar com duas crianças, mas eu tinha (inint) [00:08:35], e eu (inint) [00:08:38].

Christiane Novas: Eram suas filhas.

F2: Mas ele não deixou. Uma ainda, a segunda, ainda quis me conhecer assim, ela veio de lá para cá para a casa do pai dela, e da casa do pai dela ela veio me conhecer, agora a outra, como nunca tinha condições, não vem, mas eu estou prestes a ir lá, em nome de Jesus.

Christiane Novas: Que bom, vai sim, vai dar certo.

F2: Eu creio, em nome de Jesus, vai dar certo.

Christiane Novas: É Piauí? Onde fica, onde elas estão?

F2: Elas estão no Ceará.

Christiane Novas: Não sei por que eu falei Piauí, acho que alguém falou que era do Piauí.

F2: O meu marido quer, esse pai dos meus filhos, (inint) [00:09:29], ele está querendo que eu vá no Piauí, se eu for morar no Piauí com ele, eu vou levar só as duas crianças, e a minha família vai ficar toda aqui, os outros filhos.

Christiane Novas: Aí viria de novo essa história que a gente falou, de se afastar da família, e reconstruir, assim como ele viveu seis anos também.

F2: Para depois voltar de novo.

Christiane Novas: Como é seu nome?

F2: Conceição.

Christiane Novas: Obrigada por compartilhar com a gente.

F3: A parte mais difícil, que nem ela, ela pode as vezes demorar um tempo, ela pode reencontrar a filha, as filhas dela, já no meu caso, (inint) [00:10:17] dois filhos, tem a menina e (inint) [00:10:19], e o menino, 19 anos, ele faleceu, (inint) [00:10:26], eu não tenho mais como encontrar ele, ela já pode encontrar as filhas dela para (inint) [00:10:35], se abraça (inint) [00:10:38], mas eu (inint) [00:10:45] porque hoje eu superei a perda do meu filho, e foi uma época de Natal, um dia de Natal, estava todo mundo comemorando o Natal, e eu comemorando uma dor, que eu sabia que não ia ver meu filho ali, mas eu só tenho que dizer muito (inint) [00:11:11] do meu filho, porque ele foi um filho maravilhoso, muito estudado, com 19 anos, ele tinha todos os cursos, estudo, uma coisa que Deus trouxe ele para mim, mas chegasse um tempo, ele ia recolher, e hoje eu falo que eu sou uma pessoa forte, e passei por muitos problemas, (inint) [00:11:44] depressão muito profunda, mas hoje, graças a Deus, eu passo o meu caso para muitas pessoas.

Christiane Novas: Essa força.

F3: É, essa força para muitas pessoas, porque hoje tem pessoas que as vezes já perdeu um ente querido, mas nunca superou, e eu superei porque eu aprendi a ser forte com a dor, eu tenho a minha filha, tenho uma netinha de oito anos, e eu acho que as vezes a gente fala "(inint) [00:12:27] deixar", as vezes eu mesma cansava de falar, se um dia eu perder meus filhos, eu vou morrer junto, mas a gente não morre, porque a gente aprende a conviver com aquela dor, para poder (inint) [00:12:42], e hoje eu sou uma pessoa que eu falo, todos os meus problemas que eu passei, tudo

eu falo para outras pessoas, porque as vezes nem tudo a gente vai se entregar, a gente tem que se entregar aquele problema, porque as vezes (inint) [00:13:10] tem que ser forte.

Christiane Novas: E eu acho que é um sentimento que permeia essa história também, a gente estava falando da mãe que deixou os filhos e tem que aprender a conviver com essa dor, e ela não vai desistir ali, a partir dessa dor, ela vai ter a superação para poder viver tudo que ela precisa, que é o que você falou, a gente não morre, mas não é fácil.

Daniela Pellossi: Essa superação é muito difícil, eu vivi isso na minha casa também, eu perdi uma irmã com 21 anos, e ver o sofrimento dos meus pais, mesmo os nossos de irmão, eu penso, se eu como irmã sofri, imagina a minha mãe, eu vi que ela perdeu muito da alegria da vida, por muito tempo, foi uma situação muito difícil mesmo, e hoje vendo a minha mãe, meu pai, como eles conseguiram passar por isso, eu admiro muito essa superação, porque não é fácil mesmo. Eu acho que você falando disso, das pessoas, quando a gente fala, ajuda um pouco a tirar o peso.

Christiane Novas: Você ajudou muita gente também.

F3: (inint) [00:14:20] pessoas que nem eu (inint) [00:14:24], eu já ajudei muitas pessoas que passaram pelo mesmo problema que eu passei, e não superou, mas como eu cheguei, falei (inint) [00:14:38], a gente tem que (inint) [00:14:41], porque se a gente for se entregar (inint) [00:14:45], acaba a gente (inint) [00:14:49] uma besteira, que nem eu já ajudei muitas pessoas, as vezes tem pessoas que me (inint) [00:15:01], aquilo que você me falou, eu estava pensando, (inint) [00:15:08] fazer uma besteira, ou tirar minha própria vida, mas o que você me falou foi uma coisa que me fortaleceu, e hoje (inint) [00:15:19], é muito legal quando você (inint) [00:15:25], uma palavra que você ajuda alguém, (inint) [00:15:31], é muito legal, eu mesma, eu superei, eu falo que as vezes eu mesma eu mesma, porque como eu perdi meu menino, eu fiquei pesando 32 quilos, (inint) [00:15:49], eu fiquei praticamente quase vegetando, tentei tirar minha vida duas vezes, mas (inint) [00:16:00], se eu for fazer isso, eu não vou ver meu filho, eu não vou ver ele e (inint) [00:16:07], e eu (inint) [00:16:13], viver para a minha filha, viver para o meu marido e para muitas pessoas, e até pela minha mãe e pelo meu pai, e eu (inint) [00:16:39] mesmo (inint) [00:16:40] que eu vou superar, eu vou estar contando o meu problema para salvar outras pessoas, e foi o que aconteceu, hoje eu não tomo nenhum tipo de remédio, nada, não tomo, e parei com a minha (inint) [00:17:00], eu passava (inint) [00:17:02], psicólogo, terapia, tudo eu passava, eu cheguei nos médicos e falei "a partir de hoje (inint) [00:17:12], não quero nada disso, nem remédio, nem nada", eles falaram "você não pode, porque você entrar em uma crise e não ter salvação", eu falei "tem sim", e hoje eu estou aqui, e conto minhas histórias, as pessoas falam "você não pode (inint) [00:17:31], você (inint) [00:17:34]", não, porque eu vou superar, eu creio que nós, todos nós que as vezes Deus traz nós ao mundo (inint) [00:17:48], e traz as vezes as pessoas vem (inint) [00:17:52], bebezinho, eu (inint) [00:17:56], idoso, e eu falo que meu filho, Deus me deu ele só para eu superar e ser forte, porque (inint) [00:18:07], ele já veio para através de mim salvar outras pessoas, foi o que Deus preparou para mim, meu filho foi uma história que eu não podia (inint) [00:18:29], e engravidei do nada, quando eu descobri que estava grávida dele, eu já estava quase entrando nos cinco meses, e eu passava mal, fazia exame, não dava nada, tudo quanto era tipo de exame, raio x, meu filho nasceu e foi gerado nas trompas, coisa que é muito perigoso, é disso que eu falo, meu filho

foi um milagre e uma obra de Deus, que Deus trouxe para mim, e através de mim, contar essa história para outras pessoas e ser uma superação.

Christiane Novas: Que histórias fortes. O que vocês acham, não sei, eu estou pensando aqui que a gente vai ter que... eu gostei da mensagem que vocês trouxeram, de compartilhar isso com as pessoas para ajudar elas a superarem as histórias delas, eu estou pensando em como a gente pode pensar em uma cena que traga a força dessas histórias que vocês compartilharam, tem muito a ver com o que a gente conversou, mas que traga força, temos que pensar a mensagem que a gente quer, assim como a gente aqui se tocou, com histórias de vocês, como a gente leva para que as pessoas ali também... elas não vão ter a oportunidade que a gente teve, infelizmente, mas a gente pode levar um pouquinho dessa fortaleza ali para frente também.

F4: E é nesse formato de cena mesmo?

Christiane Novas: É.

F4: Não sou do teatro, não sei muito.

M1: Eu também sou terrível.

F4: Eu sou muito tímida.

Christiane Novas: Ninguém é ator aqui, fiquem tranquilos, a gente vai todo mundo experimentar um lugar ali, mas que a gente está bem munido de informação, acho que a gente está com o sentimento bem... você quer compartilhar alguma coisa, não sei se alguém mais quer falar?

M2: Eu sou, na verdade, o (inint) [00:20:46], eu deixei minha família, meu pai e minha mãe, e minha irmã também, eu tenho um irmão, ele está nos Estados Unidos agora, as vezes eu acho para eles, que a gente é um país pobre, tem (inint) [00:21:21], quando eu estou comendo, eu penso neles, porque eu não sei se eles comeram também, porque tem dificuldade, é difícil para (inint) [00:21:48], as famílias, para viver sozinho, é difícil, eu vivo aqui no Brasil com um irmão, um primo e uma prima, (inint) [00:22:06] família (inint) [00:22:10], meu pai, minha mãe.

Christiane Novas: E eles são sua família aqui no Brasil, é um irmão e um primo.

M2: Eu não tenho nenhum irmão, só um primo e uma prima.

Christiane Novas: E tem um irmão seu que está nos Estados Unidos.

M2: Um irmão nos Estados Unidos, eu tenho uma irmã, ela está no Haiti.

Christiane Novas: Ela está no Haiti. E você tem contato com ela também?

M2: Sim.

Christiane Novas: E ela está bem lá, ela tem vontade de vir também? Ela também quer vir para o Brasil, ela está bem lá?

M2: Eu acho que um dia eu desejo que nós vivamos juntos.

Christiane Novas: Não é fácil. Histórias fortes. Obrigada, gente, por partilhar.

F: Obrigada por compartilhar, gente.

F4: Seu português já é muito bom.

Christiane Novas: Você está a um ano aqui.

M2: É a escola.

Christiane Novas: Parabéns, não é fácil aprender outro idioma, eu só falo português. Bom, eu estou tocada com a história de vocês.

Sandra Santella: Acho que a gente podia encenar uma partida, uma despedida.

Christiane Novas: Legal. É profundo, a gente falou muito sobre isso, sobre partidas, as três histórias são partidas, partidas potentes, inclusive. Cadê um diretor de teatro para ajudar a gente?

Sandra Santella: A gente não tem a Bianca, Bianca, cadê você?

Christiane Novas: Minuto 24, a gente mostra para ela que a gente sentiu falta dela. Acho que ninguém falou nada de tempo ainda.

Fernanda Liberali: Já pensaram na cena também?

Daniela Pellossi: Estamos começando agora.

Fernanda Liberali: (inint) [00:24:37].

Christiane Novas: Legal. Três cenas? Nossa senhora. Mas eu estou feliz, porque o que a gente compartilhou foi tão legal. Eu gostei da ideia da partida. Vocês gostam da ideia da partida?

Sandra Santella: Eu acho que a gente podia estar todo mundo junto, em um círculo como a gente está, e que a gente estivesse fazendo de conta que está conversando, está entrosado, a gente levanta, escolhe uma ou duas pessoas para se despedir, e faz a cena, a despedida.

Christiane Novas: E pode ser uma cena silenciosa também, com esses sentimentos que a gente trocou aqui, uma partida de um filho, uma partida de você vindo para São Paulo, deixando os filhos, ele deixando a família, ela perdeu a irmã, a gente tem histórias fortes, você morou fora, todo mundo tem partidas, deixar esse sentimento dentro da gente para esse abraço ter essa sensação, eu acho que a gente vai conseguir passar isso para as pessoas, não é um tchau, é uma partida profunda. Eu gosto. Amanhã é Dia das Mães. Deve ser difícil para você, para vocês, no caso. É que ela falou uma coisa, eu não sei como foi para você escutar a história dela, mas deve ser uma partilha muito boa para as duas, porque ela ainda tem aquela coisa, ela vai conseguir encontrar, eu tenho certeza. E você superou, são histórias muito incríveis.

F4: E através de muitas pessoas, (inint) [00:26:41], e a gente vai vendo que tem pessoas que as vezes passam pelo nosso problema, que a gente já passou.

Daniela Pellossi: A gente vê como tem problemas que a gente acha que são tão grandes, e não vê...

Christiane Novas: Na essência.

Daniela Pellossi: É, como tem problemas que precisam de muito mais superação. A gente precisa valorizar também o que a gente tem.

Christiane Novas: Quem vai partir? Quem vai embora da nossa roda da conversa? A gente vai estar conversando, gostei da cena, vocês acham que vale, essa ideia?

M: Pode ser.

Christiane Novas: Pode ser? Então todo mundo vai estar conversando, duas pessoas, talvez?

Sandra Santella: É, uma ou duas pessoas.

Christiane Novas: Cada uma para um lugar diferente, vai para um lado, e outra para o outro.

M1: Eu posso ir, eu vou embora.

Daniela Pellossi: Já incorporou.

Christiane Novas: E se a gente fizesse uma mulher e um homem para dar uma... fechado. Vocês partem...

Sandra Santella: Vocês querem acrescentar alguma coisa para essa cena?

Christiane Novas: A gente pode até... você é boa nisso, você pode até talvez falar um pouquinho, que a gente...

Sandra Santella: Depois se tiver um tempo de (inint) [00:28:35].

Christiane Novas: Você faz uma síntese maravilhosa. Bianca... dar um pause aqui, acho que pode parar.

[00:28:45]

PARTE 3: PERFORMANCES

GRUPO 1:

Larissa Mazuchelli: Vamos lá. A nossa peça se chama "Quero Colo", e ela será encenada em três cenas. Cena um.

(apresentação) [00:00:08]

F1: Tchau, papai.

M1: Tchau.

F1: Fica com Deus, vou sentir saudades.

M1: Eu também vou sentir muita saudade de você.

F1: Mamãe, eu estou com saudade do papai.

Larissa Mazuchelli: Quer colo?

F1: Quero.

Larissa Mazuchelli: Cena dois. Filho, fiz aqui uma macarronada para você.

M2: Eu não gosto de macarrão, você sabe.

Larissa Mazuchelli: Mas está uma delícia, fiz do jeitinho que você gosta.

M2: Mas você sabe que (inint) [00:01:04], você sabe por que eu não gosto de macarrão.

Larissa Mazuchelli: Mas come um pouquinho.

M2: Não gosto, me lembra minha vovó, e eu estou com saudade dela, porque eu fico mal, eu não gosto. Eu queria colo, um pouquinho.

Larissa Mazuchelli: Cena três.

F1: Mamãe, cadê o papai?

F2: O papai (inint) [00:01:40].

F1: Ele não vai voltar?

F2: (inint) [00:01:44].

F1: Quero colo, mamãe.

F2: (inint) [00:01:48].

F1: Obrigada, mamãe, eu estou com saudade. Vamos ficar (inint) [00:01:58].

Larissa Mazuchelli: Fim.

[00:02:02]

Fernanda Liberali: Bom, gente, (inint) [00:02:12]? Querem matar a gente, muito obrigada. Bom, gente, agora, grupo dois, vem para cá.

F: Vamos lá.

Rafael Pejão: (inint) [00:02:38]. A gente pode trazer a frente, (inint) [00:02:41], entrega...

[00:02:43]

GRUPO 2:

Fernanda Liberali: ...que vai se apresentar. Lembrando sempre que o importante é o que a gente está compartilhando das nossas histórias, das nossas vidas. As cenas são só desculpinha para a gente se conectar, está bom? Muito bem, gente, manda bala. Um, dois, três, ação.

(apresentação) [00:00:26]

Rafael Pejão: Bom, nós aqui somos uma agência de empregos, a gente é a agência de emprego um.

Vanessa Caires: Aqui é a agência de emprego dois.

Rafael Pejão: Por favor, podem entrar as pretendentes ao emprego.

F: (inint) [00:00:46] um emprego.

Rafael Pejão: A gente está pegando os currículos. Currículo, por favor.

Marcelo: Seu currículo.

Rafael Pejão: Nós vamos dar uma olhada, e a gente liga.

Marcelo: A gente fala com vocês.

Rafael Pejão: Você viu? Só mulher, toda vez é mulher.

Marcelo: É só o que aparece.

Rafael Pejão: Mulher é fraca, não aguenta o trabalho.

Marcelo: Não dá conta, depois engravida, pede licença.

Rafael Pejão: Ah, não. Deixa aí, depois a gente olha. Vamos ver se vem algum homem.

Marcelo: Se aparece alguma coisa.

Vanessa Caires: Agência de emprego dois aberta, podem vir as candidatas, por favor. Agência de emprego dois.

F: (inint) [00:01:32].

Vanessa Caires: Agência de emprego dois. Olha, muitas candidatas, esse é seu também. Agência de emprego dois, pode trazer, muito obrigada. Muito bem, nós estamos vendo aqui, podem chegar, por favor, podem vir mais perto. Nós estamos vendo aqui pelo histórico de vocês, pelo currículo, por tudo aquilo que vocês trazem aqui como histórico de vida, histórico profissional, que vocês são pessoas muito qualificadas, muito capazes, muito competentes, que tem uma história de vida que mostra para além do currículo de vocês a força e o potencial que vocês trazem, vocês mulheres, por virem de outras cidades e construir a história aqui em São Paulo, com certeza vocês tem muito a contribuir para nossa cidade. Estão contratadas.

(apresentação) [00:02:39]

Fernanda Liberali: Demais.

Larissa Mazuchelli: Fora agência um.

Fernanda Liberali: Muito bem, gente. Vamos sonhar que a gente (inint) [00:02:54] pelo menos uma agência que fique entre a um e a dois. (inint) [00:03:01] viver bem intensamente, todo mundo que está procurando um emprego possa ter um grupo que possa dar apoio para que isso acontecer, está certo? Vamos ficar aqui fazendo força e pensando como a gente pode contribuir para isso, para esse processo. Agora eu sou do grupo três, e a gente também deseja que vocês deem para nós uma salva de palmas. Nossa peça também acontece em dois momentos, e vocês vão ver. Primeiro momento, cena um.

(apresentação) [00:00:25]

Fernanda Liberali: Filhinho, você está indo embora, mas lembra que o que a mamãe fala sempre, não tem como você ficar fazendo mal criação, falando mal das pessoas, você tem que ser sempre respeitoso, lembra disso, seja carinhoso, respeitoso, cuidadoso com as pessoas, mesmo longe, não esquece do que eu falo.

M1: Eu prometo, mamãe.

Fernanda Liberali: (inint) [00:04:01] me dá um abraço, não sei como eu vou ficar sem você, filhinho. Vai ser muito duro, mas você vai ser muito bem sucedido lá, lembra disso. Vai lá. Força. Cena dois.

Mônica Lemos: E aí, (inint) [00:04:22], beleza? Gosto muito do seu trampo, você respeita muito as pessoas, gosto do jeito que você cuida dos outros, respeita as minas, respeita os minos, gosto muito do jeito que você trabalha, está ligado?

M1: (inint) [00:04:37], isso é muito bom, pode (inint) [00:04:40] você e (inint) [00:04:42], é o primeiro na família, o segundo (inint) [00:04:48].

Mônica Lemos: Valeu.

[00:04:51]

Fernanda Liberali: Essa é a nossa história. E agora vamos ao grupo quatro. Muito obrigada, pessoal.

F: Esse chefe está bem descolado.

Fernanda Liberali: Esse chefe está (inint) [00:05:21].

F: Esse chefe é (inint) [00:05:37] empresa boa de trabalho.

Fernanda Liberali: Tudo muito bem? Tempinho, gente, eu sou aquela bailarina que (inint) [00:05:50]. Tem isso, fica alguém fazendo palhaçada (inint) [00:05:56], sou eu. Pronto? Um, dois, três, palma para eles. E com a energia da apresentação deles, um, dois, três, cena.

(apresentação) [00:06:16]

F1: Bom, gente, é isso, a vida é muito difícil, tem muita coisa para fazer, e tudo mais, cada um tem um destino, como as coisas andam,

F2: Eu vou morrer de saudade, gente.

M2: Eu também, mas é hora. Tchau. Até mais, pessoal.

F: Fim.

[00:07:25]

Fernanda Liberali: Haja coração. Todo mundo aqui para frente, todo mundo. Uma rodinha. Parabéns para todos os grupos, uma rodinha.

[00:07:49]

GRUPO 3:

Fernanda Liberali: Como a gente pode contribuir para isso, para esse processo. Agora eu sou do grupo três, e a gente também deseja que vocês deem para nós uma salva de palmas. Nossa peça também acontece em dois momentos, e vocês vão ver. Primeiro momento. Cena um.

(apresentação) [00:00:25]

Fernanda Liberali: Filhinho, você está indo embora, mas lembra que o que a mamãe fala sempre, não tem como você ficar fazendo mal criação, falando mal das pessoas, você tem que ser sempre respeitoso, lembra disso, seja carinhoso, respeitoso, cuidadoso com as pessoas, mesmo longe, não esquece do que eu falo.

M1: Eu prometo, mamãe.

Fernanda Liberali: (inint) [00:00:47], então me dá um abraço, não sei como eu vou ficar sem você, filhinho. Vai ser muito duro, mas você vai ser muito bem-sucedido lá, lembra disso. Vai lá. Força. Cena dois.

Mônica Lemos: E aí, (inint) [00:01:08], beleza? Gosto muito do seu trampo, você respeita muito as pessoas, gosto do jeito que você cuida dos outros, respeita as minas, respeita os minos, (inint) [00:01:19] que você trabalha, está ligado?

M1: (inint) [00:01:23], isso é muito bom, pode (inint) [00:01:24] você e (inint) [00:01:27], é o primeiro na família, o segundo (inint) [00:01:32].

Mônica Lemos: Valeu.

[00:01:40]

Fernanda Liberali: Essa é a nossa história. E agora vamos a cena, ao grupo quatro. Muito obrigada, pessoal.

F: Esse chefe está bem descolado.

Fernanda Liberali: Esse chefe está (inint) [00:02:07].

F: Esse chefe é (inint) [00:02:19] empresa boa de trabalho.

GRUPO 4:

Fernanda Liberali: Tudo muito bem? Tempinho, gente, eu sou aquela bailarina que (inint) [00:02:35]. Tem isso, fica alguém fazendo palhaçada (inint) [00:02:41], sou eu. Pronto? Um, dois, três, palma para eles. E com a energia da apresentação deles, um, dois, três, cena.

(apresentação) [00:03:06]

F1: Bom, gente, é isso, a vida é muito difícil, tem muita coisa para fazer, e tudo mais, cada um tem um destino, como as coisas andam,

F2: Eu vou morrer de saudade, gente.

M2: Eu também, mas é hora. Tchau. Até mais, pessoal.

F: Fim.

(apresentação) [00:04:10]

Fernanda Liberali: Haja coração.

[00:04:20]

PARTE 4 - TODOS OS PARTICIPANTES:

Fernanda Liberali: Todo mundo aqui para frente, uma rodinha. Parabéns para todos os (inint) [00:04:32], uma rodinha, uma roda (inint) [00:04:39], entra aí, Sara, atrás de vocês tem gente, entra aí. Está faltando, tem alguém aí atrás, quem são os que estão atrás? Tem gente atrás, entra aí. Falta uma, entra aí. Está todo mundo? Então vamos gritar juntos, energia, eu vou falar, um, dois, três, e a gente vai gritar. Um, dois, três...

Várias vozes: Energia.

Fernanda Liberali: Agora a gente vai fazer uma outra fala, a gente vai falar amor. Vou gritar, um, dois, três, a gente vai gritar amor. Um, dois, três...

Várias vozes: Amor.

Fernanda Liberali: E agora vocês vão ouvir a Vivi e a Lu, que vão falar para vocês sobre o que a gente está entendendo que seja essa ideia de amor, a partir de uma autora que a gente gosta muito, que se chama bell hooks. Vamos sentar no chão, sentar na cadeira, onde quiser, mas a Vivi e a Lu vão falar com a gente sobre isso. Vamos embora, gente, vou sentir com vocês.

F: Cris, cadê o livro para a gente mostrar?

Fernanda Liberali: Deixa eu abrir um espaço para você.

F: Eu tenho que ficar lá na frente.

Luciana Kool: A gente fala aqui então. Esse é o livro de que a gente tirou um pedacinho que a gente trouxe para vocês, ele fala tudo sobre o amor. Ela vai contando das muitas formas de amar nesse livro, e um que a gente escolheu é porque ela fala do amor de comunidade, e ela diz assim, vou até deixar depois a folha para vocês, se quiserem ler todo ele, mas ela fala assim, ela vai contando sobre o amor, sobre a comunhão amorosa que a gente pode formar para transformar, para poder enfrentar as coisas da vida, e ela diz assim "a estrada difícil é a estrada da conversão, a conversão das solidão e acolhimento, em vez de fugirmos da nossa solidão, e de tentar esquecer ou negar, temos que protege-la e transforma-la em um recolhimento proveitoso, a solidão é dolorosa, o recolhimento é pacífico, a solidão faz com que nós apeguemos aos outros por desespero. O recolhimento nos permite respeitar os outros, o que eles têm de singular, e criar uma comunidade". Tem um monte de coisa bonita que ela fala aqui do amor, eu vou deixar depois, quem quiser ler o capítulo todo pode também.

Viviane Carrijo: E complementando a fala da Lu sobre isso, quando ela coloca a ideia de recolhimento, eu fico pensando na fala que eu tive com o meu grupo, em que eu encontrei mulheres que vieram cada uma de um lugar diferente, tem gente que veio do interior daqui de São Paulo, gente que veio do Nordeste, do Piauí, veio as meninas do Haiti, eu mesma que vim do Mato Grosso contando a minha história, e eu percebo como na fala da bell hooks a ideia de amor como ato de resistência, em que a gente constrói junto com outras pessoas maneiras de seguir em frente, maneiras de superar as nossas dificuldades, de não estar sozinhos, sozinhas, nessa cidade enorme, nesse país capitalista, e que a gente tem tantas desigualdades sociais que a gente sofre na nossa pela essas dificuldades, essas desigualdades, pelo nosso gênero, de ser mulher, ou de ser homem, de ter essas masculinidades que são já taxadas de uma maneira para ser forte, ou então de ser preto, de ser branco, nem tanto branco, mas tem lá suas questões também, mas a gente vive as desigualdades, cada um de nós aqui. E como a gente vai superar isso, sozinho? Não tem como, a gente tem que construir junto com outras pessoas, o amor, e o que eu falo de amor, não é o amor romântico, é o amor de resistência, de celebrar a vida, viver celebrando a vida, principalmente nos tempos de pandemia, em que é tão importante a gente ainda estar vivo, e o estar vivo é uma resistência para a gente, é um ato de resistir, é uma oportunidade de criar, e de romper barreiras, junto com outras pessoas, que a gente possa celebrar isso, na nossa vida, em cada momento, e aqui com vocês hoje, eu celebrei isso, celebrei esse amor, esse contato, e de conhecer vocês, e de aprender

várias coisas também, para seguir em frente nas minhas dificuldades. Que a gente possa celebrar o amor como ato revolucionário.

Luciana Kool: Pode seguir em frente.

Fernanda Liberali: Vamos fazer quem (inint) [00:10:26]?

F: Já que a Vivi falou de celebrar, a gente vai convidar todo mundo para celebrar.

Fernanda Liberali: Vamos ficar de pé, para a gente fazer um (inint) [00:10:35]. Vamos lá. Essa brincadeira é assim, a Vivi falou sobre esse amor coletivo e essa circunstância de a gente celebrar, então a gente vai primeiro fazer uma atividade que é assim, eu vou falar uma coisa que já me passou, pode ser uma coisa feliz, uma coisa triste, uma coisa animada, o que tem a ver com isso que a gente está falando do amor, e eu vou falar "quem como eu", eu digo algo que reflete esse amor que eu já vivi. Quem já viveu isso vai fazer um passo à frente. Está certo? Depois volta, aí eu vou escolher outra pessoa, a gente fica na roda, e quem quiser, fala também, não vamos escolher, quem quiser, quem como eu já fez isso assim e assim. Está bom? Eu vou começar. Quem como eu já participou de uma atividade que encheu o coração de muita energia?

(apresentação) [00:11:37] até [00:11:42]

Fernanda Liberali: Passo para trás. Quem vai?

M: Será que foi hoje?

Rafael Pejão: Quem como eu ama seu país?

(apresentação) [00:11:56] até [00:12:04]

Luciana Kool: Quem como eu ama estar com pessoas?

(apresentação) [00:12:12] até [00:12:19]

Luciana Kool: Essas pessoas.

Larissa Mazuchelli: Quem como eu acredita em um futuro melhor?

(apresentação) [00:12:26] até [00:12:34]

Sandra Santella: Quem como eu tem um professor que transforma a vida?

Várias vozes: Eu.

Fernanda Liberali: Quem como eu tem alunos maravilhosos?

(apresentação) [00:12:49] até [00:12:51]

F: Está uma marmelada.

Mônica Lemos: Quem como eu não perde a coragem e nem a fé?

(apresentação) [00:12:57] até [00:13:07]

F1: Quem como eu ama sua família?

(apresentação) [00:13:11] até [00:13:17]

Marina Melo: Quem como eu gosta de aprender coisas novas?

(apresentação) [00:13:23] até [00:13:28]

F2: Quem como eu gosta de forte?

(apresentação) [00:13:30] até [00:13:35]

F3: Quem como eu ama o próximo?

(apresentação) [00:13:39] até [00:13:43]

M1: Quem como eu (inint) [00:13:45] para a (inint) [00:13:46]?

(apresentação) [00:13:47] até [00:13:53]

F4: Quem como eu ama o CIEJA?

(apresentação) [00:13:56] até [00:14:03]

Rafael Pejão: Quem como eu odeia o Bolsonaro?

(apresentação) [00:14:06] até [00:14:20]

M2: Quem como eu, ao contrário da (inint) [00:14:26]?

(apresentação) [00:14:26] até [00:14:33]

Daniela Pellossi: Quem como eu encontrou em amigos um amor praticamente de família?

(apresentação) [00:14:47] até [00:14:55]

Larissa Mazuchelli: Quem como eu sente muita saudade de muita coisa, mas vive com alegria e com o coração quentinho lembrando das coisas que causaram essa saudade?

(apresentação) [00:15:08] até [00:15:18]

F5: Agora eu. Eu amo estudar.

(apresentação) [00:15:25] até [00:15:32]

Christiane Novas: Quem como eu adorou a manhã de hoje?

(apresentação) [00:15:35] até [00:15:43]

Luciana Kool: Vamos?

Fernanda Liberali: Vamos.

Luciana Kool: Então vamos.

F: Sim, vamos.

Luciana Kool: Para a gente ir encerrando, eu vou convidar, quem quiser, do mesmo jeito que a gente estava aqui na roda agora, a dizer uma coisa, e todo mundo vai junto agora, só que a gente tem que falar como se estivesse lá no lugar.

Fernanda Liberali: Animadinho.

Luciana Kool: Animado. Vamos para a praia agora?

Várias vozes: Sim, vamos.

Luciana Kool: Sandra, para onde você vai?

Sandra Santella: Meu Deus. Vamos sair para o parque, tomar um sorvete?

Várias vozes: Sim.

Viviane Carrijo: Vamos dançar.

Várias vozes: Sim.

Fernanda Liberali: E se a gente agora fizesse uma pose bem divertida? Vamos.

Várias vozes: Vamos.

Daniela Pellossi: Vamos dar um abraço coletivo?

Várias vozes: Vamos.

Fernanda Liberali: Vamos chegar para o meio.

Fernanda Liberali: Mais algum? Então, agora a gente vai tentar gritar bem forte, e vai falar de novo a palavra que é uma palavra que a gente escolheu para o dia, que é esse amor, que a Vivi e a Lu falaram. Vou contar até três de novo, a gente vai falar de novo essa palavra. Vamos lá, um, dois, três.

Várias vozes: Amor.

Fernanda Liberali: E eu quero pegar o que a amiga aqui falou, esse amor pelo CIEJA, a gente vai falar bem forte, com muita emoção, mandando muita energia para esse espaço tão especial que é o CIEJA, quando eu falar três, vocês vão gritar bem forte "CIEJA". Está bom? Um, dois, três.

Várias vozes: CIEJA.

Fernanda Liberali: E agora (inint) [00:18:22] está pedindo uma foto. (inint) [00:18:26], viva. E nós fomos pontuais pela primeira vez. Olha, agora tem mais uma coisinha que eu queria fazer, amanhã vai ser aniversário da Dani, e da Marina, que é uma amiga nossa, que não está aqui, está no Canadá, mas que ajudou a preparar isso. Tem mais alguém que fez aniversário por esses dias?

F: A Dani, falou que vai fazer dia 12, cadê ela?

Fernanda Liberali: Cadê a Dani?

Rafael Pejão: Grava para mandar para a Mari depois.

Fernanda Liberali: A gente depois vai mandar para a Mari, mas então a gente vai cantar um parabéns. Como o CIEJA é o lugar que a gente gosta, também vai ser para o CIEJA. Então, é a Dani, a outra Dani, a (inint) [00:19:15], e o CIEJA.

F: Vai lá, Dani, no meio da roda.

Fernanda Liberali: Ela vai representar o CIEJA, a Dani vai representar a Dani, e a Mari, e a outra Dani.

Larissa Mazuchelli: Ela é a Marina.

Fernanda Liberali: Você vai representar a Marina.

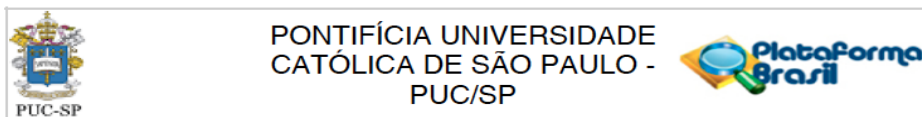
Fernanda Liberali: Vamos lá, um, dois, três.

Várias vozes: Parabéns para você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

Rafael Pejão: Viva a Dani, o CIEJA, tudo. Dani, Dani, Marina e CIEJA.

Fernanda Liberali: Para fechar, a gente vai fazer uma foto, todo mundo para o lado de cá.

ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA RETIRADO DO PORTAL - PLATAFORMA BRASIL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BRINCADAS: o inédito-viável em tempos de crise

Pesquisador: Fernanda Liberali

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44183621.0.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.092.795

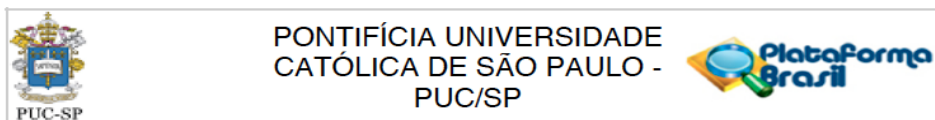
Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Protocolo de Pesquisa de Extensão sob a responsabilidade da Profa. Dra. Fernanda Coelho Liberali docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada: Estudos da Linguagem (PEPG em LAEL), vinculado à Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (FAFICLA) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

As informações citadas, no corpo do presente PARECER CONSUBSTANCIADO, nos campos: Apresentação do Projeto; Objetivo da Pesquisa; & Avaliação dos Riscos e Benefícios; foram extraídas do arquivo PDF denominado: "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1681777.pdf" resultado do preenchimento das 6 (seis) etapas do processo de submissão do presente PROTOCOLO DE PESQUISA via sistema integrado nacional Plataforma Brasil.

O supracitado documento informa que "(...) Este projeto surgiu como uma ação social e interventiva em resposta ao contexto da pandemia causada pela COVID-19. No início da quarentena, em março, Cathy Salit, uma ativista americana, convidou profissionais, nos quais me incluo, de diferentes áreas (palhaços, músicos, educadores, terapeutas e pesquisadores) para pensar ações para ajudar as pessoas por meio de atividades virtuais. Assim, foi criada a Global Play Brigade com representantes em diferentes países. No Brasil, convidei meus alunos e pesquisadores da PUC, além de profissionais de outras áreas para começarmos ações sociais e de

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
E-mail: cometica@pucsp.br	



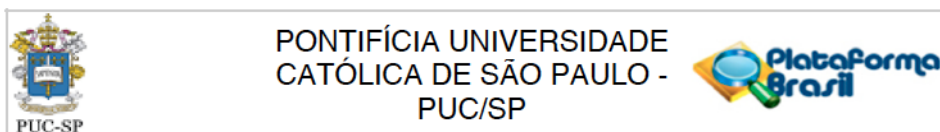
Continuação do Parecer: 5.092.795

intervenção por meio de redes sociais. Como a Global Play Brigade, nosso intuito não seria o de pesquisa e de produção de dados, o objetivo era o voluntariado social para oferecer recursos e novas alternativas para as pessoas criarem o ainda não vivido em tempos de pandemia. Com base em Paulo Freire (1970), o objetivo era levar e criar esperança junto com aqueles que participassem das atividades do grupo. Nossas ações se organizaram com o nome "Brincada" em quatro frentes: Brincada do Brincar promove ações com crianças, jovens e adultos para experimentar e criar por meio do brincar. A Brincada da Educação tem como foco a troca de experiências com pais, alunos e educadores sobre atividades e questões relacionadas à educação presencial ou à distância. A Brincada de Gestores Educacionais cria espaços de partilha entre gestores de instituições públicas e privadas sobre suas vivências e ações. A Brincada do Ouvir, em parceria com a Deep School, uma escola de Psicanálise, oferece momentos gratuitos de escuta para pessoas que estão passando por momentos de grande angústia em decorrência da pandemia e do isolamento social. Essas ações foram totalmente online via redes sociais – WhatsApp, Facebook, Instagram, Tik Tok, YouTube – e plataforma digital Zoom. Com essa estrutura, nossas ações alcançaram muitas pessoas e, com cada atividade desenvolvida, integrantes do grupo organizador que não eram alunos da PUC manifestaram interesse em desenvolver pesquisa de mestrado e doutorado nas Brincadas. Como bolsista produtividade do CNPq, acredito que a potencialidade de pesquisa de nossas ações por três motivos: 1) como projeto, as Brincadas têm impacto social, internacionalização e extensão, características necessárias à pesquisa; 2) relação com o cenário atual; 3) ações desenvolvidas pautadas no conceito de inédito-viável (FREIRE, 1970) e de brincar (VYGOTSKY, 1933). Devido a isso, decidimos em grupo, tornar as Brincadas projeto de pesquisa a partir de fevereiro de 2021. Dessa forma, o projeto Brincadas se abrirá para pesquisas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e iniciação científica, além de agregar alunos e professores das graduações da PUCSP na organização e execução das ações do projeto. Para integração da PUCSP, este projeto foi contemplado no dia 08 de dezembro de 2020 com auxílio da PUCSP e da FUNDASP pelo Plano de Incentivo à Extensão (PIPEXT) da PUC/SP.

Introdução:

Desde o início da pandemia da covid-19, membros-pesquisadores do Grupo de Pesquisa Linguagem e Atividade no Contexto Escolar (LACE), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), se uniram para colocar em prática ações sociais que pudessem minimizar os efeitos gerados pela crise global e consequente a necessidade do distanciamento social. Nesse sentido, as atividades foram organizadas de modo colaborativo e voluntário, pensadas a partir da identificação de anseios coletivos local, regional, nacional e internacional. O LACE integra um

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.092.795

amplo conjunto de pesquisas, que têm em comum perspectivas teóricas embasadas e afins aos princípios da Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (VIGOTSKY, 2001; LEONTIEV, 2014), situadas no campo metodológico da Pesquisa Crítica de Colaboração (MAGALHÃES, 1991, 2001, 2018) e com a tradição de realizar atividades que visam o transformar. Assim, em meio aos diversos acontecimentos e, em meio as consequências advindas em decorrência da pandemia da covid-19, grupos distintos de pesquisadores LACE, e colaboradores que a ele se juntaram, em um movimento de trocas de percepções e compartilhamento de ideias, colocaram em prática atividades com a finalidade de sanar diferentes necessidades que, no período de distanciamento social, foram identificadas.

Nessa direção, as Brincadas foram surgindo de acordo com as demandas da realidade e em consonância ao vínculo teórico-metodológico do grupo de pesquisa e pela conexão do grupo com o Eastside Institute de Nova Iorque que criou a Global Play Brigade. Essa brigada reúne pessoas de muitos lugares do mundo e tem como base o brincar com as mais diversas propostas. No Brasil, contamos com quatro frentes: A Brincada da Educação é uma frente que reúne, atualmente, participantes atuantes em diferentes áreas e realidades de educação, e tem como propósito compartilhar com pais e educadores questões relacionadas à educação presencial ou à distância, por meio de uma página na rede social Facebook, Instagram e YouTube, onde as interações acontecem e são viabilizados espaço e momentos para aprender e brincar. Com essa ideia, essa Brincada já tem mais de 3100 seguidores e mais de 5.000 pessoas alcançadas com a promoção de atividades síncronas, por meio de bate-papos com o uso da ferramenta Zoom, realização de lives pelo Facebook e Youtube, que consistem em atividade do tipo síncrona e assíncrona, além de disponibilizar no espaço publicações de interesses comuns a educadores e pesquisadores.

As publicações, que tiveram seu início em 15 de abril, contemplam formação profissional e pessoal destinada às famílias e educadores atuantes nos diferentes ciclos educacionais, da rede pública e privada. Inserida nessa Brincada, há também a Brincada de Gestores Educacionais que cria espaços de partilha entre gestores de instituições públicas e privadas sobre suas vivências e ações, em um grupo de WhatsApp e por meio de reuniões quinzenais nas quais esses profissionais compartilham suas dificuldades, potencialidades, ações e aflições. A Brincada do Brincar organiza-se a partir de uma programação semanal de atividades virtuais e lives pelo Instagram, Facebook, Youtube e Tik Tok, coordenadas por adolescentes de escolas municipais e Etecs de São Paulo. Além disso, essa Brincada oferece encontros virtuais mensais para desenvolver ações práticas da

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.795

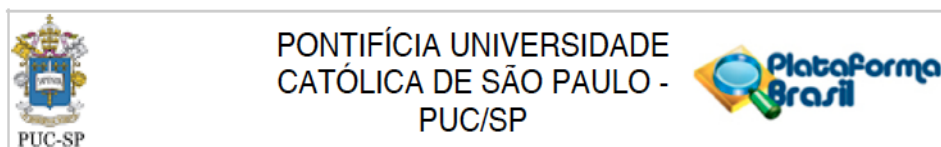
vivência escolar e situações sociais diversas com um público de todas as idades e diferentes áreas profissionais, principalmente, da educação. A primeira atividade síncrona dessa Brincada ocorreu no dia 04/05 em que jovens da China e do Brasil se encontraram para interação que envolveu danças típicas de ambos os países. Uma festa literalmente global em que brasileiros e chineses, dos dois lados do mundo, apresentaram músicas e danças.

No Festival de Arte da Juventude de Lakeside, na cidade de Chengdu (4,5 milhões de habitantes), capital da Província de Sichuan (81 milhões), no Sudoeste da China e, do outro, via aplicativo Zoom, ao som da música Casa de Bamba, na voz do seu autor Martinho da Vila, brasileiros de São Paulo, Rio e até da Bélgica, cantaram e sambaram na frente de suas câmeras para serem transmitidos para o público jovem, a maioria estudantes de cursos de Arte e Design, no chamado Lakeside International. O encontro foi também um evento de solidariedade. Ativistas e artistas da China, país que por ter já conseguido reduzir a disseminação da covid-19, vêm retomando a normalidade e estão utilizando a atividade cultural bilateral para sensibilizar empresários chineses para a arrecadação e doação de dinheiros e de equipamentos de proteção individual para profissionais da saúde no Brasil. A Brincada do Ouvir realiza, em parceria com a Deep School – escola de psicanálise, momentos gratuitos de escuta para pessoas que estão vivenciando estados emocionais carregados de angústia. Nessa Brincada, tem-se a participação de mais de 40 terapeutas e estudantes de psicanálise, voluntários que se dispuseram a atuar de forma gratuita no estabelecimento de contato com aqueles que precisam de apoio psicológico e emocional para lidar com os efeitos, especialmente do isolamento social.

O atendimento de escuta, realizado por profissionais de diferentes áreas: business, teatro e outras, falantes de francês, português e inglês, está à disposição das pessoas de muitas partes do mundo e acontece de forma virtual com o intuito de uma conversa. Com exceção da Brincada do Ouvir, todas as subdivisões do Projeto Brincadas têm material gravado em áudio e vídeo disponível nas redes sociais, bem como no canal de Youtube do projeto, no qual ocorrem todas as lives. Os encontros virtuais, via Zoom, foram gravados, mas não disponibilizados na íntegra nas redes sociais. Foram usados para divulgação e armazenados em minha nuvem pessoal do Drive.

A ampla divulgação e exposição dos vídeos na internet é parte das relações contemporâneas e digitais que, com a pandemia, tornou-se essencial para o convívio social apesar do distanciamento e isolamento. Exemplo dessas relações, são as lives coordenadas pelos jovens da Brincada do

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.092.795

Brincar. Como verdadeiro digital influencers, os adolescentes conduzem lives com temáticas jovens que abordam música, poesia, dança, debates sociais etc. Apesar de todo armazenamento e conteúdo na internet, não desenvolvemos pesquisa, pois, como já dito, não era esse o foco do projeto. A partir de 2021, esperamos atrelar o científico às nossas ações sociais e interventivas por meio de análise do conteúdo já disponibilizado e armazenado desde março de 2020, e do conteúdo que ainda será produzido de 2021 a 2023.

Metodologia Proposta:

Seguindo a proposta metodológica realizada pelo grupo de pesquisa LACE, este estudo, como outros que já conduzi, realiza-se por meio de Pesquisa Crítica de Colaboração, que tem como base a transformação intencional de contextos com o envolvimento de todos os participantes. Essa metodologia tem como pressuposto que o processo de transformação e envolvimento coletivo cria soluções compartilhadas e colaborativas que respondem às demandas dos sujeitos e suas comunidades. Esta é, portanto, uma proposta de pesquisa e de extensão que, de forma engajada, pretende oferecer melhores condições de vida para todos os envolvidos. Para isso, utiliza a criticidade e a colaboração como formas de ação que perpassam o modo de organizar a atuação dos participantes no contexto, bem como os meios de produzir, coletar, selecionar, analisar e interpretar os dados. Contexto da Pesquisa e Participantes O projeto se realizará a partir da investigação de práticas discursivas realizadas nas ações das Brincadas e seus impactos sociais, e na relação das Brincadas com a Global Play Brigade. Semelhante aos meus outros projetos, os integrantes do grupo atuarão na formação uns dos outros, a saber: Equipes de pesquisadores – compostas por professores doutores e alunos (graduandos, mestrandos, doutorandos e pós-doutorando) da PUC/SP e demais instituições parceiras, incluindo alunos de Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e privadas – serão responsáveis por organização e planejamento de atividades virtuais via Zoom, Facebook, Instagram, Tik Tok e Youtube em contexto nacional e internacional (na Global Play Brigade); e fundamentação teórica e constante análise dos dados gerados pelas atividades do projeto. Equipes de pesquisadores como membros dos grupos de apoio – compostos por alguns dos pesquisadores também responsáveis pelos planejamentos. Como colaboradores na criação de atividades virtuais, tornam-se responsáveis pelas discussões em pequenos grupos, quando no Zoom, ou em bate-papo nos comentários em Facebook, Instagram e Youtube. As atividades focais realizadas e que gerarão dados para o projeto serão: Reuniões quinzenais com pesquisadores e intérpretes de língua de sinais para preparação e reflexão sobre as atividades virtuais que serão desenvolvidas nas redes sociais do Brincadas e na

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
 Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.795

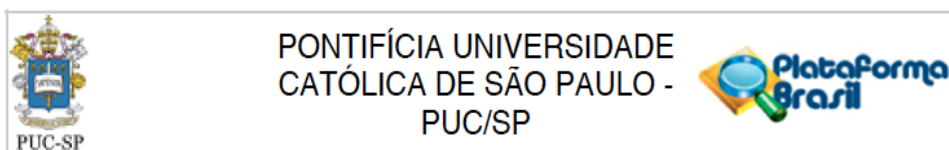
Global Play Brigade. Encontros virtuais mensais, via Zoom, com pesquisadores, intérpretes de língua de sinais, e pessoas de diferentes áreas e idades (crianças, adolescentes, jovens e adultos). Lives quinzenais ou mensais via Youtube, Zoom, Facebook e Instagram.

Mensagens escritas ou gravadas em áudio e vídeo via Whatsapp nos diferentes grupos do projeto Brincadas. Webinars, palestras, minicursos e oficinas que serão ofertados pelo Projeto Brincadas na PUC/SP. Eventos científicos organizados pelo Brincadas onde todos os participantes apresentarão resultados das atividades do projeto. Esta pesquisa obedecerá a determinações do Comitê de Ética da PUC/SP e se realizará após autorização dos envolvidos. A produção de dados se materializará nas práticas discursivas perpetradas durante as várias atividades do projeto. Esses dados serão recuperados por meio de vídeos, além de descrições e depoimentos feitos pelos participantes, pautas e atas, fotografias, filmagens dos próprios participantes com seus próprios celulares. Ficarão armazenadas no banco de dados de pesquisa e serão disponibilizadas para o banco de dados do Projeto Brincadas. Todo material usado nos eventos virtuais também será organizado por ano e data para se tornar parte do acervo do Brincadas. Igualmente, todo material desenvolvido pelos participantes e as trocas de e-mail/WhatsApp serão salvas e disponibilizadas de forma digitalizada na plataforma digital do projeto. Ou seja, os dados produzidos serão disponibilizados para todos os pesquisadores do grupo de pesquisa que vierem a realizar trabalhos acadêmicos sobre o projeto.

Metodologia de Análise de Dados:

A pesquisa focalizará o estudo das práticas discursivas materializadas em textos multimodais entre os participantes nas diferentes atividades, presenciais e virtuais, que comporão o projeto. Esse material será descrito, analisado e interpretado por meio de uma perspectiva dialógicoenunciativa (BRAIT, 2006), em que as categorias não são aplicáveis de forma mecânica aos dados. Um procedimento central dessa análise será a descrição do contexto, tendo como foco seu lugar e momento físico e social de produção e circulação, o papel dos interlocutores e seus objetivos. A observação e o estudo minucioso dos textos, transcritos de forma multimodal, também serão realizados para a busca de marcas multimodais e linguístico-discursivas na investigação das práticas discursivas. Vários critérios serão usados para garantir a credibilidade deste estudo, tais como: avaliação por pares, observações constantes, triangulação de dados, constante comparação e revisão dos resultados alcançados com as análises.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.092.795

Desfecho Primário:

- Internacionalização do projeto e da PUC/SP com o Global Play Brigade.- Atendimento à comunidade com Brincada do Ouvir.- Expansão das discussões teórico-práticas sobre o brincar.- Ofertas de cursos de pós e graduação sobre o brincar.- Ofertas de lives e webinars por meio da universidade.- Desenvolvimento de teses, trabalhos de IC e dissertações nas temáticas das Brincadas.- Ofertas de cursos para gestores via COGEAE.- Propostas de conferências e congressos sobre as temáticas das Brincadas.- Livro sobre o projeto.- Integração entre graduação e pósgraduação.- Estabelecimento de sessões de brincar como metodologia de acolhimento de alunos.- Consultorias, cursos e oficinas sobre os temas e modos de condução das Brincadas.- Teses de doutorado.- Dissertações de mestrado.- Trabalhos de Conclusão de Curso.- Publicações em periódicos nacionais e internacionais.

Tamanho da Amostra no Brasil: 15.000"

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar, descrever, analisar e interpretar as ações das Brincadas e seus impactos sociais; e as relações entre o Projeto Brincadas e a Global Play Brigade.

Objetivo Secundário:

- estudar, nas ações de cada Brincada, aportes teóricos que orientam o GP LACE, tais como: brincar, cadeia criativa, inédito-viável, agência; patrimônio vivencial; translinguagem e interculturalidade; multiletramentos; argumentação colaborativa, evento dramático, entre outros. - integrar alunos da graduação e pós-graduação em atividades colaborativas de organização de lives, encontros virtuais, divulgação científica etc;- garantir espaço para ação de escolas públicas e privadas por meio dos alunos participantes do projeto;- articular intervenções organizadas por integrantes da Global Play Brigade e do Brincadas (alunos de escolas públicas e privadas, graduação e pós-graduação).- atender às demandas sociais conforme necessidades emergentes na sociedade;- organizar cursos, oficinas e minicursos de formação teórico-metodológica do brincar para comunidade acadêmica da PUCSP; - possibilitar, em cada Brincada, o desenvolvimento de pesquisas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e iniciação científica.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 5.092.795

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Esperamos que a pesquisa não apresente riscos para os participantes, caso ocorram riscos digitais, por exemplo, arcaremos com as responsabilidades e pensaremos junto com os envolvidos sobre como resolver os problemas.

Benefícios:

O benefício social é crescente, pois o projeto estabelecerá inter-relação da universidade com outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada aos interesses e necessidades da sociedade, representada na comunidade escolar. As ações de pesquisa e de extensão deste projeto, portanto, constituem aportes decisivos à formação do estudante de pós e graduação devido à ampliação do repertório de suas ações acadêmicas e pelo contato direto com questões contemporâneas neste tempo de crise.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;

STATUS = APROVADO

2. TCLE - OK;

STATUS = APROVADO

3. Ofício de Apresentação - OK;

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

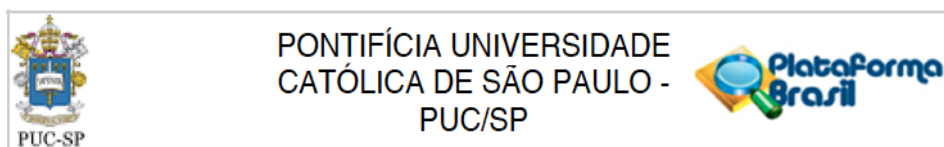
UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.092.795

STATUS = APROVADO

4. Projeto de Pesquisa - OK;

STATUS = APROVADO

5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;

STATUS = APROVADO

6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

STATUS = APROVADO

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sitio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1681777.pdf	04/01/2021 18:57:47		Aceito
Folha de Rosto	folha_De_Rosto.pdf	04/01/2021 18:56:25	Fernanda Liberali	Aceito
Outros	parecer_merito.pdf	04/01/2021 18:25:42	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	11_TCLE_BrincadadoBrincar_encontros virtuais.pdf	04/01/2021 18:19:11	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	3_TCLE_BrincadadoOuvir_escutado.pdf	04/01/2021 18:17:13	Fernanda Liberali	Aceito

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

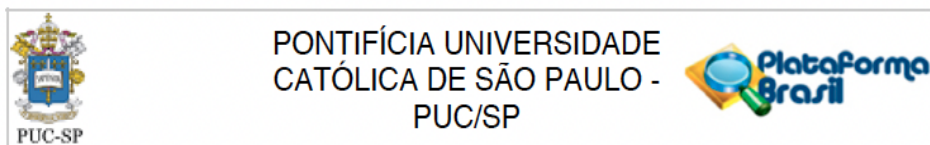
UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

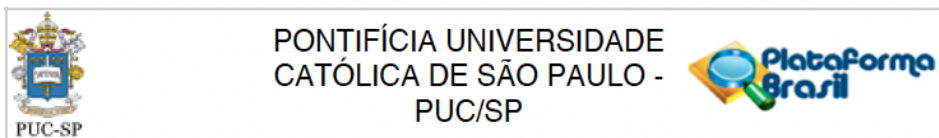
E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.092.795

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	4_TCLE_Brincada_do_Ouvir_escutador.pdf	04/01/2021 18:16:48	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	5_TCLE_BrincadadaEducao_respos.pdf	04/01/2021 18:16:25	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	6_TCLE_BrincadadaEducacao_todos.pdf	04/01/2021 18:15:05	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	10_TCLE_BrincadadoBrincar_resp_adol escentes.pdf	04/01/2021 18:13:06	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	9_TCLE_BrincadadoBrincar_responsave is_Live.pdf	04/01/2021 18:12:44	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	2_TCLE_BrincadadoBrincar_convvidados .pdf	04/01/2021 18:08:50	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	1_TCLE_BrincadadoBrincar_convvidados .pdf	04/01/2021 18:08:20	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_TCLE_BrincadadoBrincar_crianças.pdf	04/01/2021 18:06:30	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	8_TCLE_BrincadadoBrincaradolescente s.pdf	04/01/2021 18:03:33	Fernanda Liberali	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_BrincadoGestor.pdf	04/01/2021 17:54:12	Fernanda Liberali	Aceito
Outros	oficio_de_apresentacao.docx	04/01/2021 17:53:48	Fernanda Liberali	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	04/01/2021 17:52:36	Fernanda Liberali	Aceito
Orçamento	orcamento.xlsx	04/01/2021 17:52:14	Fernanda Liberali	Aceito

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
 Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 5.092.795

Cronograma	cronograma.pdf	04/01/2021 17:50:22	Fernanda Liberali	Aceito
------------	----------------	------------------------	-------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 09 de Novembro de 2021

Assinado por:

Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br